



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento da Educação

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar

Isabel Maria Faísco Anjo

Relatório Final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora:

Professora Especialista Celeste Rosa, Instituto Superior de Ciências Educativas

Coorientadora:

Professora Patrícia Santos, Instituto Superior de Ciências Educativas

[maio, 2020]

Ramada



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento da Educação

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar

Isabel Maria Faísco Anjo

Relatório Final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora:

Professora Especialista Celeste Rosa, Instituto Superior de Ciências Educativas

Coorientadora:

Professora Patrícia Santos, Instituto Superior de Ciências Educativas

[maio, 2020]

Ramada

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

“Toda a criança é um artista de qualquer tipo cujas capacidades especiais, mesmo que insignificantes, devem ser encorajadas como contributo para a riqueza infinita da vida em comum.”

Herbert Read (1966,p.17)

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Agradecimentos

Este relatório é o culminar de todo um percurso académico do qual fizeram parte diversas pessoas.

De maneira que, não posso deixar de reconhecer e agradecer àquelas que fizeram parte deste percurso académico.

A orientação nesta etapa foi fundamental, a qual partiu da Professora Celeste Rosa e da Professora Patrícia Santos, a quem agradeço a disponibilidade, o apoio e todos os conhecimentos que comigo partilharam.

Um obrigada, não será suficiente, pelo apoio, encorajamento, por todas as palavras de força e carinho, prestadas por parte da professora Celeste Rosa, foi sem dúvida uma âncora ao longo deste percurso.

O meu maior agradecimento vai para a minha mãe, pela formação, pela educação, pelos valores e princípios e, acima de tudo, pelo apoio incondicional. Obrigada pelas noites passadas acordadas ao meu lado, para eu não adormecer, e acima de tudo obrigada por sempre acreditares em mim e não me deixares nunca desistir do sonho.

Ao meu tesouro, a minha irmã, pela alegria e entusiasmo, que me alegraram nos momentos mais difíceis.

Ao Bruno, meu namorado, que me acompanhou nos momentos mais difíceis e também nos momentos mais felizes, dando-me força, carinho e amor que me confortou e ajudou a lutar por esta conquista.

À Ariana, minha melhor amiga, pelo apoio, pelas palavras de força e por me acompanhar ao longo desta etapa da minha vida.

Um especial obrigado, à minha colega Joana Pires, pelo companheirismo, amizade e cooperação e por todo o tempo que passamos juntas de volta do relatório. A todas as minhas colegas, companheiras de jornada, pela partilha e amizade.

Às crianças com quem desenvolvi o estágio, por se deixarem envolver neste projeto tanto ou quanto como eu e por me surpreenderem sempre que lhe propunha desafios, que eles superavam sempre de forma positiva e com um grande sorriso.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

À Educadora Cooperante Fernanda Serranito e auxiliar Lurdes por me terem recebido de braços abertos, pela partilha de conhecimentos, pelas palavras de apoio e de força. Foram uma peça crucial deste puzzle.

Por fim, deixo um agradecimento geral a todos aqueles que de uma forma direta ou indireta participaram em momentos importantes desta etapa.

Obrigada!

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Resumo

O presente relatório enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, baseia-se numa perspetiva de investigação-ação. Esta investigação foi desenvolvida numa instituição de rede privada e envolveu um grupo de vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos de idade.

Neste estudo foi explorado essencialmente o subdomínio das Artes Visuais, focando na promoção experiências de aprendizagem, explorando diversas técnicas/modalidades, de forma a favorecer o desenvolvimento da criatividade e da motricidade bem como de práticas inclusivas.

Foi traçada uma questão de investigação que orientou e influenciou todo o trabalho desenvolvido, servindo assim como um fio condutor para este estudo: “Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?”.

Neste estudo, pretendeu-se através de atividades apelativas, diversificadas, inovadoras, como o caso do recurso a artistas plásticos conceituados, bem como da aplicação de diferentes técnicas/modalidades inerentes às Artes Visuais, articular práticas inclusivas e desenvolver a motricidade fina.

A fundamentação teórica compreende cinco temáticas, sendo elas: (i) Formação Pessoal e Social, (ii) Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais na Infância, (iii) Desenvolvimento da motricidade na criança, (iv) A motricidade fina na educação pré-escolar, (v) A inclusão (vi) educação inclusiva e por fim, (vii) A relação entre as artes visuais e a inclusão.

Posteriormente ao período de observação, foi elaborada uma reflexão crítica tendo como base, as notas de campo, registos fotográficos, narrativas supervisivas e entrevista às crianças, o que foi crucial para obter respostas, às questões de investigação.

Este estudo apresentou vários pontos chaves, como a implementação de obras de arte, a exploração de materiais diversos e técnicas inclusivas de arte, o que motivou e estimulou a criatividade e o envolvimento das crianças nas atividades propostas.

Palavras-Chave: Artes Visuais, criatividade, inclusão, motricidade fina, pré-escolar.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Abstract

This report falls within the scope of the Master in Pre-School Education, based on a perspective of action-research.

This practice was developed in a private institution and involved a group of twenty-five children aged between four and five years old.

In this study, the Visual Arts subdomain was explored, focusing on promoting learning experiences, exploring various techniques / modalities, in order to favor the development of creativity and motor skills as well as inclusive practices.

A research question was outlined that guided and influenced all the work developed, thus serving as a guiding thread for this study: “What is the contribution of the involvement of visual arts with inclusive practices in a group of pre-school children?”

In this study, it was intended that through appealing, diversified, innovative activities, such as the use of renowned plastic artists, as well as the application of different techniques / modalities inherent to Visual Arts, articulated with inclusive practices, to develop fine motor skills.

The theoretical foundation comprises five themes, namely: (i) personal and social training, (ii) Domain of Artistic Education - Subdomain of Visual Arts in Childhood, (iii) Development of motor skills in children, (iv) Fine motor skills in education pre-school, (v) Inclusion (vi) inclusive education and finally, (vii) The relationship between visual arts and inclusion.

After the observation period, a critical reflection was elaborated based on the field notes, photographic records, supervisory narratives and interviews with the children, which was crucial to obtain answers to the research questions.

This study presented several key points, such as the implementation of works of art, the exploration of diverse materials and inclusive art techniques, which motivated and stimulated the creativity and involvement of children in the proposed activities

Keywords: creativity, early years, fine motor skills, inclusion, Visual Arts.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Abreviaturas

JI – Jardim de Infância

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II – Contexto Pré-Escolar

PES III – Prática de Ensino Supervisionada III – Contexto Pré-Escolar

UC – Unidade Curricular

PE – Projeto Educativo

EC – Educadora Cooperante

RB – Romero Britto

CM- Coordenação Motora

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	V
Abstract	VI
Abreviaturas	VII
1.Introdução	2
Capítulo II.....	5
1.Formação pessoal e social.....	6
2. Educação Artística	7
2.1. Educação e Arte	8
2.2. Artes visuais.....	9
3.O desenvolvimento da motricidade na criança	11
3.1. A motricidade fina na educação pré-escolar	12
4. Inclusão	14
4.1. Educação inclusiva	14
5. Relação entre a Artes Visuais e a Inclusão	16
Capítulo III.....	19
1. Opções metodológicas	20
2.Plano de investigação.....	22
.....	22
2.1. Descrição do esquema de investigação.....	23
2.2. Questões e objetivos de investigação.....	23
2.2.1. Caracterização do contexto institucional	24

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

2.2.2. Caraterização da Instituição	24
2.2.3. Caraterização do ambiente educativo.....	25
2.2.3.1. Dimensão organizacional:	25
2.2.3.2 Dimensão temporal	27
2.2.3.3 Dimensão Relacional.....	30
3. Caraterização do Grupo de crianças	31
3.1. Participantes do estudo	32
3.2 Instrumentos de recolha e análise de dados	33
3.3. Planos de ação no contexto educativo, no âmbito da problemática selecionada:	38
3.4 Justificação do(s) plano(s) de ação e intencionalidade pedagógica.....	40
3.5 Calendarização do plano de ação:.....	42
Capítulo IV	43
1. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	44
1.1. Descrição, análise e síntese reflexiva das atividades/tarefas/projetos implementados	44
Atividade 1- Arte Rupestre	45
Análise.....	49
Avaliação.....	50
Atividade 2- Sonhar como Miró	52
Análise.....	57
Avaliação.....	59
Atividade 3 -Visita da pintora Inês	62
Análise.....	67
Avaliação.....	67
Atividade 4- Pintura abstrata com a boca na luz negra.....	69
Análise.....	74

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Avaliação.....	75
Atividade 5- Pintura de Kandinsky com os pés.....	76
Análise.....	82
Avaliação.....	82
Atividade 6 - Romero Britto através de língua gestual.....	86
Análise.....	98
Avaliação.....	100
Atividade7-Exposição “Salpicos e Rabiscos com Emoção”	105
1.2. Triangulação de Dados: Aprendizagens Significativas	110
Capítulo V	121
1. Conclusões	122
1.1 Conclusões da Dimensão Investigativa.....	122
1.2 Implicações da Investigação para a Prática Profissional Futura	125
Referências Bibliograficas	127
1. Referências Bibliográficas.....	128
Apêndices.....	134
Anexos.....	161

Índice de Figuras

<i>Figura 1-</i> Planta da sala.....	26
<i>Figura 2-</i> Rotina Diária da Sala.....	28
<i>Figura 3-</i> Realização das tintas com especiarias.....	47
<i>Figura 4-</i> Pintura da gruta.....	47
<i>Figura 5-</i> Pintura do exterior da gruta.....	48
<i>Figura 6-</i> Pintura de um cavalo	50
<i>Figura 7-</i> Nível de Envolvimento.....	51
<i>Figura 8-</i> Apresentação dos objetos da caixa	53
<i>Figura 9-</i> Montagem do pintor Miró.....	54

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

<i>Figura 10</i> -Leitura da história.....	55
<i>Figura 11</i> -Sonhar como Miró.....	55
<i>Figura 12</i> -Projeção das obras no teto.....	55
<i>Figura 13</i> - Interpretação das obras	56
<i>Figura 14</i> - Representação das obras	57
<i>Figura 15</i> - Representação das obras dos participantes	58
<i>Figura 16</i> - Nível de envolvimento	59
<i>Figura 17</i> -Obra da M.....	60
<i>Figura 18</i> -Obra de Miró.....	60
<i>Figura 19</i> - Obra de L.....	61
<i>Figura 20</i> - Obra de Miró	61
<i>Figura 21</i> -Obra do T.F.....	62
<i>Figura 22</i> - Obra de Miró	62
<i>Figura 23</i> - Apresentação da atividade.....	64
<i>Figura 24</i> - Imagens da banda desenhada	64
<i>Figura 25</i> - Realização da pintura da banda desenhada.....	65
<i>Figura 26</i> - Realização da pintura.....	66
<i>Figura 27</i> -Resultado final	66
<i>Figura 28</i> - Nível de envolvimento.....	68
<i>Figura 29</i> - Preparação do ambiente de luz negra	71
<i>Figura 30</i> -Pintura com a boca.....	72
<i>Figura 31</i> -Pintura com luz negra.....	73
<i>Figura 32</i> -Resultado final da participante	73
<i>Figura 33</i> -Técnica explorada em casa	74
<i>Figura 34</i> -Nível de Envolvimento	75
<i>Figura 35</i> -Montagem do puzzle da obra.....	78
<i>Figura 36</i> -Montagem do puzzle do pintor.....	78
<i>Figura 37</i> - Puzzle do pintor.....	79
<i>Figura 38</i> - Puzzle da obra.....	79
<i>Figura 39</i> -Apresentação dos instrumentos.....	80
<i>Figura 40</i> -Iniciação da pintura.....	81
<i>Figura 41</i> -Nível de Envolvimento	83
<i>Figura 42</i> -Pintura da participante do estudo.....	85
<i>Figura 43</i> -Manobra com o pé.....	84

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

<i>Figura 44-1º Passo da pintura.....</i>	85
<i>Figura 45-2º Passo da pintura.....</i>	84
<i>Figura 46-Pintura da Obra do Participante do Estudo</i>	85
<i>Figura 47-Apresentação dos materiais</i>	89
<i>Figura 48-Cubo da língua gestual</i>	90
<i>Figura 49-Apresentação da Língua Gestual.....</i>	90
<i>Figura 50-Treino da língua gestual.....</i>	91
<i>Figura 51-Livro Inclusivo “O Som das Cores”.....</i>	92
<i>Figura 52-Leitura da História.....</i>	93
<i>Figura 53-Visionamento do vídeo da língua gestual.....</i>	93
<i>Figura 54-Diálogo acerca dos materiais.....</i>	94
<i>Figura 55-Obra “O Urso Amigo “</i>	95
<i>Figura 56-Manuseamento da massa.....</i>	95
<i>Figura 57-Divisão da massa.....</i>	96
<i>Figura 58-Modelagem da massa</i>	97
<i>Figura 59-Pintura da Obra</i>	98
<i>Figura 60-Elaboração do arco-íris</i>	99
<i>Figura 61-Pintura da obra “O coração”.....</i>	100
<i>Figura 62-Nível de Envolvimento</i>	101
<i>Figura 63-Língua Gestual</i>	102
<i>Figura 64-Língua Gestual.....</i>	102
<i>Figura 65-Língua Gestual</i>	103
<i>Figura 66-Manuseamento da massa.....</i>	103
<i>Figura 67-Manuseamento da massa.....</i>	104
<i>Figura 68-Manuseamento da massa.....</i>	104
<i>Figura 69-Elaboração do convite</i>	106
<i>Figura 70-Convite para a exposição.....</i>	106
<i>Figura 71-Pintura da saia.....</i>	107
<i>Figura 72-Resultado Final da saia.....</i>	107
<i>Figura 73-Montagem da exposição.....</i>	108
<i>Figura 74-Exposição.....</i>	109
<i>Figura 75-Apreciações Escritas</i>	110
<i>Figura 76-Média dos níveis de envolvimento.....</i>	113
<i>Figura 77- Média dos níveis de envolvimento.....</i>	115

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Índice de Quadros

Quadro 1-Arte rupestre.....	45
Quadro 2- Sonhar como Miró.....	53
Quadro 3- Pop Art	62
Quadro 4-Pintura com a boca.....	69
Quadro 5-Pintura com os pés.....	77
Quadro 6-Escultura com língua gestual.....	87
Quadro 7-Exposição	105
Quadro 8-Avaliação Pré e Pós Plano de Intervenção	111

Índice de Apêndices

Apêndice A-Entrevista à participante do estudo (M).....	135
Apêndice B-Entrevista à participante do estudo (M.F).....	137
Apêndice C- Entrevista ao participante do estudo (F.D).....	139
Apêndice D-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade).....	141
Apêndice E-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade).....	142
Apêndice F-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade)	143
Apêndice G-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade).....	144
Apêndice H-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade).....	145
Apêndice I-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade)	146
Apêndice J-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3ª Atividade).....	147
Apêndice K-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3ª Atividade).....	148
Apêndice L-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3ª Atividade)	149
Apêndice M-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4ª Atividade).....	150
Apêndice N-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4ª Atividade).....	151
Apêndice O-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4ª Atividade).....	152
Apêndice P-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (5ª Atividade)	153
Apêndice Q-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (5ª Atividade).....	154
Apêndice R-Ficha de observação do envolvimento da criança (5ª atividade)	155
Apêndice S-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6ª Atividade)	156
Apêndice T-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6ª Atividade)	157
Apêndice U-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6ª Atividade).....	158

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Índice de Anexos

Anexo A- Planificação 1º Atividade.....	160
Anexo B- Planificação 2º Atividade.....	164
Anexo C- Planificação 3º Atividade.....	168
Anexo D- Planificação 4º Atividade.....	172
Anexo E- Planificação 5º Atividade	176
Anexo F- Planificação 6º Atividade	181

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Capítulo I

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1.Introdução

No âmbito das unidades curriculares de Seminário de Investigação Educacional de Apoio ao Relatório Final e Prática de Ensino Supervisionada, inseridas no plano de estudos do mestrado em Educação Pré-Escolar, foi proposto a realização de um trabalho de investigação sobre a própria prática que tem como objetivo realizar uma investigação sobre a própria prática na qual defini como problemática, “Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?”. Tendo esta servido como fio condutor para este estudo.

Esta questão reflete o interesse da investigadora na área de conteúdo da expressão e comunicação, no domínio da educação artística. Relativamente ao subdomínio das artes visuais, este preconiza “A construção de conhecimento, através de um processo ensino aprendizagem mediado por recursos expressivos que leva o indivíduo a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente no seu próprio crescimento” (Ferraz & Dalmann, citado por Dias, 2012, pp.1-2).

No decorrer desta investigação pretende-se saber qual a importância dada às artes como promotoras da construção de conhecimento e aprendizagens.

Sabendo que a Educação Pré-escolar é considerada “a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), é primordial que esta seja assinalada por aprendizagens e vivências significativas para as crianças, evidenciando vivências artísticas.

É de facto importante trabalhar as artes visuais na educação, no “desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 48), e que estas contribuam “para a construção da identidade pessoal, social e cultural, para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação, para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural” (Silva, et al.2016, p. 48).

Partindo da questão principal, é identificada a questão do problema: “Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?”.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Deste modo houve necessidade de formular três questões de investigação, tais como:

- Poderá a diferença potenciar as artes visuais?
- Qual o papel das artes visuais no desenvolvimento da motricidade fina?
- Será possível relacionar a motricidade fina com práticas inclusivas?

Para dar resposta a esta questão, é formulado um conjunto de objetivos que orientam esta investigação:

- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças;
- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor das práticas inclusivas num grupo de crianças;
- Compreender a relação entre práticas inclusivas e a motricidade fina.

No decorrer desta investigação irá ser utilizado o paradigma participativo, o qual, de acordo com os aspetos chave a natureza do conhecimento científico é feita através da epistemologia da prática, a primazia do conhecimento prático e conhecimento em ação, de acordo com a acumulação de conhecimento científico.

Este é elaborado no seio de comunidades de investigação concebidas em comunidades de práticas, em relação aos critérios de qualidade da investigação estes promovem uma ligação ao experiencial, ao vivido, ao conhecimento da prática; conduz à ação com vista à melhoria das condições para o exercício da prática, de seguida os valores que devem ser incluídos ou seja devem ser revelados e têm um papel formativo, em relação á ética esta é intrínseca ou seja ligada ao processo de investigação.

A postura do investigador deve ser de envolvimento na ação através da prática reflexiva, clarificação da teoria por meio de narrativas e, outras formas de representação, e por fim a formação do investigador deve ser feita com a iniciação dos investigadores através do envolvimento ativo nos processos estudados, contudo nesta investigação irá realizar-se uma recolha de dados feita a partir de questionários e entrevistas.

Este estudo vai incidir numa abordagem qualitativa e como relatam Lessard Hébert, Goyette e Boutin (2005) "...a investigação qualitativa tem como objetivo a compreensão do

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

significado ou da interpretação dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência e de modo implícito, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e ao comportamento que manifestam”. (p.37)

Deste relatório fazem parte os seguintes pontos, o enquadramento teórico relacionado com o tema selecionado, a metodologia de investigação, apresentação e discussão dos resultados e por fim conclusões acerca da investigação.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Capítulo II

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1. Formação pessoal e social

A Área de Formação Pessoal e Social é uma área que está envolvida em todo o trabalho educativo, as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (OCEPE), (2016), da autoria de Isabel Lopes da Silva, Liliana Marques, Lourdes Mata e Manuela Rosa, referem que esta é:

considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância. Tal deve-se ao facto de esta ser a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições, que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária(p.33).

Esta área promove a relação da criança consigo mesma e com o mundo que a rodeia, desenvolvendo assim atitudes e valores que irão ser essenciais para a vida em sociedade. Assenta em pontos cruciais para a criança, tais como, o reconhecimento da mesma como agente do processo educativo, desenvolvendo uma identidade única construída através da interação social, influenciada pelo meio que a rodeia.

Sendo esta, uma área transversal, está presente em todas as outras, nomeadamente nas artes visuais, pois como sublinha Sousa (2003) quando se refere as estas teorias:

A arte é vista como uma forma de linguagem ou comunicação, mas não como uma linguagem comunicativa a nível da cognição ou conteúdos semântico mas em que a arte seja vista como uma linguagem de emoções, uma procura de vivenciar emoções, é algo que não se traduz através de palavras, mas sim por emoções, ou seja a arte é uma linguagem(p. 40).

As atividades relacionadas com as artes visuais, proporcionam assim diversas competências, nomeadamente a autoestima, autonomia, promove também valores morais e cívicos, tornando-se crucial para o desenvolvimento da personalidade de cada individuo.

Como refere Sousa (2003),

A educação pela arte é cada vez mais valorizada na educação, pois especialistas acreditam que esta propõe a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

contribuindo assim para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos e que motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade de forma lúdica e livre(p. 24).

Por conseguinte, a Área de Formação Pessoal e Social, é crucial em qualquer uma das áreas, sendo que nas artes visuais promove um envolvimento mais pessoal de cada criança.

2. Educação Artística

A Arte surge como essencial para uma educação completa e para a construção de indivíduos desafiadores da procura, da crítica, do conhecimento partilhado, da intervenção social e da autonomia, num contexto rico, diversificado e desafiador que é o nosso mundo atual (Montez, 2012).

Antes de explorarmos as Artes Visuais torna-se primordial falar primeiramente sobre as potencialidades da Educação Artística. Segundo Piaget (2000), na Educação Artística a criança experimenta, ultrapassa-se, conhece os seus próprios limites e fragilidades.

A criança expressa-se e reinventa-se, reforça e constrói a sua autoestima, criatividade e imaginação. Através da pintura, do desenho, da modelação, da dança, da música, da dramatização, a criança exprime sentimentos, ideias e emoções, libertando energias e comunicando com o mundo.

Na Educação Artística desenvolvem-se competências que propiciam o contacto entre a escola e a sociedade, permitindo construir a nossa identidade e colocar-nos como recetores na nossa cultura. Para isso, pretende-se que os educadores e as crianças tomem consciência e construam relações entre a sua identidade e as representações sociais sobre o mundo, valorizando a cultura artística, capacitando os mais pequenos para serem os “futuros administradores no nosso património” (Sanz, María, citado por Oliveira, 2013, p.2).

De acordo com o documento orientador, Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) de 2016, o tema das artes está expresso no domínio da educação artística, sendo que dentro deste domínio constam diferentes linguagens artísticas, tais como Artes Visuais, o Jogo Dramático/ teatro, a Música e a Dança, permitindo às crianças diversas

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

possibilidades de expressão e comunicação, sendo que todas tem a sua especificidade mas juntas se complementam.

Estas diversas formas de expressão/comunicação já estão presentes antes da criança ir para o jardim de infância, pois tanto no seio familiar como no seu dia a dia já teve oportunidade de pintar, cantar ou dançar.

Sendo que estas linguagens devem ser fundamentadas e desenvolvidas durante o processo educativo de forma intencional de modo a “que incentive um gradual conhecimento e apropriação de instrumentos e técnicas, o que pressupõe não só a expressão espontânea das crianças, como também a intervenção do/a educador/a.” (OCEPE, 2016, p.47).

O educador deve ser mediador do conhecimento tendo como base intenções pedagógicas que têm como objetivo ampliar e valorizar a representação simbólica e o sentido estético, e, por conseguinte, este deve proporcionar o contacto com várias formas artísticas de épocas, culturas e estilos diferentes, tendo como objetivo principal incentivar o espírito crítico e reflexivo de acordo com as mais diversas formas de ver o mundo.

2.1. Educação e Arte

Ao relacionar o tema da Arte com a Educação, é crucial iniciar com uma breve explicação acerca do que é a arte, que devido ao facto do tema ser muito abrangente o conceito torna-se incompleto e polémico, pois não existe uma definição concreta e consensual sobre o mesmo.

O conceito de arte em latim significa o conjunto de técnicas e normas aplicadas à realização de uma obra com destreza e perfeição. Enquanto que hoje constatamos que a palavra arte já remete para outro sentido: define a criação de objetos, imagens ou ações pelo Homem, com a intenção de exprimir ideias ou emoções (Pina, 2001).

A arte desempenha um papel muito importante no desenvolvimento das crianças, pois é de extrema importância que na aprendizagem, a criança tenha uma postura dinâmica, que se desenvolva agindo e que tome consciência de si e do meio que o rodeia.

As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e dão forma à identidade nacional.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Sobre a relação da arte com a educação, Rocha (2001) menciona que ao propor uma visão da arte e do pensamento que coloca a arte - quer na sua criação, quer na sua apreciação - no centro do processo educativo, Arnheim tornou-se uma referência essencial para todos os que consideram que a arte é um assunto fulcral na educação de todos os indivíduos.

Segundo Arnheim (1969):

A educação artística destaca-se por ser uma educação com objetivos muito específicos que proporcionem o desenvolvimento da personalidade, um equilíbrio relativamente á cultura, devido às vivências e experiências culturais em relação às letras, as ciências, e a arte e assim tem um papel importante de nos elevar para melhorar o desenvolvimento enquanto pessoa(p.10).

Sousa (2003) remete-nos para a ideia que esta educação é fundamental na construção ou no desenvolvimento da pessoa, pois esta proporciona prazer e alegria e ao estar ausente na educação pode levar ao desenvolvimento de atitudes baseadas no materialismo.

Deste modo é de extrema importância desenvolver esta educação no pré-escolar, pois esta promove valores morais e cívicos.

2.2. Artes visuais

Este subdomínio propicia o contacto com diversas experiências que servem de fio condutor para a criança ir mais a além do seu pensamento, ou seja, parte numa viagem pelo mundo através de um simples desenho ou pintura de acordo com a interpretação que lhe dá.

As artes visuais apoiam-se em diversas formas de expressões visuais, como a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura e a fotografia, em vários materiais específicos que lhe concedem uma entidade particular enquanto forma de expressão.

Derivado a isso, as OCEPE (2016) destacam, neste subdomínio das Artes Visuais:

- A exploração de diversos materiais de diferentes tamanhos, cores e texturas, “de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (p.49); a utilização cuidadosa desses materiais (papel de diferentes dimensões e texturas, diferentes tipos de lápis como pastel seco, tintas de várias cores; carvão, plasticina, barro, e outros materiais moldáveis; etc.);

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

- A utilização de outro tipo de materiais de uso reutilizável (tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão, etc.), para lhes darmos uma nova utilização, logo um novo significado, “o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (p.49), permitindo também desenvolver a imaginação e a criatividade;
- A exploração da cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores), a textura (mole, rugosa), as formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.), as linhas (retas, curvas, verticais, horizontais), as tonalidades (claro, escuro), a figura humana (retrato, autorretrato) e a desproporção e a proporção natural;
- Respeito pelos colegas e pelos seus trabalhos, bem como pelo espaço;

São variadíssimas as técnicas possíveis de realizar nas artes visuais em contexto de Educação Pré-escolar, como a pintura, o desenho, a colagem, a rasgagem, o recorte, o decalque, a modelagem, a escultura, a construção de objetos bi e tridimensionais, sendo estas ajustadas as capacidades de cada criança e do grupo.

Segundo as Orientações Curriculares Da Educação pré-escolar (2016), a promoção do:

Diálogo entre crianças e com o/a educador/a sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico. Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos (p.49).

É a partir deste diálogo reflexivo que a criança relaciona as suas vivências e conhecimentos com o que observa e analisa e, por conseguinte, com o que explora e constrói. O educador tem um papel fulcral na apreciação e valorização das artes visuais e na utilização de materiais diversificados que proporcionem novas experiências.

Segundo Dias (2012):

O cuidado com que o educador/professor aborda uma temática, a forma como ele apresenta a atividade e os materiais implícitos, o modo como clarifica o que se pretende da atividade e, acima de tudo, a maneira como ele “olha” todo o processo de construção da atividade e o resultado final, condicionará, de facto, o desempenho da criança(p.17).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

3.0 desenvolvimento da motricidade na criança

Os primeiros movimentos iniciam-se ainda dentro do útero da mãe, pois segundo Flinchum (1986), desde o nascimento, os bebés possuem atividade motora ativa, no entanto não são movimentos controlados, são reflexos involuntários, ou seja, movimentos que são executados sem qualquer finalidade, sendo estímulos normais que os bebés possuem.

Conforme o crescimento e o desenvolvimento das crianças, o cerebelo e o córtex cerebral vão sendo submetidos a uma maior maturidade e começam a ter mais controlo nos seus movimentos e na manipulação dos objetos.

De acordo com Caetano, Silveira e Gobbi (2005):

O desenvolvimento motor é um processo de alterações no nível de funcionamento de um indivíduo, onde uma maior capacidade de controlar movimentos é adquirida ao longo do tempo. Esta contínua alteração no comportamento ocorre pela interação entre as exigências da tarefa (físicas e mecânicas), a biologia do indivíduo (hereditariedade, natureza e fatores intrínsecos, restrições estruturais e funcionais do indivíduo) e o ambiente (físico e sociocultural, fatores de aprendizagem ou de experiência), caracterizando-se como um processo dinâmico no qual o comportamento motor surge das diversas restrições que rodeiam o comportamento(p. 6).

Ao longo do desenvolvimento da motricidade das crianças, são apresentados diversos movimentos considerados como iniciais, tais como o tocar, agarrar e apertar os pés e as mãos, e posteriormente a apreensão de objetos desenvolvendo não só a motricidade bem como o controlo visual.

Como esclarece Le Boulch (2001)” as sensações tácteis e cinestésicas têm também um papel precoce, até prioritário, não só na descoberta de certas qualidades como o liso, o rugoso, o pontudo, o redondo, o pesado, o leve, o brando, o duro, mas ainda pela ajuda que elas fornecem à visão no conhecimento do espaço“(p. 120).

Este desenvolvimento, ou seja a motricidade fina, vai sendo cada vez mais desenvolvido consoante o controlo que a criança demonstra ao agarrar objetos, sendo esse um dos atos mais importantes , pois é a partir daí que as crianças se desenvolvem a nível motor, aperfeiçoam a manipulação de objetos para que mais tarde sejam capaz de realizar

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

tarefas do seu quotidiano. Deste modo, “A execução de habilidades motoras, qualquer que seja o seu nível, requer um conjunto variado de aptidões que podem ser designadas genericamente por coordenação motora (CM) (...)” (Lopes, Lopes, Santos & Pereira, 2011, p. 16).

Segundo Flinchum (1986) “A criança em idade pré-escolar desenvolve movimentos básicos que serão necessários para o desenvolvimento posterior de outras habilidades motoras. Esta fase é o período mais crítico para que as formas motoras básicas sejam desenvolvidas corretamente” (p. 42).

Deste modo é crucial perceber que este desenvolvimento vai sendo amadurecido de acordo com a evolução da estrutura física, fator influenciador dos movimentos.

Esta ideia vai ao encontro de Caetano, Silveira e Gobbi (2005) os quais comentam que:

A idade pré-escolar é uma fase de aquisição e aperfeiçoamento das habilidades motoras, formas de movimento e primeiras combinações de movimento, que possibilitam a criança dominar seu corpo em diferentes posturas (estáticas e dinâmicas) e locomover-se pelo meio ambiente de variadas formas (andar, correr, saltar, etc.)(p. 6).

3.1. A motricidade fina na educação pré-escolar

Este desenvolvimento que acontece desde o nascimento, passa pelo desenvolvimento motor e posteriormente é desenvolvido no pré-escolar, sendo que a estimulação em casa também é bastante importante.

É fulcral que os educadores estimulem desde o início a motricidade partindo da realização de atividades relacionadas com as expressões plástica e motora.

Assim sendo, os educadores tem que ter em atenção a disposição dos materiais, estes tem que estar à altura das crianças consoante o seu desenvolvimento, pois, “A possibilidade de estabelecer relações entre os objetos no espaço passa pela orientação do corpo próprio, ou seja, pela utilização dos eixos descobertos na relação com o objeto para simbolizar o corpo ele mesmo objeto do espaço” (Le Boulch, 2001, p. 124).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

É notável o desenvolvimento das brincadeiras do seu dia a dia, pois estas tornam-se mais complexas, existindo uma evolução tanto das habilidades locomotoras como das manipulativas.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) é essencial perceber: (...) o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p. 58).

As atividades realizadas pelo educador na sala do pré-escolar têm um papel crucial neste desenvolvimento, particularmente as atividades de expressão plástica, motora e as brincadeiras.

Por conseguinte é importante evidenciar que a nível curricular as artes visuais têm um grande potencial em relação ao desenvolvimento da habilidade manual, constituindo um conjunto de experiências manuais essenciais para essa avaliação como a modelagem, o recorte, a colagem e outros que comprometam a utilização de instrumentos como pinças, no qual seja necessário a precisão com as mãos e com os dedos.

É de facto relevante a relação entre as artes visuais com a motricidade e a importância que esta detém para o desenvolvimento das habilidades finas e por conseguinte a evolução das funções básicas, as quais constam no dia a dia das crianças.

Le Boulch (1984) faz referência a estas experiências manuais que são importantes para estimular a criatividade da criança e desenvolver “(...) a habilidade manual, a coordenação e a precisão de gestos finos” (p. 67).

Em suma, na educação pré-escolar as crianças têm oportunidade para desenvolver a motricidade fina. Sendo que o educador terá que conhecer as capacidades do grupo e colocar à disposição os recursos, realizando atividades de expressão plástica, interligando as outras áreas pois todas elas são desenvolvidas em conjunto e assim torna a aprendizagem muito mais rica.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

4. Inclusão

Segundo Bautista (1997), o movimento chamado Normalização esteve na base do princípio de integração dos indivíduos com deficiência na sociedade, possibilitando-os de desenvolverem um tipo de vida tão normal quanto possível.

Contudo, segundo Salend (1998, cit por Martins, 2000), a inclusão integra “um movimento de famílias, professores e membros da comunidade, com vista à criação de escolas e outras instituições sociais, baseadas na aceitação, pertença e sentido comunitário”(p.40).

Perante esta afirmação a inclusão, pretende defender o direito de todas as pessoas fazerem parte da sociedade, de modo consciente e responsável, sem criar barreiras, respeitando acima de tudo a diferença.

Posto isto, é sem dúvida crucial, que a inclusão seja flexível quando se fala em dar respostas na educação de modo a promover a mesma a todos os alunos com qualidade, existindo a possibilidade de existência da exclusão educacional.

4.1. Educação inclusiva

Rodrigues (2000) refere:

A Educação Inclusiva é comumente apresentada como uma evolução da escola integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução, mas uma rutura, um corte, com os valores da educação tradicional. A Educação Inclusiva assume-se como respeitadora das culturas, das capacidades e das possibilidades de evolução de todos os alunos. A Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. É uma escola que reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade (p. 10).

Neste sentido só podemos considerar inclusão se esta for para todos e com todos, sendo fundamental a participação de todos os agentes educativos neste processo, representando a mesma como uma nova forma de encarar a diferença, reconhecendo-a como inerente a todos os indivíduos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

A escola é um espaço, onde as crianças passam a maior parte do tempo e por conseguinte vai se formando enquanto ser social, pois como Bahla et.al (1993), citados por Sprinthall & Collins (2003, p. 150) afirma "(...) a situação de sala de aula constitui uma influência determinante no seu desenvolvimento".

Derivado a esta influência, a criança portadora de deficiência, torna as suas limitações mais fáceis de lidar, tal como refere Laws e Kelly (2005), que compreender e fomentar uma boa relação entre pares é crucial para assegurar o sucesso da inclusão das crianças com necessidades educativas e a interação entre esta criança e os seus pares, cria laços afetivos.

Para Papalia, Olds & Feldman (2001), as crianças, através do contato com os seus pares, "desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade e intimidade, fortificam relações sociais e adquirem um sentimento de pertença. Estão motivadas para a realização e atingem um sentido de identidade. Aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras." (p. 484).

Com base nesta afirmação é possível perceber as vantagens da inclusão, tanto para a criança portadora de deficiência como para a criança sem deficiência, pois estas práticas inclusivas promovem a oportunidade de aprender a trabalhar com os pares, bem como a vivenciar experiências e realidades diferentes.

O educador, tem um papel crucial, para que esta inclusão seja positiva propondo atividades adaptáveis a ambas as crianças, de forma a que todos se adaptem e interajam entre si.

Para isso, a escola tem que estar preparada para dar respostas a esta inclusão, fazendo referência a Santos (2007), "a primeira função da escola é (...) tomar decisões e criar condições de processos democráticos funcionando como um centro cultural e educacional dos alunos, e da restante comunidade escolar"(p.19).

Porém para Rodrigues (2007), o objetivo da inclusão não é suprimir barreiras à aprendizagem, mas sim, ajudar o aluno a ultrapassar os obstáculos com que se depara no seu percurso escolar.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Sendo que, a educação pré-escolar, tal como está estabelecido na Lei-Quadro (Lei nº5/97, de 10 de fevereiro), destina-se às crianças entre os três anos e a entrada na escolaridade obrigatória, e é por isso considerada como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida.” (2016, OCEPE, p.5).

É necessário que o educador promova ações concretas de forma a possibilitar aprendizagens claras e concisas, na medida em que se construa uma escola inclusiva, com a devida participação de todos os intervenientes educativos, pais e comunidade, conforme Mazzota (1998):

No contexto da sociedade democrática que pretendemos construir, temos que propugnar por uma educação de qualidade para todos, seja através da “escola democrática”, da “escola para todos”, da “escola compreensiva”, da “escola integradora”, da “escola inclusiva” (...) O fundamental é compreendermos que a sua concretização depende de cada um e de todos nós, já que a inclusão ou não segregação implica essencialmente um sentimento ou atitude de respeito ao outro como cidadão. E tal proposta não comporta qualquer exclusão, sob qualquer pretexto(p.75).

Ao longo deste processo, foi primordial a criação do decreto de lei, que estabeleceu normas de forma a garantir a inclusão, é o caso do Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, que consagra “ Os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder, à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa” (nº1, do artigo 1.º).

Porém este processo só será possível se realmente não houver diferença a nível comportamental, nem curricular, perante os adultos e as próprias crianças, facto que terá que ser mediado pelo educador.

5. Relação entre a Artes Visuais e a Inclusão

A investigação relacionada com a prática das artes visuais em contexto de inclusão tem vindo a ser cada vez mais explorada, começando pela declaração de Salamanca (Brasil,1994), que fez declarar o movimento de inclusão como novo modelo educacional.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Contudo, esta inter-relação não tem sido fácil, pois de acordo com o estudo realizado por Morães (2007), acerca da inclusão por meio da arte numa escola regular, ficou demonstrado, que os professores consideram o ensino da arte como menos importante, do que as outras atividades académicas, menosprezando igualmente a habilidade do aluno com necessidades educativas, propondo atividades repetidas.

Como refere Reily (2001), quando há oportunidade de pintar, geralmente se subestima a criatividade, e os alunos especiais são convidados a colorir contornos antecipadamente determinados, em trabalhos manuais dirigidos. É essencial acreditar nas capacidades destas crianças com necessidades especiais, de forma a se expressarem significativamente.

Desta forma, o educador tem um papel bastante importante, de conhecer antecipadamente as capacidades e limitações dos seus alunos de modo a promover atividades de artes visuais adaptados a todos.

Perante tal situação, é imprescindível no percurso escolar, o ensino da arte inclusiva. Segundo Mantoan, et al (2006):

Aprender é uma ação humana criativa, individual heterogénea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores- essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele (p. 13).

A criança tem oportunidade de se expressar através de materiais e técnicas plásticas diversificadas, desenvolvendo assim a capacidade sensitiva, trabalhando também o controle emocional.

Para Vygotsky (1999), a imaginação é o alicerce de toda a atividade criativa e manifesta-se em todos os aspetos da vida cultural, possibilitando a criação artísticas, científica e técnica. Deve-se valorizar as experiências em artes, pois desenvolve a percepção dos sentidos, tornando-as mais abertas e criativas em relação ao mundo que as rodeia.

A este facto Lowenfeld e Brittain (1970), refere que como quase todos os distúrbios emocionais ou mentais estão ligados à falta de autoconfiança, é fácil perceber, como a

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

estimulação adaptada da capacidade criadora da criança pode fornecer salvaguarda contra tais distúrbios.

Por conseguinte a arte promove o desenvolvimento do pensamento crítico e visual, respeitando as diferenças de cada criança, despertando assim a construção da personalidade.

Como refere Carneiro (1997), os portadores de deficiência precisam de ser considerados, a partir de suas potencialidades de aprendizagem. Sob esse aspeto entende-se que a escola não deva tentar consertar o defeito do aluno, mas trabalhar as suas potencialidades, com vista ao seu desenvolvimento.

Um dos benefícios referente tanto, às artes visuais como à inclusão é para além do conhecimento da diversidade, o respeito acerca das limitações das crianças, potenciando assim as capacidades de cada um.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Capítulo III

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1. Opções metodológicas

O processo de investigação prevê um conjunto de metodologias e técnicas, com base no aprofundamento do conhecimento em torno do objeto de estudo.

Quivy e Campenhoudt (1998) afirmam que a investigação é por isso “(...) algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (p.31).

Inicia-se assim a investigação, com a identificação de um problema, de seguida formula-se uma questão partida, que serve de fio condutor, através do qual “(...) tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor”(Quivy & Campenhoudt, 1998, p.44).

O investigador, deve ter uma pertinência no estudo, reunindo primeiramente dados informativos referentes ao mesmo. Após uma recolha de dados referentes à investigação é necessário analisar, pois, como refere Demo (2000), esta pesquisa empírica destina-se ao tratamento da “face empírica e factual da realidade, produz e analisa dados procedendo sempre pela via do controle empírico e factual” (p.21).

Relativamente à metodologia utilizada, esta insere-se numa abordagem qualitativa, a qual como refere Aires (2015):

Apresenta várias fases durante o processo de investigação, havendo entre elas a relação entre as estratégias de pesquisa, a teoria, os métodos de recolha e análise de informação, a avaliação e a apresentação de todos os resultados do projeto de pesquisa desenvolvido (p.14).

O investigador é interveniente, deslocando-se ao local do estudo, abordando os participantes de forma direta, tornando-se assim participante. Observa e participa nas ações, tirando proveito das informações fornecidas pelos participantes do estudo. Para isso recorre a métodos de recolha de dados, que neste caso foram, a entrevista às crianças, as notas de campo, as fotografias, os vídeos e as narrativas supervisivas dialogadas.

Deste modo, o presente plano de investigação, insere-se no paradigma participativo, no qual Denzin e Lincoln (2000), propõe aos investigadores considerar o processo de

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

investigação como uma realidade participada e partilhada, “defende-se uma relação participada entre investigador e investigado” (p. 53).

Constitui assim uma investigação sobre a própria prática, que tem como objetivo a melhoria da prática e das suas aprendizagens, por conseguinte o professor tem que tomar uma posição reflexiva e ativa, é aquele que processa as informações de forma crítica e seletiva, dissemelhante daquele que as observa passivamente.

Relativamente à investigação realizada, esta é caracterizada por diversos aspetos tais como, planear com flexibilidade, agir, refletir, avaliar e dialogar, deste modo o educador tem um papel fundamental que consta em observar a criança e, por conseguinte, refletir acerca do que poderá manter e melhorar na sua prática pedagógica.

Quando se inicia uma investigação sobre a própria prática é importante formular questões orientadoras que nos ajudem a responder à problemática, assim sendo formulou-se uma questão principal , “Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?”.

Decorrente desta questão principal formulou-se um conjunto de objetivos, tais como:

- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças;
- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor das práticas inclusivas num grupo de crianças;
- Compreender a relação entre práticas inclusivas e a motricidade fina.

Com estes objetivos pretendo dar resposta ao problema, através da elaboração e execução de um plano de ação referente à investigação.

Em suma, enquanto futura educadora concordo inteiramente que é “da nossa responsabilidade e é a nossa função tentar compreender essa evolução pela investigação, pela inovação, na nossa ação” (Ambrósio 2001, p.13).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

2.Plano de investigação

Questão Principal

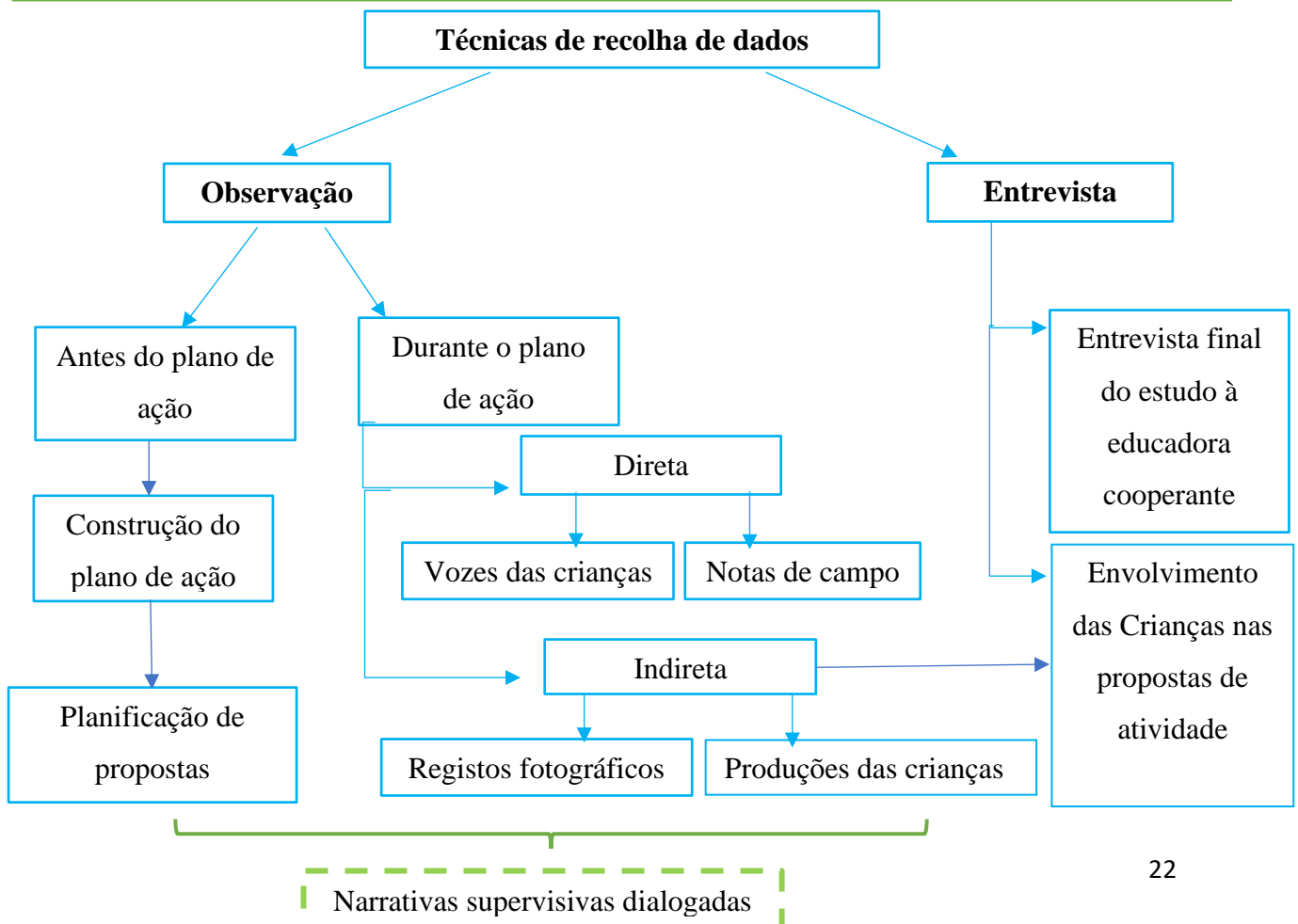
Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?

Questões de investigação

- Poderá a diferença potenciar as artes visuais?
- Qual o papel das artes visuais no desenvolvimento da motricidade fina?
- Será possível relacionar a motricidade fina com práticas inclusivas?

Objetivos

- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças
- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do práticas inclusivas num grupo de crianças
- Compreender a relação entre práticas inclusivas e a motricidade fina



O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

2.1. Descrição do esquema de investigação

O tema da investigação insere-se essencialmente na área de Formação Pessoal e Social, de acordo com a abordagem do tema a Inclusão e na área da Expressão e Comunicação, mais precisamente no domínio da educação artística, subdomínio das artes visuais, no que concerne à motricidade fina.

Segundo Teixeira (2006), as artes visuais, além das formas tradicionais – pintura, desenho, gravura, arquitetura, artefacto, desenho industrial -, incluem outras modalidades decorrentes dos avanços tecnológicos e das transformações estéticas que surgiram a partir a modernidade, como por exemplo, a fotografia, as artes gráficas, os quadrinhos, a eletrografia, entre outros.

Como tal, foram utilizadas técnicas de recolhas de dados, nomeadamente a observação, na qual se elaborou um plano de ação que pretende dar resposta aos interesses das crianças relativamente ao estudo e a elaboração de uma entrevista às crianças de modo a compreender e responder às questões elaboradas sobre o mesmo.

2.2. Questões e objetivos de investigação

A delimitação da questão de investigação, teve como principal intuito perceber como é que as crianças conseguem lidar com o impacto de práticas inclusivas, utilizando propostas de atividades de artes visuais e por conseguinte desenvolver a motricidade fina, promovendo assim um novo olhar sobre a diferença.

O presente estudo teve como objetivos:

- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças;
- Analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor das práticas inclusivas num grupo de crianças;
- Compreender a relação entre práticas inclusivas e a motricidade fina.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Os objetivos acima descritos têm como principal propósito responder à seguinte questão de investigação: “Qual o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar?”.

2.2.1. Caracterização do contexto institucional

A instituição onde foi desenvolvido o estágio situa-se no concelho de Odivelas, na zona histórica da cidade, tendo sido fundada no ano de 1981 por consequência de uma necessidade de alargar o espaço do 1º ciclo do ensino básico, situado também em Odivelas.

Assim, a presente Instituição veio colmatar uma carência de Creche e Jardim de Infância que existia anteriormente.

2.2.2. Caracterização da Instituição

O estágio em contexto de pré-escolar foi realizado numa instituição de carácter particular e desenvolve atividades vocacionadas para apoio a crianças, dando resposta não só às necessidades da localidade onde está inserida, como também às necessidades das localidades em seu redor.

É uma vivenda com R/C, 1º andar e um espaço exterior, o recreio.

No 1º andar existe um berçário com sala parque e sala de repouso, uma Sala dos 12 meses aos 24 meses, uma Sala dos 24 meses aos 36 meses, uma Sala dos três e quatro anos, um Gabinete de Direção, uma casa de banho para crianças e uma para funcionários, uma cozinha, um refeitório para a sala dos 12 meses aos 36 meses, uma dispensa e um espaço exterior, o recreio.

Já no R/C, consta a sala dos quatro e cinco anos e uma casa de banho.

Esta instituição tem capacidade para 60 crianças, sendo que a valência de creche alberga 20 crianças com idades compreendidas entre os cinco e seis meses e os 36 meses e a valência de pré-escolar alberga 40 crianças com idades compreendidas entre os três anos e os cinco anos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Fazem parte do quadro de Pessoal Docente da Instituição uma educadora coordenadora com função Pedagógica (Creche), uma educadora coordenadora com função Pedagógica (J.I) e duas educadoras de infância.

Do quadro de pessoal não docente, fazem parte três auxiliares de ação educativa (Creche), três auxiliares de ação educativa (J.I), uma cozinheira, uma auxiliar de serviço geral de limpeza e um administrativo.

2.2.3. Caracterização do ambiente educativo

Forneiro (2008), define que:

El ambiente como un todo indisociado de objetos, olores, formas, colores, sonidos y personas que habitan y se relacionan en un determinado marco físico que lo contiene todo y, al mismo tiempo, es contenido por todos estos elementos que laten dentro de él como si tuviesen vida. Es por eso que decimos que el ambiente «habla», nos transmite sensaciones, nos evoca recuerdos, nos da seguridad o nos inquieta, pero nunca nos deja indiferentes (p.52).

Esta autora aponta três dimensões, para caracterizar o ambiente educativo dissipadamente: a dimensão organizacional, temporal e relacional.

2.2.3.1. Dimensão organizacional:

O espaço é um lugar de bem-estar, alegria e prazer; um espaço aberto às vivências e interesses das crianças.

Como diz Formosinho (2011), um espaço pedagógico que se caracteriza pelo poder ético do respeito por cada identidade pessoal e social, tornando-se porto seguro e amigável, abrindo-se ao lúdico e ao cultural, é um garante das aprendizagens.

A organização do espaço, bem como a utilização dos materiais, faz-se consoante as necessidades do grupo, podendo este sofrer diversas alterações ao longo do ano.

A sala de atividades onde foi realizado o estágio está dividida em seis áreas de atividade que são utilizadas pelas crianças consoante as regras com elas estabelecidas.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

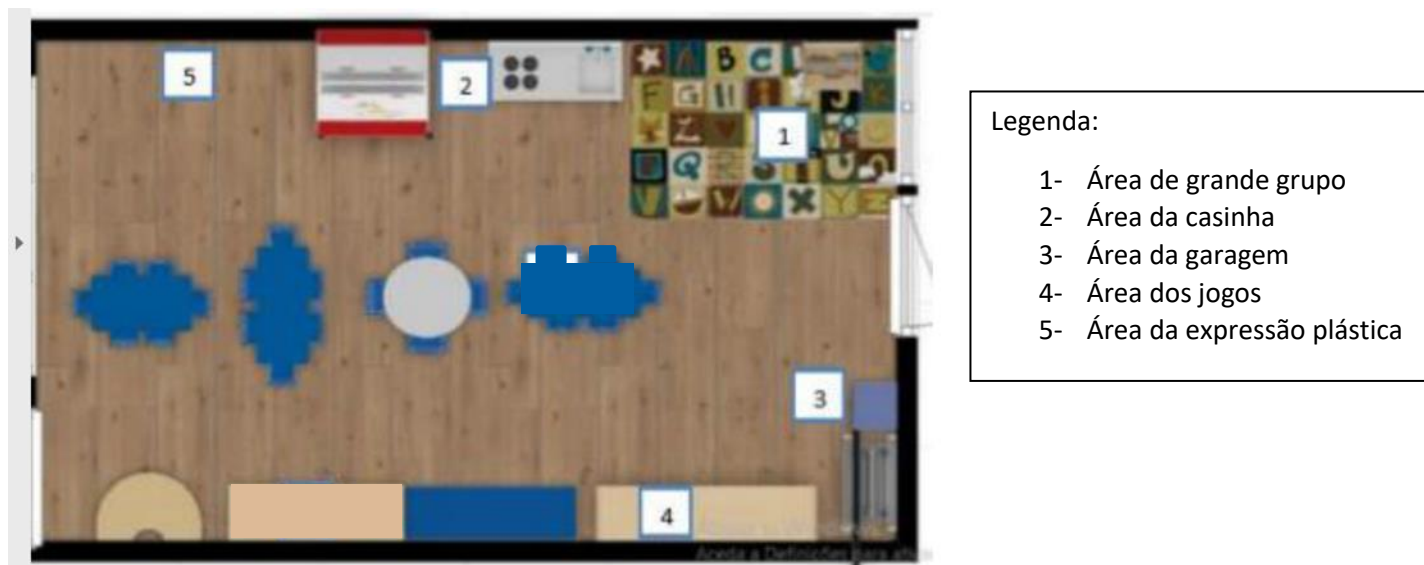


Figura 1- Planta da sala

Assim a sala contempla as seguintes áreas, a área da leitura que tem também como função a área de grande grupo, a área da casinha, a área dos jogos, a área das ciências, a área da expressão plástica que tem como função também a área de refeição e a área da garagem.

A área da casinha é onde as crianças podem brincar ao faz de conta e representar o seu mundo real. Esta é composta por mesas e cadeiras, loiças de plástico e inox, uma cozinha, bonecos, roupas e acessórios que permitem que as crianças representem diferentes pessoas ou mesmo situações do dia-a-dia.

Esta área permite que, as crianças desenvolvam a parte dramática pois elas vestem roupas, colocam acessórios e fazem diversos teatros inventados por elas ou apenas se vestem consoante o que tencionam ser/ representar, desenvolvem também a comunicação e a criatividade pois podem representar diversas profissões, bem como fazer de conta que, são mães ou pais, curiosidades acerca do mundo, que adquiram estimulando o gosto pela leitura, onde possam desenvolvam a linguagem e aprendizagem, bem como a partilhem a expressar as suas emoções.

Esta área é onde também as crianças têm a primeira reunião da manhã e onde ordenadamente marcam as presenças, falam sobre situações de casa e na escola, cantam a canção do bom dia e se introduz as atividades, sendo designada também por área do tapete.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

A área dos jogos permite que as crianças desenvolvam a concentração e o raciocínio lógico. Nesta área podemos encontrar diversos jogos associados a matemática, a português e outros mais lúdicos nomeadamente jogos de encaixe, puzzles, tangram, dominós, lotos.

A área da expressão plástica é bastante importante porque as crianças começam a elaborar os seus primeiros desenhos utilizando diferentes materiais e isso, permite, que, desenvolvam a motricidade fina e a coordenação motora. Nesta área, também, aprendem que algumas partes do corpo podem servir para pintar e, assim, várias obras e descobrir diversas texturas. Ainda existem diversos materiais tais como mesas e cadeiras, lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro, colas, folhas, tintas, giz, um quadro e um cavalete. Esta área reporta ainda as refeições.

A área da garagem por norma é mais procurada pelos meninos, devido ao facto de estes gostarem de fazer corridas de carros ou somente brincar com eles.

Contém uma garagem feita de madeira e uma caixa com carros e pistas.

A sala é ampla, o pavimento é confortável por ser forrado por um material adequado, o mobiliário é adequado ao tamanho das crianças pois as mesas e cadeiras têm tamanho suficiente para que possam ter uma postura correta quando realizam as atividades.

O mesmo serve para os armários onde se encontram os brinquedos que por norma se encontravam limpos e em bom estado e também existiam em grande quantidade e variedade.

Em relação a organização da sala permite que existam diferentes áreas para as crianças brincarem e aprenderem, existindo também vários placards onde estão afixados os trabalhos realizados ao longo de cada semana e ainda a existência nas paredes vários quadros, como o do tempo, o das presenças, o do comportamento e dos aniversários.

2.2.3.2 Dimensão temporal

Esta dimensão refere-se ao tempo, ou seja, a organização do dia-a-dia e os momentos em que serão utilizados os diversos espaços do Jardim de Infância e da sala de atividades. Em relação às rotinas diárias, estas são bastante importantes para as crianças, pois, permitem que estas se sintam seguras e que ganhem o sentido de responsabilidade.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações” (Silva et al, 2016, p. 40).

A rotina do grupo começa de manhã com a chegada das crianças e à medida que chegam, sentam-se no tapete para se dar início à marcação das presenças, à canção do bom dia e se inicia uma conversa acerca da atividade que ira ser proposta pela educadora.

Depois da atividade proposta pela educadora estar terminada, as crianças vão para o recreio onde brincam de forma livre. Após o recreio fazem a higiene e seguem para o almoço que tem a duração de 45 min. À medida que vão terminando dirigem-se para o recreio com a auxiliar.

Seguidamente as crianças que não dormem vão para uma sala ouvir uma história e brincar até ao final da sesta, antes do lanche ainda terminam atividades que foram feitas de manhã e brincar nas áreas até a hora do lanche. Por fim as crianças ficam no recreio até à sua saída ou se estiver a chover vão para a sala.

Horário	Rotinas
8h00 às 9h30	Acolhimento
9h30 às 10h00	Reunião da manha a
10h00 às 10h30	Atividades planeadas
10h30 às 11h00	Higiene / merenda
11h00 às 12h00	Almoço
12h00 às 12h15	Higiene
12h15 às 14h30	Sesta
15h00 às 15h30	Higiene
15h30 às 16h15	Lanche
16h15 às 16h30	Higiene
16h30 às 20h	Recreio

Figura 2- Rotina Diária da Sala

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Conforme a figura 2, as rotinas diárias são o primeiro aspeto que promove a interação das crianças com a comunidade educativa, equilibra e favorece continuidade, estabilidade e previsibilidade, sendo estes fatores que se refletem como sendo essenciais para um desenvolvimento saudável e harmonioso da criança. Quando estas rotinas são bem organizadas e coordenadas promovem um ambiente de segurança e confiança às crianças, entre outros.

O primeiro momento, o do acolhimento também designado como o momento das chegadas, deve ser tranquilo e caloroso de modo a permitir que haja uma separação saudável entre a criança e os pais, sem que ambos entrem numa situação de desconforto.

Neste momento é importante que o educador tenha uma postura de calma e tranquilidade de modo a transmitir confiança tanto aos pais como às crianças ao seu redor.

Durante o momento das refeições, o educador deve proporcionar um ambiente calmo e descontraído de modo a que as crianças possam desfrutar da sua refeição na companhia das outras.

O momento da higiene, ocorre com uma frequência muito regular ao longo do dia, o que promove a limpeza, o cuidado com a saúde e também o contacto físico com o adulto, promovendo de igual forma relações de confiança e segurança entre o adulto e a criança.

O momento da sesta proporciona o sono e o descanso necessários para o crescimento das crianças e para o seu desenvolvimento.

Segundo Kagan, Kearsley e Zelazo (1970), em termos fisiológicos, o sono permite que o cérebro trabalhe no sentido de consolidar as mudanças maturacionais do sistema nervoso central.

O momento de brincadeira livre consta num período em que as crianças exploram, investigam os materiais da sala e interagem com os pares, ou seja, é quando ocorre a maior parte da aprendizagem e quando a educadora tem oportunidade de observar e interagir sendo que também respeitam as necessidades de cada criança de modo a que esta explore e brinque ao seu ritmo.

Por fim o momento de atividades orientadas é o momento em que a educadora apresenta uma atividade planeada que contem objetivos específicos a desenvolver de acordo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

com o grupo, sendo que estas atividades são apoiadas e orientadas, promovendo, contudo, autonomia e interesse do grupo.

Contudo segundo Oliveira-Formosinho (2007), citado por Azevedo (2011) “criar uma rotina diária é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas em interações positivas” (p.12-13).

2.2.3.3 Dimensão Relacional

Segundo Malaguzzi, (1998), “a relação é concebida como a dimensão conectora primária de todo o sistema, embora não entendida simplisticamente como um envelope caloroso e protetor, mas enquanto conjugação dinâmica e elementos que interagem no sentido de um propósito comum” (p.13).

A relação referida acima remete-nos para uma relação não só calorosa, mas também com limites para que as crianças se tornem autónomas e independente do adulto.

Esta dimensão refere-se às relações que se estabelecem entre todos os indivíduos do processo educativo, ou seja, entre adultos, entre crianças e os adultos e entre as crianças.

Relativamente à relação entre a educadora e as crianças, pode-se constatar que esta é bastante cúmplice, esta sabe as capacidades e dificuldades de cada criança e trabalha em prol disso, pela estimulação a criatividade e faz com que todos participem da mesma forma em todas as atividades, dando sempre um feedback positivo a todas elas e ajudando no que precisam.

Em relação as crianças todas elas mostram grande carinho e respeito perante a educadora, sendo bastante atentas e curiosas sempre que esta fala e apresenta novos desafios.

Em relação á interação entre as crianças estas estão sempre prontas a ajudar as outras, quando alguma criança tem dificuldade em fazer algo como por exemplo quando vão a casa de banho lavar as mãos há sempre alguém que vai ajudar a abrir a torneira ou mesmo durante as atividades quando alguém não consegue chegar ao pote de tinta ou mesmo cortar certas coisas há sempre alguma criança que ajuda, o mesmo acontece quando a educadora faz alguma questão todos se tentam ajudar para responder certo.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Na hora da brincadeira nas diversas áreas sabem partilhar os brinquedos e intervir na área de forma correta, sempre que algum menino faz algo incorreto há sempre alguém que o corrige dizendo para não fazer ou que está incorreto. Esta interação entre as crianças permite que estas aprendam a partilhar, a ajudar o outro, a cooperar e também a ganhar o sentido de responsabilidade.

3. Caraterização do Grupo de crianças

Malavasi e Zoccatelli (2013) referem que a observação permite, por um lado, o conhecimento profundo da criança e do grupo e, por outro, a deteção dos seus interesses e de onde poderão emergir os projetos a desenvolver.

Esta observação passa por escutar a criança e estar disponível para ela sem no entanto invadir o seu espaço, resultando num processo ativo em que se cruzam os pontos de vista do observador com os interesses dos observados, e que permite à equipa pedagógica discutir e delinear propostas de projetos a desenvolver .

A observação efetuada ao longo nas primeiras semanas permitiu conhecer o grupo, bem como em conversas informais com a equipa educativa, que forneceu informações sobre as caraterísticas individuais de cada criança.

O grupo é constituído por 24 crianças, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, sendo que três do sexo feminino e duas do masculino ainda têm três anos, oito do sexo masculino e quatro do feminino têm quatro anos e três do sexo masculino e quatro do feminino têm cinco anos.

Este grupo iniciou a sua formação no berçário. Existem várias crianças com diferentes nacionalidades tais como: indiana, brasileira, angolana e portuguesa.

No que diz respeito ao número de irmãos do grupo, constatou-se que, existem duas crianças com dois irmãos, doze com um irmão e dez não têm irmãos. O grupo tem uma boa relação entre si e a entrada de novas crianças deu-se de forma aceitável e cooperada.

É um grupo muito coeso, revelando comportamentos ajustados. Contudo no recreio é visível um comportamento mais barulhento e desafiante, do que na sala de atividades.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Na sala agrupam-se indistintamente por sexo, enquanto que no recreio agrupam-se tendo esta variável em consideração e formam pequenos grupos consoante as suas preferências.

Em termos de aprendizagem é um grupo muito homogéneo, são bastante curiosos e apresentam grande interesse por um leque variado de assuntos, quer nível cultural, quer do seu quotidiano.

Respondem ao que lhes é questionado independentemente do assunto, e do seu conhecimento acerca do mesmo, demonstrando sempre interesse em aprender mais, pois estão sempre a fazer questões. Adquirem facilmente novos conceitos, embora sempre fruto de alguma estimulação por parte do adulto.

De um modo geral gostam muito de pintar e desenhar, todos eles gostam de fazer experiências, trabalhos de expressão plástica, expressão dramática e motora. Gostam, no entanto, de ter o seu espaço e tempo para brincarem livremente. Memorizam canções e lengalengas com alguma facilidade, a maior parte das crianças aprende as regras dos jogos e acima de tudo respeitam-nas. Por fim, gostam de histórias e de as contar.

3.1. Participantes do estudo

Os participantes do estudo em questão, encontram-se inseridos num grupo de 25 crianças, com idades compreendidas entre o três e os cinco anos de idade.

Neste estudo foram seleccionadas numa primeira parte do estágio três crianças: duas do sexo masculino, uma com cinco anos e outra de quatro e uma do sexo feminino com cinco anos de idade.

Numa segunda parte houve a necessidade de seleccionar duas crianças diferentes, pois as duas crianças em estudo do ano letivo anterior ingressaram no ensino público. Assim sendo uma é do sexo masculino com cinco anos, e uma do sexo feminino com quatro anos, mantendo nesta segunda fase a mesma criança do sexo feminino, fazendo assim a continuação da análise de resultados sobre a investigação.

Sendo os critérios de avaliação utilizados para esta seleção, o interesse e as capacidades relacionadas com a arte.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

O objetivo desta seleção foi aumentar e desenvolver a curiosidade e o interesse acerca do tema, de modo a fomentar aprendizagens relacionadas com o mesmo.

Derivado à proteção de dados, optei por colocar as iniciais dos nomes das crianças de forma a identificar cada uma, de acordo com as suas características.

O F.D. é uma criança do sexo masculino, com quatro anos de idade. Demonstra ser uma criança autónoma, contudo no ano anterior revelava pouco interesse em realizar atividades relacionadas com as artes.

A M é uma criança do sexo feminino, com seis anos. Demonstra ser uma criança muito responsável e autónoma, porém um pouco tímida.

A M.F. é uma criança do sexo feminino, com quatro anos de idade. Apesar de ser uma das mais novas do grupo, revela ser muito autónoma e desenvolvida cognitivamente. É bastante interessada no tema, tentando sempre alcançar os objetivos pretendidos em cada proposta.

O T.F. é uma criança do sexo masculino, com quatro anos de idade. É uma criança que revela alguma dificuldade na motricidade fina bem como na autonomia, no entanto apresenta muito interesse nas atividades propostas.

O L. é uma criança do sexo masculino, com seis anos de idade, é uma criança que revela dificuldade em controlar as emoções, revelando alguma agressividade quando algo não corre como ele pretende, no entanto, a pintura é uma das atividades que o faz acalmar. Derivado a esse fator, demonstra bastante interesse em todas as atividades artísticas.

Importa referir que embora tenham sido selecionados elementos de investigação, todos os constituintes do grupo fizeram parte deste estudo e das propostas do plano de ação.

3.2 Instrumentos de recolha e análise de dados

De acordo com Ponte (2002) num trabalho investigativo “o mais importante não é recolher muitos dados, mas recolher dados adequados ao fim que se tem em vista e que sejam merecedores de confiança” (p. 15).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Assim, e no que refere a esta investigação, recorreu-se a duas técnicas de recolha de dados, a observação participante e a análise documental, procurando-se registar os dados emergentes o mais corretamente possível, dado ter assumido o papel de interveniente ativa no processo que estava a merecer atenção do ponto de vista investigativo.

O facto de ter assumido um duplo papel, quer ao nível da ação quer da investigação, não foi tarefa fácil devido à falta de experiência.

Todavia não posso deixar de sublinhar também as vantagens desse papel, retomando a ideia de Correia (2009, citando Amendoeira, 1999), que defende que:

Na observação participante, o investigador é o principal instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-adia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes (p. 33).

Foi o conhecimento destes contextos tanto do educativo como do grupo, os quais são abordados pelos autores, que permitiu a melhor abordagem e interpretação das informações recolhidas.

Para o registo dos dados recorreu-se a notas de campo, sendo estas registadas no decurso da ação, outras após o estágio, procurando evitar a perda de informação.

De acordo com Bogdan e Biklen (2013), “as notas de campo [constituem] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados” (p. 150).

Recorreu-se ainda a registos de vídeo e fotográficos de todas as atividades e dos trabalhos realizados pelas crianças, que permitem ter uma noção mais completa sobre a forma como o processo era realizado e experienciado pelas mesmas.

Os registos fotográficos, como refere Máximo-Esteves (2008), são importantes na medida em que permitem ter a “informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivadas, serem analisados e reanalisados” (p. 91).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

A análise das produções das crianças (desenhos, pinturas) foi importante, sobretudo, como sublinha Máximo-Esteves (2008), “quando o foco da investigação se concentra na aprendizagem dos alunos” (p. 92) ou no processo de aprendizagem, como foi neste caso.

A escala de envolvimento da criança, consiste num instrumento de observação que visa medir o nível de envolvimento das crianças em atividades e projetos. Baseia-se na noção de que, quando as crianças estão a aprender a um nível profundo exibem certas características que se resumem no conceito de envolvimento (Leavers, 1993).

Os níveis de envolvimento são deduzidos da presença ou ausência de uma série de “sinais de envolvimento” (Laegers, 1994) que incluem: concentração; energia; complexidade e criatividade; expressão facial e postura; persistência; precisão; tempo de reação; linguagem; satisfação.

Este envolvimento é aferido numa escala de 1 a 5; o nível 1, quando uma criança evidencia um envolvimento nulo e o nível 5, quando a criança evidencia um envolvimento intenso:

O Nível 1. Sem Atividade – Neste nível a criança realiza a atividade de forma simples, repetitiva, ausente, apresentando um olhar vago.

O Nível 2. Atividade frequentemente interrompida- A criança realiza a atividade apresentando períodos de distração, em que apenas olha para o ar, verificando-se interrupções que não permitem que a criança se envolva no que está a realizar e por isso não tem motivação para regressar à tarefa.

O Nível 3. Atividade quase contínua- A criança realiza uma atividade, mas a um nível rotineiro, não demonstrando prazer no que está a fazer, pois não se sente desafiada. Contudo apresenta alguns progressos, mas sem muito interesse nem concentração, distraído com facilidade.

O Nível 4. Atividade contínua com momentos de grande intensidade- A criança realiza a atividade apresentando momentos de grande intensidade, apresentando sinais de envolvimento. Porém aquando de momentos de interrupção, a atividade é retomada de seguida, pois apesar de haver de haver estímulos atraentes, não permitem que a criança se distraia.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

O Nível 5. Atividade intensa prolongada- a criança realiza a atividade, demonstrando intensidade e o nível de envolvimento mais alto. Sendo crucial a presença de alguns sinais de envolvimento, tais como, concentração, criatividade, complexidade, energia e persistência. Esta intensidade deve estar presente ao longo de quase toda a observação.

Foi realizada uma Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (Apêndice D), relativa ao envolvimento da criança onde foi necessário:

- Cada observação durar 2 minutos.
- Observar cada criança três vezes por período (manhã), mas não continuamente.
- Registrar cada observação na Ficha de Observação do Envolvimento da Criança.

No que concerne à escala de envolvimento da criança foi aplicada apenas aos sujeitos de investigação e a sua análise foi realizada pela investigadora posteriormente.

No que se refere à análise documental ou arquivística, recorreu-se ao projeto educativo da instituição, aos documentos legislativos sobre a educação pré-escolar e outros em que incidiram tópicos explorados no âmbito de algumas experiências de aprendizagem.

Como refere Afonso (2005) trata-se de uma técnica que “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes” (p. 88).

Segundo Bento (2012) “Ouvir as vozes das crianças” insere-se na designada investigação qualitativa. Este tipo de investigação “foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos” (p.2).

O seu objetivo é obter respostas através da comunicação oral da observação e não através de números, como acontece com uma investigação do tipo quantitativo. O facto de ser uma entrevista feita a crianças fez com que esta tivesse uma estrutura semiestruturada, ou seja, foi seguido um guião previamente definido, mas em formato de conversa informal e não de apenas pergunta-resposta.

Segundo Oliveira-Formosinho (2008, p.23) este tipo de formato tem sido considerado o “mais adequado para entrevistar crianças”.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

De acordo com este tipo de entrevista, o entrevistador toma uma função específica e de “dirigir” a conversa de acordo com o tema de interesse, realizando questões complementares de modo a esclarecer questões que não ficaram claras.

A entrevista realizada às crianças, esta segundo Esteves (2008), é uma das estratégias mais utilizadas na Investigação Educacional.

Sendo um complemento da observação, a entrevista informal permite recolher determinadas informações e conhecimentos prévios que complementem os dados da observação sobre acontecimentos e aspetos relativos à pessoa em causa como: atitudes, opiniões, valores ou conhecimentos, fornecendo o ponto de vista do entrevistado e permitindo, assim, interpretar significados, que possibilitem a obtenção de elementos para a delimitação do problema de pesquisa.

O guião previamente definido continha as seguintes perguntas orientadoras: Sabes o que é a arte? A arte é importante?; Como se faz arte?; O que gostaste mais de fazer? Porquê? O que foi mais difícil de fazer? Porquê? Qual foi a parte do teu corpo com a qual gostas mais de te expressar? Porquê? Como podemos comunicar ao outro a arte?; Achas que todas as crianças conseguem fazer arte? Como? Achas que as crianças diferentes podem fazer arte?; A arte pode ajudar a fazer novos amigos?.

A entrevista foi gravada em áudio, sendo posteriormente transcrita (Apêndice A) a fim de ser analisada para a recolha de dados. Foi realizada no final da investigação e teve lugar na Instituição onde o estágio foi realizado.

O guião, encontra-se dividido em três blocos, o primeiro refere-se à Legitimação da entrevista, o segundo bloco à Caracterização das crianças e o terceiro bloco corresponde Caracterização dos conceitos de Arte e Inclusão.

Esta entrevista (Apêndice A, B e C) foi elemento de análise, devidamente transcrita de acordo com as questões e objetivos previamente definidos.

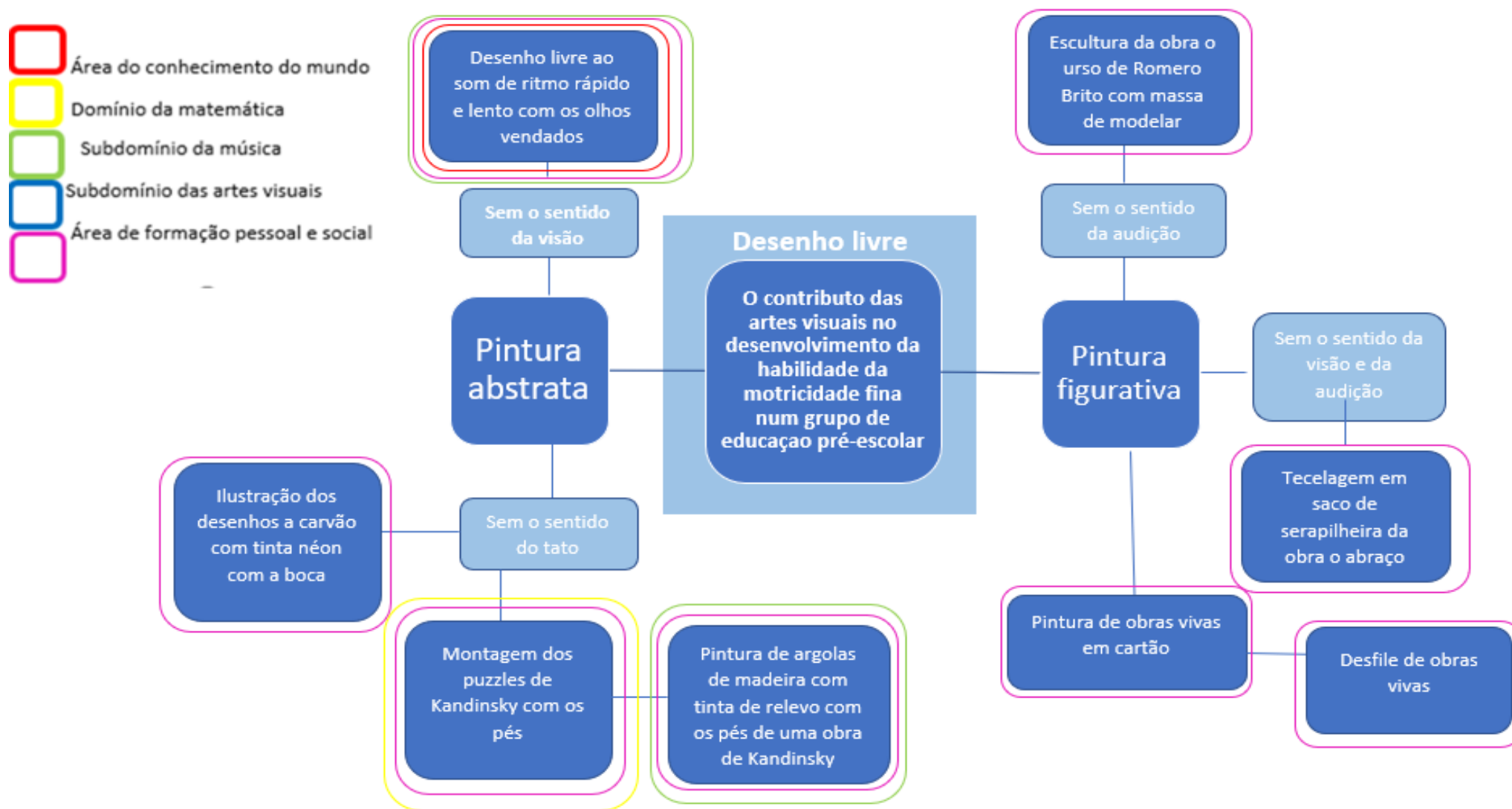
Relativamente aos procedimentos de análise da informação, procurou-se integrar e cruzar a informação recolhida pelos diferentes meios referidos, no sentido de uma melhor interpretação e compreensão das situações.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

3.3. Planos de ação no contexto educativo, no âmbito da problemática seleccionada:



O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

3.4 Justificação do(s) plano(s) de ação e intencionalidade pedagógica

A pertinência deste plano de ação, surge assim da necessidade de evidenciar a importância das artes, tanto num contexto de escola regular na qual se relaciona com a motricidade e num contexto de escola inclusiva, na qual se relaciona com práticas, tendo em conta este estudo foram elaborados três objetivos fulcrais, analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor do desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças, analisar o impacto de um plano de ação centrado nas artes visuais como promotor de práticas inclusivas num grupo de crianças e compreender a relação entre práticas inclusivas e a motricidade fina.

Todavia, numa primeira fase de observação (participante), incidi apenas na arte e no desenvolvimento da motricidade fina, uma vez que na sala de estágio tive a oportunidade de observar que o grupo gostava muito de pintar e desenhar, demonstrando interesse sobre esse tema.

Assim sendo, concebeu-se um plano de ação em PES II, com diversas propostas educativas centradas em desenvolver a arte bem como em desenvolver a motricidade.

Este foi elaborado em conjunto com o grupo de crianças, pois sendo as crianças parte integrante deste projeto, faria todo o sentido ter as opiniões e as ideias delas.

Para a implementação deste primeiro plano de ação recorreu-se a vários recursos tanto humanos como materiais, sendo os humanos as crianças, a equipa educativa, a própria investigadora tendo o papel de estagiária e investigadora, a educadora e auxiliar de sala.

No entanto no segundo momento de estágio PES III, sentiu-se a necessidade de introduzir mais uma curiosidade do grupo e da estagiária, a inclusão, deste modo foi elaborado um segundo plano de ação que incidiu na relação das artes visuais com a inclusão, havendo sempre interligação com a motricidade fina.

Ao longo deste plano de ação foram realizadas atividades no âmbito da inclusão, ou seja, todas as semanas foram elaboradas atividades em que apenas se podia executar a com uma parte do corpo, envolvendo assim os cinco sentidos.

Ao longo deste planeamento tive em conta as capacidades e limitações do grupo, as considerações dos intervenientes educativos, mantendo uma postura ativa no decorrer do mesmo, estando em constante observação, planeamento, ação e reflexão.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Pretendia-se com os planos de ação responder às questões e objetivos formulados no início da investigação.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

3.5 Calendarização do plano de ação:

Atividades	PES II				PES III			
	Marco	Abril	Maió	Junho	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Observação								
Arte rupestre								
Sonhar como Miró								
Visita da Mãe do A.								
Visita da Inês (Pintora).								
Os anos 60 e o Pop Art								
Pictogramas síntese do projeto								
Exposição dos trabalhos								
Desenho livre a carvão sem o sentido da visão								
Pintura com a boca								
Pintura com os pés								
Escultura Romero Britto								
Tecelagem Romero Britto								

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Capítulo IV

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1.Apresentação e Discussão dos Resultados

No quarto capítulo deste relatório, faz-se uma apresentação e discussão dos resultados obtidos no decorrer na investigação. O primeiro ponto é a análise, essencialmente das produções das crianças, registo fotográfico e de vídeo, notas de campo e das entrevistas realizadas às crianças participantes do estudo.

É importante referir que durante a realização desta investigação, foram propostas atividades relacionadas com a investigação. Serão deste modo mais um ponto crucial para a análise de dados, pois ajudarão na compreensão do desenvolvimento das crianças e do seu processo de aprendizagem.

1.1.Descrição, análise e síntese reflexiva das atividades/tarefas/projetos implementados

No decorrer deste capítulo, pretende-se descrever e analisar um conjunto de atividades de ensino/ aprendizagem desenvolvidas pelo grupo de crianças.

Considerando a diversidade de propostas educativas que foram desenvolvidas, optei por incluir apenas seis, que no meu entender, permitem dar uma visão abrangente da ação educativa que promovi e as quais responderam aos meus objetivos do estudo que desenvolvi.


Ao longo da descrição e análise dessas propostas educativas é incluída a informação recolhida através de notas de campo e registos fotográficos de atividades ou de produções das crianças, no sentido de melhor retratar o percurso formativo promovido e interpretá-lo, atendendo também aos referenciais teóricos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Atividade 1- Arte Rupestre

O quadro seguinte, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à Arte Rupestre.

Quadro 1-Arte rupestre

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Apresentação da história da arte rupestre através de vídeos; ❖ Diálogo em grande grupo com apoio de imagens relacionadas com a arte rupestre; ❖ Construção de uma gruta; ❖ Elaboração das tintas com material comestível(especiarias); ❖ Pintura da gruta com o auxílio de paus e das próprias mãos. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a época da arte rupestre; ❖ Conhecer diferentes técnicas de pintura; ❖ Elaborar tintas com materiais comestíveis; ❖ Explorar novas sensações.

Arte Rupestre: Estratégias e aprendizagens

Iniciou-se a primeira atividade com uma breve explicação sobre os diferentes tipos de arte existentes.

No decorrer do diálogo a investigadora questionou o que era para eles a arte e surgiram diversas respostas tais como:

Durante o diálogo as crianças disseram:

F.S - “A arte é pintar com tintas.”

L - “Eu gosto de pintar.”

N- “Existem pintores.”

Nota de Campo 5 de Abril de 2019

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

De acordo com estas respostas, foi explicado que existem muitos tipos de arte e diversos pintores. Seguidamente explicou-se qual foi o primeiro tipo de arte, a arte rupestre. Para complementar a explicação coloquei um vídeo acerca da mesma.

Ao longo do vídeo sobre a Arte Rupestre a investigadora interveio, pois como foram abordados diversos conceitos científicos, foi necessário explicá-los.

Foi notório desde o início o interesse deles pelo tema, sendo que a parte que mais apreenderam foi os materiais com que os primeiros indivíduos pintavam, como o sangue e as folhas. Surgiram então muitas dúvidas, os porquê, pois não percebiam porque tinham que matar os animais para pintar.

Quando o vídeo terminou começaram a surgir essas perguntas. No final o vídeo foi explicado de uma forma mais clara e concisa para que a informação chegasse a todas as crianças da melhor maneira. Primeiramente explicou-se que este tipo de arte aconteceu há muitos anos e que a época se designava por época do paleolítico, contudo derivado à complexidade da palavra foi pedido a cada criança que repetisse o conceito.

Foi de facto evidente que no final da conversa de grupo já todas as crianças sabiam dizer o nome da época, que materiais se usava para pintar, demonstrando grande interesse em participar e em começar a realizar as atividades.

Após esta conversa deu-se seguimento à rotina da sala na qual o investigador interveio ajudando todos os intervenientes.

No segundo dia de intervenção, deu-se seguimento ao tema, aproveitando que já estavam sentados em roda, iniciou-se a conversa de grupo perguntando o que é que as crianças se lembravam acerca do tema.

Ao longo do diálogo as crianças disseram:

M. disse: “A arte rupestre é feita com sangue.”

L. disse: “Foi na época do panolito [paleolítico].”

A. disse: “Pintavam nas pedras.”

Nota de Campo 5 de abril de 2019

A maioria das crianças ainda se lembravam de tudo o que tinha sido abordado na intervenção anterior, o que demonstrou um certo interesse em relação ao mesmo.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Após o diálogo, a investigadora voltou a mostrar imagens da arte rupestre e deu-se início à montagem da gruta com cartão. Para isso foi necessário o auxílio de todos os intervenientes da sala, incluindo as crianças.

No decorrer da montagem foram feitos grupos de forma a que não se tornasse monótono para quem estava a assistir, uns seguravam no cartão, uns colavam, outros iam vendo as imagens, e por fim quando a gruta já estava montada, cada grupo fez uma cor para que se desse início à pintura tão esperada, ansiosamente, pelas crianças.

A realização das tintas foi feita por cada grupo de forma individualizada, na qual apenas se interveio quando estava a ficar alguma confusão, ou quando necessitavam de ajuda para colocar algum material.



Figura 3-Realização das tintas com especiarias

Após a realização das tintas (Figura 3), os grupos sentaram-se em roda para iniciar a pintura. Esta última fase foi realizada inicialmente de forma individualizada e posteriormente, devido ao curto tempo que tínhamos, a pares.



Figura 4- Pintura da gruta

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No decorrer da pintura observou-se que algumas crianças demonstraram um grande à vontade em pintar com as mãos, colocando as mãos dentro da tinta e pintando tanto com a mão por inteiro, como somente com o dedo indicador (Figura 4), de forma a desenhar os animais observados nas imagens.

Nesta atividade houve uma criança que não quis sujar as mãos, mostrando-se preocupada em sujar a roupa e o corpo.

Com a preocupação de dar resposta à criança, foi-lhe entregue, pela investigadora, um pau que lhe permita ter uma distância de segurança e explorar livremente. Ainda assim foi necessário intervir, entrando com a criança dentro da gruta.

Nesta atividade o A. não se sentiu à vontade com o sujar das mãos e mostrou-se preocupado em sujar a roupa e o corpo.

Foi-lhe dado um pau para evitar a preocupação dele e o deixar mais à vontade. Ainda assim houve necessidade do adulto em ir com ele para a gruta.

Nota de campo 5 de abril de 2019

Após a pintura do interior da gruta era necessário a pintura da parte exterior da mesma, esta realizou-se com um recipiente de spray com tinta castanha diluída em água.



Figura 5-Pintura do exterior da gruta

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No decorrer desta última fase, foi possível verificar que o facto de ser pintada com spray (Figura 5), gerou alguma confusão pois estavam todos muito ansiosos por pintar, pedindo todos aos mesmo tempo para o fazer, contudo à medida que iam pintando iam acalmado.

Análise

Foi notório, todo o envolvimento do grupo, demonstrando muita atenção na apresentação do vídeo, bem como na montagem e pintura da gruta.

Todos apresentaram um grande entusiasmo na realização da atividade. Ao longo do diálogo, foi possível verificar que os objetivos presentes na planificação, foram sendo cumpridos.

Como apresenta a nota de campo, foram falando acerca do vídeo, sem falarem por cima uns dos outros, esperando a sua vez, mostrando ser capaz de emitir opiniões acerca do vídeo:

T.F disse “Olha ali a tinta de sangue!”

F.D disse “Pois sabes, têm que matar a vaca para pintar.”

L disse “Isabel, podemos pintar como eles?”

Nota de Campo 5 de abril de 2019

Relativamente à pintura na gruta, este foi o momento de maior entusiasmo e também de concentração, pois todos queriam desenhar os animais como tinham visto no vídeo, havendo também referência ao nome por parte das crianças mais velhas.

Como evidência, destaca-se o desenho realizado pelo R. (Desenho do animal).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 6- Pintura de um cavalo

Esta evidência (figura 6), mostra que no geral o grupo esteve bastante atento, ao que representa a arte rupestre, tentando reproduzi-la no cartão.

Foi uma planificação pensada de forma organizada e estruturada de modo a que o grupo tivesse contacto com a tinta de forma sensorial, ou seja pintando com as mãos e que adquirissem conhecimento acerca do tipo de arte trabalhado.

Avaliação

A figura 7, apresenta três momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, o primeiro momento destinou-se à visualização do vídeo, o segundo momento à pintura da gruta e o terceiro momento ao diálogo de consolidação de conceitos relativos à arte rupestre

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

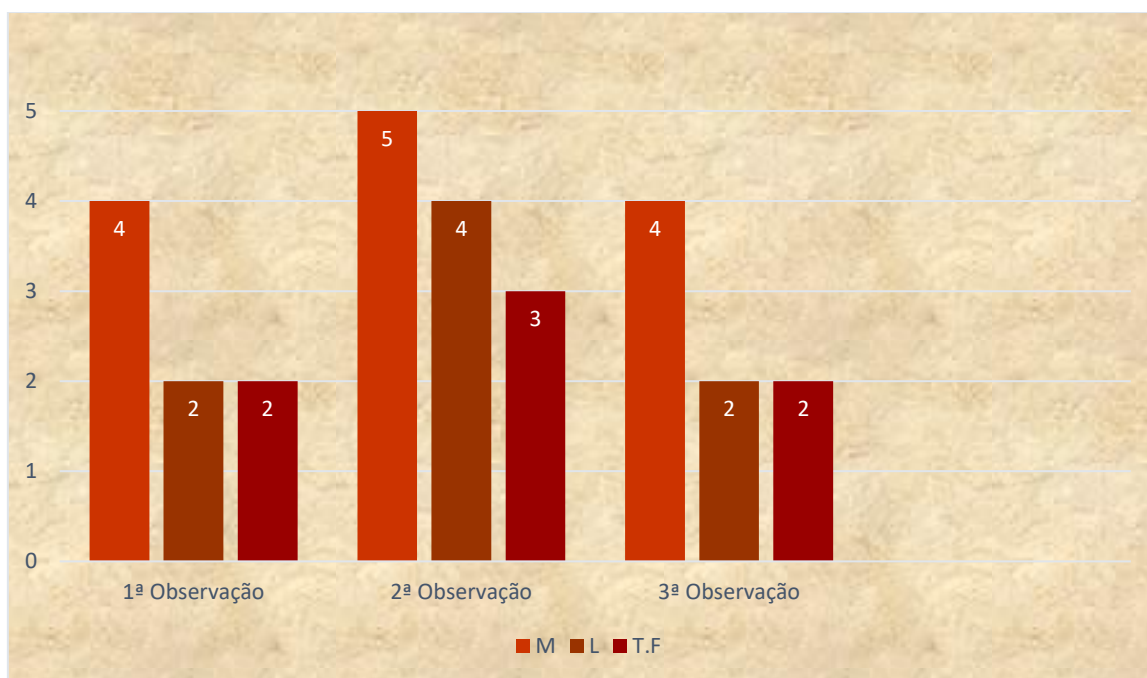


Figura 7- Nível de Envolvimento

No primeiro momento da atividade, visualizou-se um vídeo sobre a arte rupestre, seguidamente realizou-se um diálogo, no qual foi possível constatar que o grupo revela baixos níveis de envolvimento ao longo do diálogo, após a visualização do vídeo sobre a temática.

Contudo alguns elementos do grupo, nomeadamente a M, esteve bastante atenta, e interessada ao longo do vídeo, demonstrando ter conhecimento sobre este tipo de arte, que advém da exploração de arte com o pai.

Relativamente ao L. e ao T.F., estes durante os momentos mais monótonos, o diálogo introdutório da atividade e o após, ou seja, a consolidação da mesma que exigem grande tempo de concentração, revelam baixo nível de envolvimento, o que influencia o conhecimento acerca da arte rupestre, abordado ao longo da visualização do vídeo.

Como não conseguiram captar informação ao longo do vídeo, demonstraram alguma distração ao longo do diálogo. Contudo apesar de revelarem pouco interesse o L, conseguiu captar o conceito paleolítico, apesar de não conseguir dizer a palavra corretamente, devido à sua complexidade.

No segundo momento de observação, aquando da pintura da gruta, foi evidente o aumento do nível de envolvimento, em geral no grupo. Nos participantes do estudo, é

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

possível constatar que a M, atingiu o mais elevado grau de envolvimento, devido ao facto de esta apresentar muita criatividade na execução da pintura e muita concentração.

O L, apesar da sua agitação, derivado ao seu nervosismo normal e entusiasmo por ir realizar a atividade, demonstrou um grau de concentração e envolvimento de nível 4, querendo ficar a realizá-la por tempo interminável.

Evidência disso é a nota de campo presente:

Ao longo da pintura, o L disse “Isabel posso ficar aqui a pintar?”

Após o almoço o L, voltou a repetir “já posso ir para dentro da gruta pintar?”

Nota de Campo 5 de abril de 2019

O T.F, apresenta um nível de envolvimento médio, nível 3, na segunda observação, ou seja, na pintura no interior da gruta, realizando a atividade com períodos de concentração pequenos, distraíndo-se com os colegas. Contudo apresentou algum entusiasmo ao realizá-la, tentando imitar um animal, que o colega estava a fazer.

No terceiro momento de observação, ou seja, no diálogo de consolidação dos conceitos sobre a temática, foi possível observar que o grupo já estava um pouco cansado e distraído, apresentando uma baixa no nível de envolvimento.


Por fim é possível considerar, que, no geral, a atividade correspondeu aos objetivos e que para a primeira intervenção o nível de envolvimento manteve-se médio, demonstrando o grupo maior interesse em atividades práticas, do que atividades centradas no adulto apresentando dificuldade em manter um diálogo.

Atividade 2- Sonhar como Miró

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à atividade “Sonhar como Miró.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Quadro 2- Sonhar como Miró

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Reunir o grupo em roda e pedir que tirem de dentro da caixa as obras de Miró; ❖ Vestir o fantoche com os materiais da caixa; ❖ Dramatização da adaptação da história “o quadro mais bonito do mundo”; ❖ Projeção das obras animadas no teto (sonho de miro); ❖ Apresentação das obras e sua interpretação; ❖ Representação das obras de miro numa caixa de luz, ao som de música calma. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer as obras de Miró; ❖ Representar as obras com o pincel; ❖ Desenvolver o sentido estético.

Sonhar como Miró: Estratégias e aprendizagens a promover

Esta intervenção teve início com uma conversa, sem dizer o nome do pintor apenas apresentando uma caixa mistério que continha diversos objetos correspondentes ao mesmo, o que despertou muita curiosidade e vontade de abrir e mexer no material, como mostra a Figura 8.



Figura 8- Apresentação dos objetos da caixa

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

As crianças tiveram oportunidade de observar e também tirar algumas suposições, como mostra a nota de campo seguinte:

O A disse, “Uau, ele tem uma máscara de um senhor. “

O R disse, “Isabel, o que é essa coisa de madeira? “

Estagiária, “Sabes R, esta coisa de madeira, chama-se paleta e serve para colocar as tintas para os pintores pintarem.

A L disse, “óh Isabel, então esse senhor é um pintor?”

Estagiária, “Sim, ele já se vai apresentar, quando estiver todo prontinho!”

Nota de Campo 29 de Abril de 2019

De seguida deu-se o momento de vestir o pintor com os materiais contidos na caixa, como mostra a figura 9. No decorrer do mesmo foi possível constatar que, no geral, o grupo estava entusiasmado e ansioso pelo que se seguiria.



Figura 9- Montagem do pintor Miró

Deu-se o momento em que o pintor ganhou vida e começou a relatar uma história designada “O quadro mais bonito do mundo” (figura 10). Como não foi possível a aquisição do livro, a investigadora teve que procurar na internet partes da história e até mesmo o resumo, acabando por dramatizar a história.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 10-Leitura da história

Ao longo da mesma procurou-se dar vida às manchas e à própria personagem principal “Miró”, de forma a envolver as crianças. Seguidamente, as crianças deitaram-se no chão e sonharam como Miró (figuras 11 e 12), momento em que apareceram no teto as suas obras em animação.



Figura 11-Sonhar como Miró

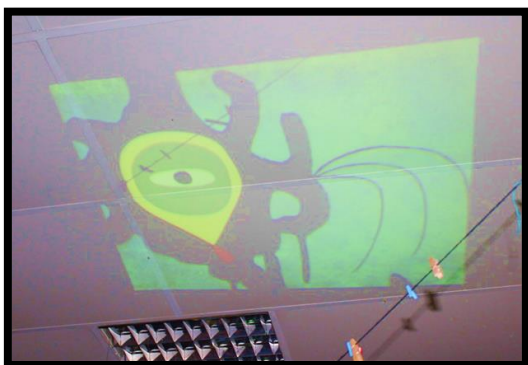


Figura 12-Projeção das obras no teto

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Após esta primeira abordagem, passou-se para a interpretação de três obras do pintor, “O comedor de sol”, “A mulher em frente ao sol” e “Azul”. Nesta abordagem era pretendido que as crianças interpretassem as obras e lhes atribuíssem um nome (figura 13).



Figura 13- Interpretação das obras

É de salientar a análise que as crianças conseguiram fazer a cerca de cada obra ao atribuírem nomes muito idênticos aos nomes originais das obras, sendo que, após o grupo dar o nome, dizia-se o original notando nos rostos das crianças uma enorme alegria por terem dado nomes muito parecidos. Neste momento foi possível analisar e registar algumas vozes das crianças:

Nomes dados ao comedor de sol:

R: Robô prendeu o sol na sua barriga.

L: O robô à espera da estrela com o sol.

D: Senhora atrás do sol. [Nome dado a mulher em frente ao sol]

E: Senhora com uma bola. [Nomes dado ao Azul]

Y: Céu, com o sol a entrar para secar as gotas de chuva.

F: Perna do sol a entrar no céu azul.

Nota de Campo 29 de abril de 2019

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Após esta interpretação, deu-se o último momento: o da reprodução das obras numa caixa de luz, de forma individual para que se conseguisse perceber as capacidades e limitações de cada um.

Devido a isso foi possível auxiliar cada um e obter resultados muito vantajosos e muito curiosos. No geral, foi uma atividade que respondeu claramente a todos os objetivos, tais como estabelecer relações entre o presente e o passado da comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e praticas culturais; usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

Apesar de ser uma atividade desafiante, todos tiveram a capacidade de segurar no pincel de forma correta e desenhar de forma calma e cuidadosa. Nesta atividade a investigadora teve em preocupação de auxiliar cada um de modo a responder as limitações individuais.



Figura 14- Representação das obras

Análise

Respetivamente ao processo, este foi um pouco complexo derivado ao ter realizado de forma individual, o que a nível de tempo se tornou mais demorado, por conseguinte devido a esse fator foi possível acompanhar e apoiar, percebendo quais as suas limitações, bem como as suas capacidades pois como refere Sousa (2003) a expressão plástica é considerada como uma atitude pedagógica distinta, não se cinge à criação de obras de arte,

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

mas sim à criança, ao seu desenvolvimento quer das capacidades quer da satisfação das suas necessidades.

Observou-se com mais clareza que, no geral, todos reproduziram as obras com muito cuidado e delicadeza, respeitando as cores e as dimensões da obra apresentada, o que parece indicar que ficou clarificada a ideia que tinham que desenhar a obra tal como ela é.

Outro dos aspetos foi o modo como seguravam no pincel, pois as crianças seguravam com o dedo polegar e indicador (pinça distal), realizando pinça. Os que não conseguiram segurar de modo adequado, foram apoiados na correção à medida que iam realizando, o que só foi possível observar devido à atenção individualizada.

Como evidência, temos as suas produções, pintadas por eles, representado na figura 15:



Figura 15- Representação das obras dos participantes

O modo como se trabalhou com as crianças foi muito importante, porque atividades desta natureza, pormenorizadas e complexas“(…) requerem uma organização adequada do espaço, um ambiente cuidado e são enriquecidas pela diversidade e qualidade dos materiais disponibilizados” (ME/DEB, 1997, p. 62), e por conseguinte o resultado final de cada obra demonstra esse cuidado e o modo como cada criança captou o que foi dito sobre as obras, no diálogo que tivemos antes da realização da pintura.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Avaliação

A figura 16, apresenta quatro momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, o primeiro momento destinou-se à elaboração do fantoche Miró, o segundo momento ao sonho de Miró, em que as crianças se deitam no chão para visualizarem animações referentes as obras projetadas no teto, o terceiro momento à interpretação das obras e o quarto momento à realização da pintura em caixa de luz.

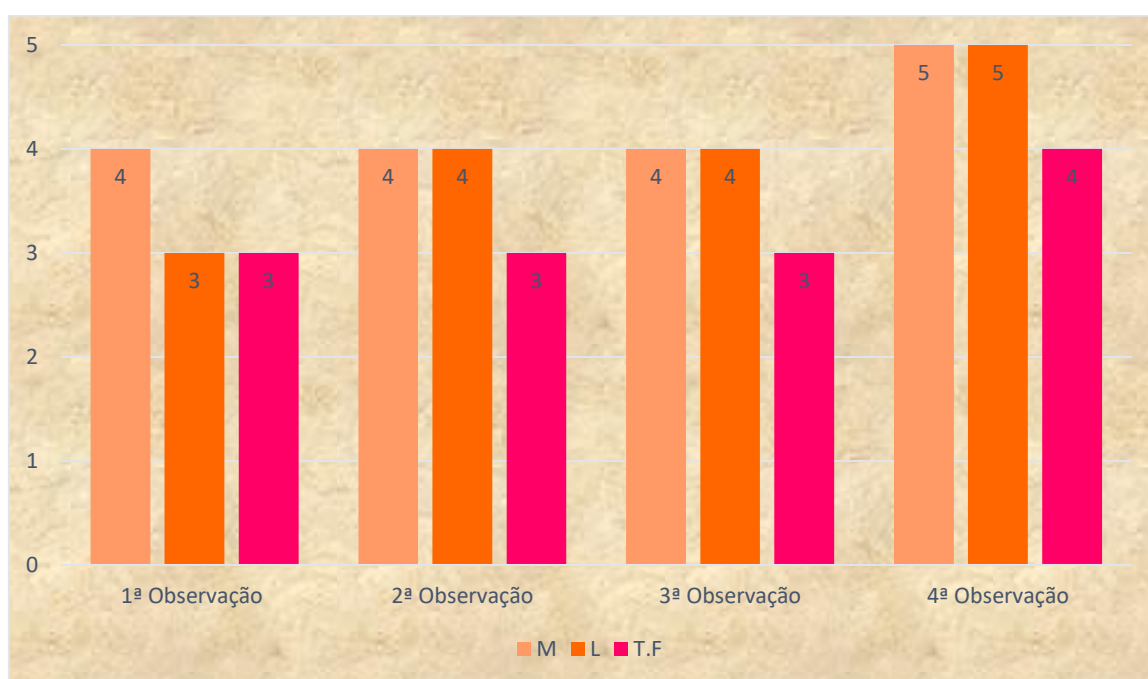


Figura 16- Nível de envolvimento

Após a observação dos valores registados respetivamente, foi possível verificar que esta atividade teve um nível de envolvimento bastante elevado e positivo por parte do grupo, nomeadamente dos participantes do estudo M, L e T.F.

Esta observação teve como base as quatro etapas da atividade.

No primeiro momento de observação, o grupo teve uma postura bastante dinâmica no que respeitou à elaboração do fantoche e, por conseguinte, à dramatização realizada pelo mesmo. Neste momento todos puderam participar, entrando na história de forma livre, de modo a criar um diálogo entre eles e o pintor.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No segundo momento da observação, em que as crianças se deitaram no chão, para sonhar como Miró, foi evidente o envolvimento das crianças, mostraram-se muito atentas às obras projetadas no teto, observando cada detalhe de cada uma delas.

No terceiro momento de observação, a interpretação das obras, foi possível avaliar o sentido crítico e estético das crianças. Este estava bastante desenvolvido, como mostram as notas de campo desse momento.

Por fim, no quarto momento de observação, a pintura, foi criado um cenário propício de imaginação, criatividade e sobretudo de concentração. Segundo o grupo, este cenário, era mágico.

A M, mostrou muita segurança e destreza na utilização do pincel, observando cada detalhe da sua obra, de modo a não se esquecer de nenhum pormenor.

Como é possível comparar:



Figura 17-Obra da M

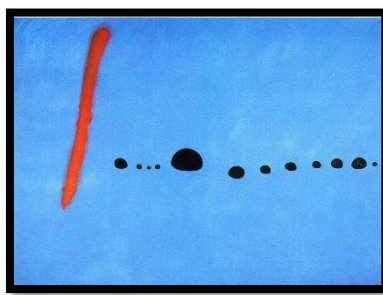


Figura 18-Obra de Miró

O L, apresentou uma postura muito interessada, com um grau de concentração elevado. Com medo de falhar (insegurança) pedia opinião à investigadora, de forma a garantir que a obra ficava bem pintada, como mostra a nota de campo:

L- “Isabel, estou a segurar bem no pincel?”

L- “Ficas ao pé de mim, para me ajudares?”

Ao longo da pintura, como forma de confirmação, questionou:

L- “Está a ficar bonito Isabel, gostas?”

Nota de campo de 29 de abril de 2019

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Contudo é possível contactar pela evidência apresentada a obra ficou muito parecida com a obra original. Saliente-se que foi necessário estar mais próximo e com uma atenção redobrada sobre esta criança, de modo a que se sentisse segura.



Figura 19- Obra de L

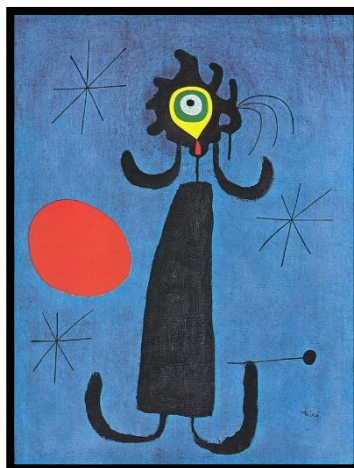


Figura 20- Obra de Miró

O T.F, nesta atividade apresentou uma postura mais interessada (figura 21), talvez devido a esta ser muito dinâmica e não ter momentos de paragem. Teve uma evolução de 3 para 4 no nível de envolvimento, revelando concentração, mas demonstrando ainda alguma dificuldade no manuseamento do pincel, necessitando por vezes de ajuda.

Uma das estratégias utilizadas pela investigadora foi colocar na ponta do pincel uma bola de plasticina, de forma a que, sempre que pegue no pincel, agarre sempre com os dedos na plasticina, para adquirir a pinça distal.

Contudo, conseguiu representar a obra, utilizando por vezes os dedos para preencher as cores.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 21-Obra do T.F




Figura 22- Obra de Miró

Atividade 3 -Visita da pintora Inês

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à atividade “Visita da pintora Inês”.

Quadro 3- Pop Art

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
<p data-bbox="240 1397 536 1429">Pop Art</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Reunir o grupo em roda e apresentar a Inês; ❖ De seguida irá ser apresentado um power point com desenhos da mesma; ❖ Apresentar as características principais do pop art: <ul style="list-style-type: none"> - Cores vivas -Expressividade - Contorno - Linguagem de banda desenhada <ul style="list-style-type: none"> - Cores polidas - Arte comercial Arte dos supermercados 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer as obras da Inês e o estilo de arte -Pop Art; ❖ Desenvolver o sentido estético e crítico; ❖ Desenvolver a motricidade.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

	<ul style="list-style-type: none">❖ Dividir grupos;❖ Distribuir seis folhas já desenhadas (com paisagem);❖ Fazer exercício de correspondência (entre paisagem e emoção);❖ Distribuir tintas, pincéis, materiais diversos;❖ Por fim pintar em grupo no chão.	
--	---	--

Pop art: Estratégias e aprendizagens a promover

A quinta intervenção deu-se no dia 17 de maio. A investigadora convidou uma amiga (pintora), a Inês, que se encontra a estudar na universidade de Belas Artes, para vir introduzir o tema Pop Art, através da realização de uma atividade.

Primeiramente a Inês começou por se apresentar e pedir às crianças que se apresentassem, pois, era importante que ela soubesse os nomes deles para a atividade que se seguia. Deu-se o seguimento da mesma com a visualização de um power point elaborado pela convidada (figura 23) o qual continha no primeiro diapositivo uma fotografia da investigadora delineada a cor de rosa e um desenho dela que a representava.



O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Figura 23- Apresentação da atividade

Começou por perguntar o que viam na imagem e rapidamente responderam:

O F. disse “Essa é a Isabel.”

A A. disse “Eu já vi essa fotografia no telemóvel da Isabel, por isso é ela. “

O R. disse “Na parede está a Isabel e um boneco estranho. “

A M. disse “Porque é que a Isabel está com um risco rosa a volta?”

Nota de campo de 17 de maio de 2019

De início mostraram-se um pouco confusos, não deixando de responder de modo assertivo que a fotografia estava delineada com essa cor porque era menina e gostava de cor de rosa, contudo a Inês referiu que o risco representava o amor que a investigadora sentia por eles, e a dedicação, pois ela baseou os desenhos no livro “ O monstro das cores”, na qual a cor do monstro do amor é cor de rosa.

Seguidamente a investigadora e a Inês apresentaram os desenhos pertencentes à banda desenhada (figura 24) que iria ser pintada por eles, desenhos esses que foram baseados no livro. Durante a apresentação as crianças tinham que dizer o que cada imagem revelava, e foi possível observar a envolvência deles com a Inês e o modo como esta transmitia a mensagem às crianças.



Figura 24- Imagens da banda desenhada

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Pôde-se ouvir diversos comentários tais como:

A N disse: “Uau, que giro!”

O R.L disse: “O monstro está triste porque está a chorar!”

Nota de campo de 17 de maio de 2019

Quando se passou à prática, o grupo foi dividido pelas sete folhas da banda desenhada, tornou-se num momento muito vibrante e confuso devido a todos quererem muito pintar, contudo com a ajuda da Inês tornou-se mais calmo, eles já pediam que ela fosse pintar com eles (figura 25), o que foi muito interessante.



Figura 25- Realização da pintura da banda desenhada

Foi uma atividade muito proveitosa tanto para as crianças como para todos os intervenientes, como mostra a figura 26.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 26- Realização da pintura

O objetivo principal era que eles percebessem o que era o Pop Art e isso foi muito bem concebido pela Inês, pois apresentou imagens do que é este tipo de arte, abordando as crianças de uma forma cuidada e concisa, o que permitiu captar atenção e despoletar a curiosidade (figura 23).



Figura 27-Resultado final

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Análise

Ao longo desta atividade, foi evidente o gosto pelas artes visuais, até pelas crianças que não se interessavam muito por esta área.

O facto de terem uma paleta de cores de Reggio Emilia, também foi um fator de curiosidade, durante a mesma. A vontade de irem buscar a tinta num local diferente, potenciou à vontade em explorar e utilizar diferentes materiais.

Foi possível ouvir ao longo das atividades, frases que evidenciam o conhecimento relativo à Pop Art:

A M disse “Óh F, tens que pintar com cores vivas como no pop.”

O R disse “Posso pintar com pintas, como vimos no filme.”

O T disse “Isto é mesmo giro, gosto de pintar com folhas! “

Nota de campo de 17 de maio de 2019

Foi de facto uma atividade que superou as expetativas, correspondendo aos objetivos estruturados na planificação.

Avaliação

A figura 28, apresenta três momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, o primeiro momento destinou-se à apresentação do power point, o segundo momento ao diálogo sobre as características da Pop Art e o terceiro momento à pintura das telas da banda desenhada.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

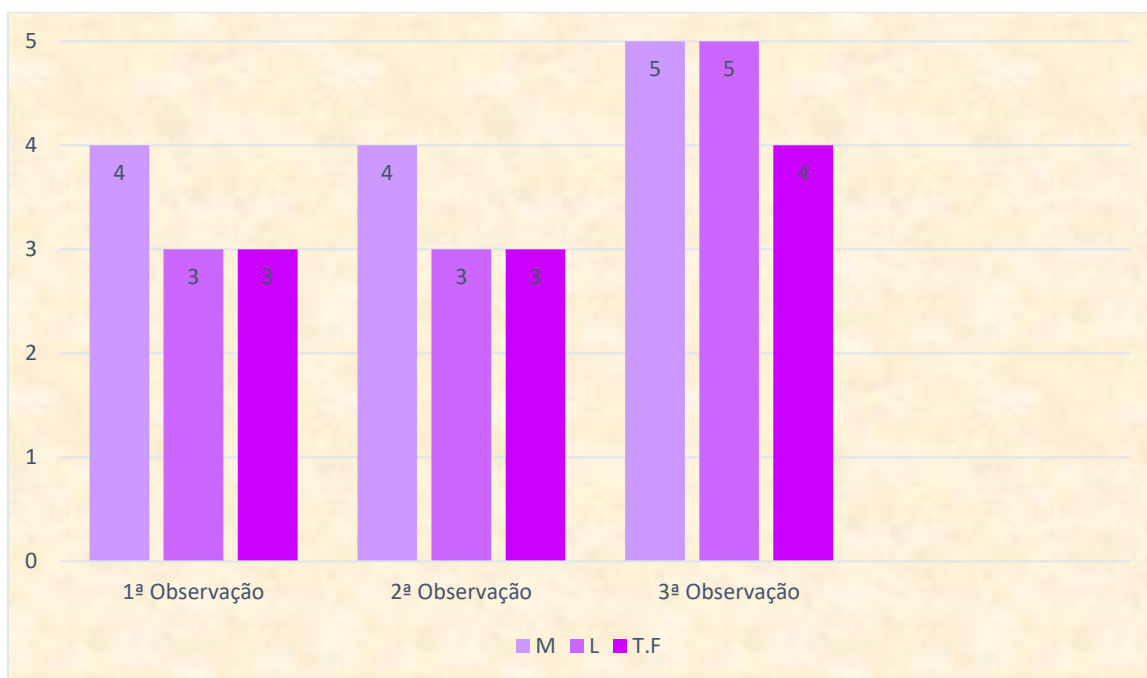


Figura 28- Nível de envolvimento

É possível constatar, que no primeiro momento de observação, o diálogo com o auxílio do power point acerca do trabalho da Inês e do Pop Art, o nível de envolvimento foi médio, com valores entre 3 e 4. Isto significa que as crianças estavam ocupadas na atividade “(...) de forma mais ou menos contínua, mas falta a verdadeira concentração, motivação e prazer” (Portugal, G. & Laevers, F., 2010).

Perante a tarefa proposta a L e a T.F demonstraram uma certa indiferença, mas realizaram a tarefa de forma consciente e deliberada. Já a M foi possível observar sinais de atividade intensa e deliberada pelo menos em metade da observação. Ela mostrou um interesse real estando mais tempo concentrada, persistente, com energia e satisfação; necessitando algumas vezes de apoio por parte do adulto para não se distrair. Contudo o facto de ter sido utilizado um material diferente, o projetor, foi um ponto a favor e que despertou mais a atenção do grupo.

Assim conseguiram adquirir melhor os conceitos de Pop Art. Após o momento do diálogo, deu-se o segundo momento de observação, diálogo acerca do Pop Art, onde foram discutidas as características do mesmo e o que tinham que realizar na etapa seguinte, a pintura. Como estavam bastante ansiosos em pintar, começaram a ficar bastante agitados e inquietos, revelando um nível de envolvimento entre o 3 e o 4.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.


O terceiro momento de observação foi a pintura da banda desenhada que apresentou um maior envolvimento entre o 4 e o 5. Como esta atividade de pintura livre se realizou de forma autónoma e independente, com materiais diversos e realizada no chão, foi possível verificar o à vontade que o grupo tem em manusear o pincel, bem como todos os outros materiais.

Aquando da análise dos registos fotográficos e vídeos, foi possível afirmar que comparativamente às atividades anteriores, até ao momento, esta foi a atividade que apresentou níveis de envolvimento mais elevados, no que respeita às artes visuais.

Atividade 4- Pintura abstrata com a boca na luz negra

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à atividade” Pintura abstrata com a boca na luz negra.”

Quadro 4-Pintura com a boca

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
<p>Desenho Abstrato com práticas inclusivas</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Diálogo com o grupo acerca de pessoas com deficiência motora (imagens relacionadas); ❖ De seguida apresentar um vídeo relacionado com a pintura com a boca e com os pés; ❖ Preparar o material na mesa, incluindo o ambiente de luz negra; ❖ Pedir a 3 crianças que se sentem na mesa, para iniciarem a pintura, primeiramente colocando o pincel na boca e 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a existência da inclusão e práticas inclusivas; ❖ Desenvolver o sentido estético e crítico; ❖ Desenvolver a motricidade; ❖ Conceito de arte abstrata; ❖ Conceito de inclusão.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

	<p>pondo as mãos por baixo da mesa;</p> <ul style="list-style-type: none">❖ Explicação do método de pintura pela investigadora;❖ Reflexão acerca das diferenças e da inclusão, e apresentação dos desenhos ao grupo.	
--	---	--

Pintura com a boca: Estratégias e aprendizagens a promover

Esta intervenção iniciou-se no dia 21 de outubro, a qual teve como objetivo principal abordar o tema inclusão, juntamente com a motricidade no seu todo.

Como abordagem inicial, foram apresentadas imagens de pessoas incapacitadas a nível motor e que derivado a isso, decidiram ligar-se à arte de forma diferente, pintando com a boca e com os pés. As crianças mostraram reações, entre elas a captada na nota de campo:

G. “As pessoas conseguem trabalhar com o rosto.

Ad. “O que é motora?

Ao que a estagiária responde ser uma deficiência do corpo, neste caso as mãos.

Nota de campo de 21 de outubro de 2019

Seguiu-se a visualização de um vídeo onde demonstrava essas pessoas a pintar tanto com a boca como com os pés.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Ao longo do visionamento do vídeo observou-se as expressões das crianças, que de um modo geral eram de espanto e curiosidade. Esta evidência pode-se constatar através das vozes das crianças:

R- A senhora pinta muito bem com a boca!

F- Como é que ela consegue segurar o pincel tão bem, sem as mãos?

A- Quero pintar como ela!

RO- Uau, que fixe, ela consegue mesmo pintar com a boca!

Nota de campo de 21 de outubro de 2019

Após esta abordagem, as crianças continuaram sentadas no chão e apagaram-se as luzes, ficando apenas ligado o candeeiro de luz negra, como mostra a figura 29.

Durante esse momento as crianças ficaram muito entusiasmadas, pois a roupa delas estava a brilhar no escuro, e tudo o que era branco ou fluorescente também, este momento foi alvo de alguma inquietação e brincadeira, fluindo de forma natural.

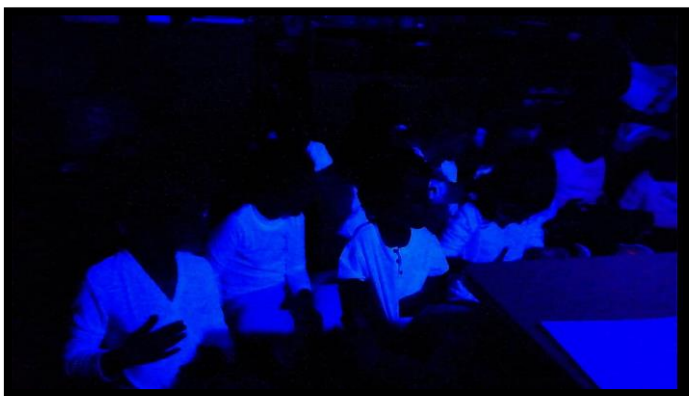


Figura 29- Preparação do ambiente de luz negra

Contudo como a atividade tinha que continuar. Foi colocada uma música calma e enquanto três crianças se sentavam na mesa.

Foram explicadas pela investigadora, as regras de manuseamento do pincel na boca, se quisessem que o pincel fosse para cima tinham que fazer força com os dentes de baixo e se quisessem que o pincel fosse para baixo teriam que fazer força com os dentes de cima, o

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

mesmo sucedia para os lados, sendo que tinham que movimentar a cabeça para o lado que pretendiam pintar.



Figura 30-Pintura com a boca

Foi possível constatar que ao longo da explicação tinham o grupo a “beber” a informação, como nunca o tinha visto, havia crianças com a boca aberta de espanto e os olhos muito vidrados.

O R disse “Isto é muito difícil, acho que não vou conseguir!”

O G disse “Não consigo chegar com o pincel à mesa. “

Nota de campo de 21 de outubro de 2019

Após esta breve explicação, iniciou-se a ação e crianças que estavam já sentados na mesa, começaram por pegar no pincel ainda que com algum receio (Figura 30) começaram a manobrar o pincel com a boca, demonstrando, para espanto da investigadora, muito à vontade, tanto em pintar com boca, como pintar apenas com o foco de luz negra.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 31-Pintura com luz negra

Começaram-se a aperceber que a tinta brilhava tanto com a luz negra como com a luz apagada e que quando se ligava a luz normal não estava lá o que tinham pintado, pois a tinta tinha a particularidade de ser invisível (figura 32), porém na folha ainda restava o que tinham pintado com aguarela.

A A disse: “A tinta mágica é mesmo mágica, ela não está na folha e eu pinteí mesmo!”

A M.F disse: “A tinta apagou-se! “

Nota de campo de 21 de outubro de 2019



Figura 32-Resultado final da participante

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Análise

Ao longo desta atividade foi possível constatar que, por vezes, os adultos é que põe entraves onde eles não existem, pois a investigadora ao propor esta atividade, achou que iria ser bastante difícil as crianças pintarem com a boca ainda para mais com luz reduzida. De facto foi surpreendente o modo como o fizeram e como partilharam em casa o que eu foi feito. Resultado disso foi ter recebido fotografias e vídeos de uma mãe e o seu filho a realizarem a atividade em casa.

Uma das evidências (Figura 33) do conhecimento sobre a inclusão foi o F, explicar à mãe apenas a técnica. Referiu que a Isabel (a investigadora) tinha ensinado esta técnica de pintar pois há pessoas sem mãos e sem pés, e que usam a boca para realizar tarefas que teriam que o fazer com os membros.

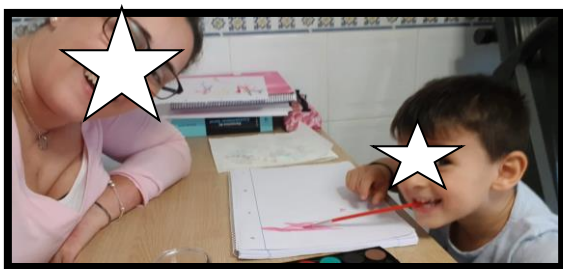


Figura 33-Técnica explorada em casa

A ideia inicial era que as crianças percebessem que a diferença não é limitativa e que iriam pintar com a boca com tintas fluorescentes, como não foi possível encontrar, utilizou-se aguarela e tinta invisível, dispondo todos os materiais para que os pudessem utilizar de forma livre, pois a pintura é isso mesmo, liberdade de expressão.

Um dos aspetos primordiais que se pode constatar ao longo destas experiências foi a evolução de uma criança, que à primeira vista era consumida pela sua insegurança, tinha algumas dificuldades a nível de compreensão e atenção, e nesta atividade conseguiu captar o que era necessário fazer e elaborou com muita descontração e segurança o pretendido, o que para mim foi muito gratificante e satisfatório.

Contudo o resultado correspondeu ao que se tinha perspetivado, observou-se a leveza e o à vontade com que elaboram a proposta. De um modo geral, todos disseram que não sentiram dificuldades e se podíamos pintar mais vezes com a boca.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Avaliação

A figura 34, apresenta três momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, o primeiro momento destinou-se à realização de um diálogo referente às características da inclusão e introdução dos conceitos acerca da atividade, o segundo momento à visualização de um vídeo sobre pessoas com incapacidade motora, que utilizaram a arte como instrumento de inclusão e o terceiro momento à pintura com a o pincel na boca, na luz negra com tinta invisível.

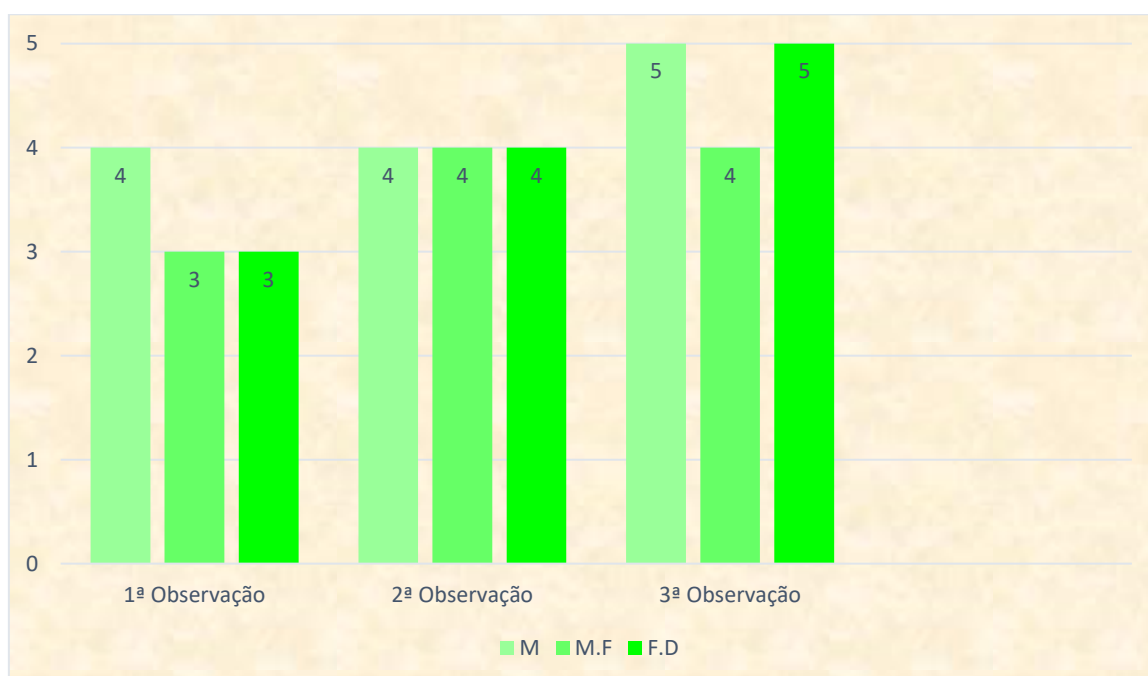


Figura 34-Nível de Envolvimento

Relativamente ao envolvimento, este encontra-se num nível positivo, pois devido a todos os efeitos, o ambiente de luz negra e as tintas diferentes, a motivação e o interesse do grupo foram elevados.

O primeiro momento de observação, no diálogo, verificou-se alguma inquietação e muita curiosidade com o que a investigadora tinha preparado, o que originou alguma agitação e ruído de fundo, pois considera-se que a definição e distinção de conceitos de inclusão, cegos, apresentou alguma dificuldade. É possível verificar no gráfico que a M.F e

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

o F.D tiveram nível 3 de envolvimento, uma vez que apresentaram dificuldade na dicção das palavras e por conseguinte desmotivaram, mostrando-se momentos de distração.

Aquando da visualização do vídeo, segunda observação, a M, a M.F e F.D, apresentaram um estado de concentração muito elevado, como é possível verificar no gráfico um nível 4 de envolvimento, mantendo os olhos fixos no vídeo, contudo apresentaram momentos de distração, com pequenos acontecimentos externos, retomando de seguida a atividade.

Passando ao momento da pintura com a boca, terceiro momento de observação, a M apresentou um nível de envolvimento 5, pois realizou com muita precisão a pintura, estando atenta a todos os pormenores, mostrando satisfação pelo o olhar e pelo empenho.

A M.F, registou uma evolução no nível de envolvimento, registando um nível 4 como é possível constatar na figura 34, concentrando-se, apesar de ter alguma dificuldade no manuseamento do pincel. Também tem alguns momentos de interrupção, mas retoma imediatamente a atividade.

O F.D, mostrou estar absorvido na sua atividade e os fatores externos à atividade não o distraíram, mostrando estar intensamente concentrado e envolvido , e como é evidente no quadro regista um nível de envolvimento 5.

No geral esta atividade, apesar da sua complexidade, apresentou momentos de muita satisfação e criatividade.

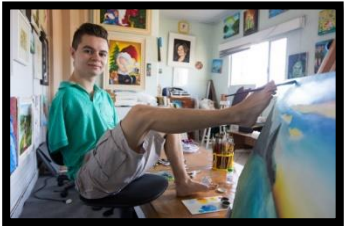
Houve algumas crianças, que por terem alguma dificuldade em manusear o pincel com a boca, acabavam por pintar a mesa e a cara, o que proporcionou momentos muito engraçados, porem também adquiriram muitos conceitos, nomeadamente o da inclusão, como apresentam as evidências.

Atividade 5- Pintura de Kandinsky com os pés

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à atividade” Pintura de Kandinsky com os pés.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Quadro 5-Pintura com os pés

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
<p>Desenho Abstrato com práticas inclusivas</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Diálogo com o grupo acerca das etapas da atividade; ❖ De seguida apresentar umas imagens com uns instrumentos e identificar os mesmos relacionando as cores correspondentes; ❖ Colocar o som dos instrumentos; ❖ Apresentar os puzzles, e modo como serão executados (pés), de seguida espalhar o mesmo no chão; ❖ Pedir a 3 crianças que se descalcem, e que iniciem o jogo; ❖ Diálogo acerca do pintor e da obra; ❖ De seguida pedir a uma criança de cada vez que sente na cadeira e que ao som do instrumento, terá que escolher a cor e pintar na argola; ❖ Cozer a tinta no micro-ondas; ❖ Reflexão acerca do pintor e da obra e apresentação da argola depois de cozida. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a existência da inclusão e práticas inclusivas; ❖ Desenvolver o sentido estético e crítico; ❖ Desenvolver a motricidade; ❖ Conhecer Kandinsky ❖ Pintar com os pés; ❖ Pintar com tintas caseiras.

Pintura com os pés: Estratégias e aprendizagens a promover

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Nesta atividade foi abordada a técnica da pintura com os pés, mas desta vez falou-se de um pintor abstrato Kandinsky e da sua obra “ Combinação de cores”. A estagiária fez um puzzle, de tamanho A3 para cada imagem (figuras 35 e 36), um para o pintor e o outro para a obra. Solicitou-se a três meninos de cada vez para o montarem com os pés, ajudando-se uns aos outros.



Figura 35-Montagem do puzzle da obra



Figura 36-Montagem do puzzle do pintor

Ao longo deste momento, foi possível ouvir diferentes vozes, nomeadamente:

F- Isto não encaixa!

Fr- Não vês que a peça não é essa!

Depressa retirou a peça e foi buscar a correta com bastante destreza e coordenação a nível motor (pés).

A-Isabel isto é difícil!

F- Não é com as mãos, pois não Isabel?

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

De seguida, com os puzzles montados falou-se do pintor e das suas características e da obra. A investigadora questionou o que viam na obra, e qual seria o nome da mesma

O B disse: A obra tem círculos de muitas cores!

A I disse: Tem muitas cores juntas!

A M disse: As cores estão misturadas!

Nota de campo de 21 de novembro de 2019



Figura 37- Puzzle do pintor



Figura 38- Puzzle da obra

Depois de dizerem as características da obra disseram alguns nomes possíveis:

O F, disse “Círculos coloridos. “

A M, disse “Pode ser mistura de cores!”

O R, disse “Círculos com cores misturadas. “

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

Foi evidente que disseram nomes muito parecidos ao verdadeiro “Combinações de Cores”, o que ajudou a perceber que conseguiram observar meticulosamente a obra em todos os aspetos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Explicou-se que Kandinsky (1990) tinha uma doença chamada de comestesia, segundo ele, “A cor é o teclado, os olhos são as teclas, a alma é o piano com muitas cordas. O artista é a mão que toca, tocando uma tecla ou outra, para causar vibrações na alma”. (p.63).

Esta particularidade de mapeamento som e cor, foi o ponto de partida para a etapa seguinte da atividade, que consistiu na pintura de argolas com o pé, tendo em conta que tinham que ouvir sons de instrumentos (Figura 39), nomeadamente o violino que representava o verde, o trompete representava o amarelo, o saxofone o vermelho e a flauta o azul.



Figura 39-Apresentação dos instrumentos

Inicialmente colocou-se os sons, um de cada vez e a tinta corresponde à frente do instrumento, para que as crianças fizessem a correspondência antes de continuar a pintar. A tinta foi feita com farinha, sal, água e tinta, para realizar o efeito de tinta de relevo, pois após a pintura do círculo, este vai ao micro-ondas e a tinta seca e fica com relevo.

Pedi-se então que um menino se sentasse na cadeira e com muita atenção ouvisse o primeiro instrumento, e que depois pintasse com o pé com a cor do instrumento correspondente.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 40-Iniciação da pintura

O B muito decidido, disse que o instrumento que estava a tocar era a flauta, mas ficou com algumas dúvidas relativamente à cor. Então, pediu-se que ele olhasse bem para os cartões com os instrumentos, que estavam à sua frente, e rapidamente pegou no pincel, colocou na cor azul e começou a pintar.

Ao longo deste processo foi notório como estavam envolvidos, pois cada vez que tocava um instrumento, o grupo começava a cantar e todos queriam dizer o instrumento e a cor para que o colega começasse a pintar, foi assim ao longo da atividade.

Certos meninos tiveram algumas cócegas, o que tornou mais difícil de segurar o pincel com o pé, o que não impediu de realizar a atividade pelo contrário foi motivo de riso e de autocontrolo, pois essas crianças fizeram a atividade com muita confiança, não deixando que as cócegas os impedissem de a concretizar.

O facto de ter optado por realizar esta atividade com uma criança de cada vez tornou a mesma demorada, mas tão interessante como desde o primeiro dia em que foi apresentada, pois o grupo manteve-se muito motivado, tanto quem já tinha feito, como quem ainda não a tinha feito. Apesar de inicialmente não ter o objetivo de promover a cooperação, com a fluidez com que decorreu, tal acabou por ocorrer.

De um modo geral, as crianças sentiram dificuldade na realização da atividade. De modo a perceber qual seria o pé com mais destreza na manipulação do mesmo, trocavam de pé e outras sentiram-se muito à vontade, tanto na pintura com o pé como na correspondência de cores e sons dos instrumentos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No fim, algumas crianças brincavam, apanhando objetos com os pés como se fossem as suas mãos, o que tornou o fim desta atividade muito engraçada.

Análise

Após refletir acerca deste jogo constatou-se que seria melhor se o puzzle fosse maior, pois a manipulação das peças seria mais fácil e a junção das mesmas também. Contudo, no geral as crianças conseguiram muito bem ultrapassar este desafio sem grandes dificuldades, derivado à entreajuda existente.

Foi de facto evidente que este grupo tem uma boa relação, ajudam-se muito uns aos outros e cooperam entre si sem haver grandes conflitos.

Ao longo da pintura com os pés, notou-se que algumas crianças tinham alguma dificuldade em ligar o instrumento ao som, mas após diversas repetições, já conseguiram captar e corresponder o som à cor e ao instrumento.

Optou-se por realizar esta atividade de forma individual, para que cada um pudesse perceber esta ligação de cores a sons. Ainda que individual, todo o grupo estava em volta de forma a ajudar se fosse necessário, o que por vezes aconteceu.

No decorrer desta atividade foi notório que o grupo conseguiu captar o objetivo principal que era perceber que todos somos capazes de fazer tudo, uns com menos capacidades que outros, mas se nos ajudarmos uns aos outros torna-se mais fácil.

McNamara e Moreton (1988) defendem que as crianças devem ser ensinadas a estabelecer relações positivas entre si, independentemente do aspeto físico, da aparência que tenham, sendo esta uma forma de promover interações com base em competências das crianças evitando o afastamento por questões de aparência física.

Avaliação

A figura 41, apresenta três momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, o primeiro momento destinou-se à realização de um diálogo referente às características da inclusão e à técnica utilizada, o segundo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

momento à pintura com os pés e o terceiro momento ao diálogo reflexivo acerca das aprendizagens adquiridas.

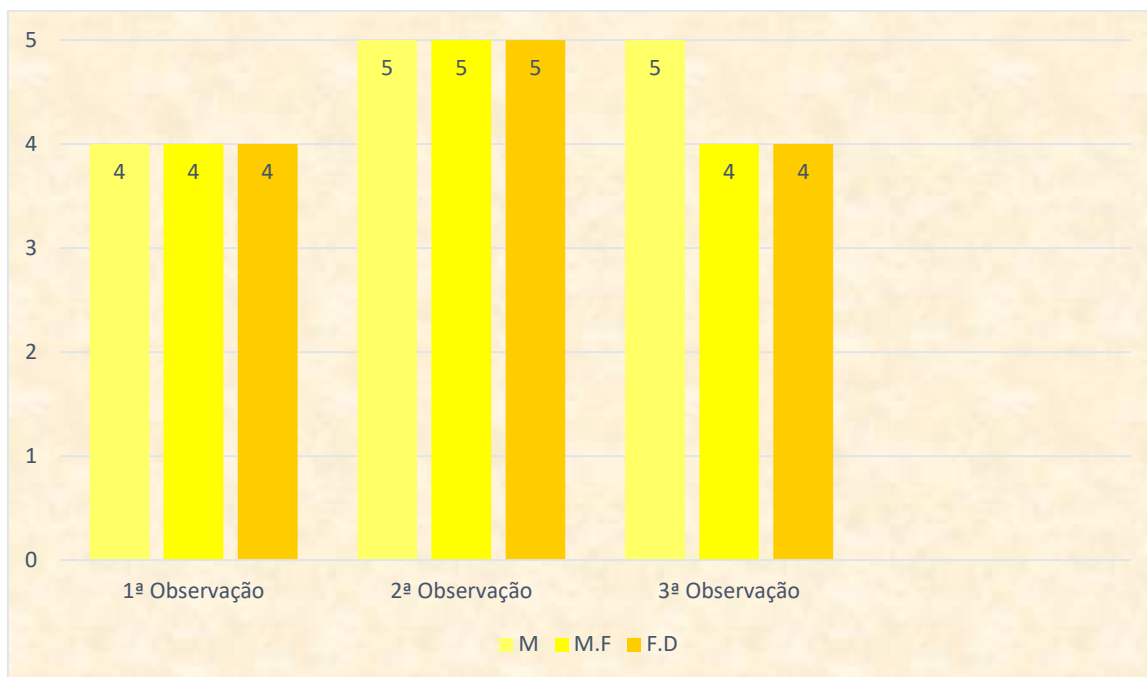


Figura 41-Nível de Envolvimento

Foi notório, que o nível de envolvimento nesta atividade foi idêntico para os três participantes, pois todos apresentaram níveis elevados de envolvimento durante a atividade.

Ao longo do primeiro momento de observação, o diálogo acerca da inclusão e da técnica utilizada, pintura com os pés, foi possível verificar que houve momentos de distração com o meio envolvente, como apresenta a figura 41.

No segundo momento de observação, a pintura com os pés, as crianças mostraram-se interessados e curiosos pela técnica de pintura nova, apresentando entoações muito expressivas, revelando alguma criatividade por parte destas crianças, bem como a capacidade de utilizar a técnica para agarrar em objetos.

Através da expressão facial é possível perceber que existe interesse na atividade e que ela está a ser estimulante para a criança. Como é possível evidenciar na figura 41, o nível de envolvimento de todos os participantes do estudo foi o mesmo, nível 5, estiveram todos muito empenhados e concentrados ao longo da atividade.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Foi possível evidenciar o nível de envolvimento por parte da M, através das figuras:



Figura 42-Pintura da participante do estudo



Figura 43-Manobra com o pé

Para além, de ter realizado a atividade com muita precisão, quando percebeu que conseguia manobrar os objetos com os pés, começou a utilizá-los e a brincar com a situação.

É possível verificar também o envolvimento da M.F, através desta evidência:



Figura 44-1º Passo da pintura



Figura 45-2º Passo da pintura

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No início foi possível verificar alguma apreensão e insegurança, contudo quando se sentiu mais segura, sentou-se por completo na cadeira e seguiu a atividade bastante concentrada, com um olhar muito atento aos pormenores.

A evidência do envolvimento do F.D:



Figura 46-Pintura da Obra do Participante do Estudo

O F, apresentou desde início, um grande à vontade até mesmo a sua postura corporal é reveladora do seu envolvimento na atividade.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

No terceiro momento de observação, diálogo reflexivo acerca das práticas inclusivas e os conceitos, temos como evidência, as vozes das crianças:

M disse “Kandinsky ouvia música enquanto pintava.”

F.D disse “óh isabel, ele não ouvia música, ele tinha uma doença estranha, ele via era música nas cores dele!”

M.F disse” A deficiência motora, é não ter mãos, ou pés ... “

F.D disse “O pintor, usa a arte abstrata.”

M disse” Sim, ele pinta só riscos coloridos.“

M.F disse” Quem não tem mãos, como aquele menino do vídeo, pode pintar na mesma.”

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

Ao longo deste diálogo reflexivo é possível constatar de acordo com a figura 41 que a M, teve um nível de envolvimento de 5, devido ao seu interesse em participar e querer ouvir mais sobre Kandinsky, apresentando um grau de concentração muito elevado.

A M.F e o F.D, apresentam-se com um nível de envolvimento de 4, pois apesar de muito participativos, acabavam por se distrair por breves momentos.


Aferiu-se assim que a relação das artes visuais, com práticas inclusivas nesta atividade promoveu, não só a experiência nova de pintar com os pés, como a consolidação de conceitos muito importantes, como a aceitação da inclusão e da diferença e o conhecimento de pintores conhecidos.

Atividade 6 - Romero Britto através de língua gestual

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para as atividades relativas à atividade “Romero Britto através de língua gestual”.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Quadro 6-Escultura com língua gestual

Obra /Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
<p data-bbox="240 416 576 506">Desenho Abstrato com práticas inclusivas</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Abordagem do tema surdez e de Romero Britto, através de um jogo, com um dado, com imagens relacionadas com as mesmas; ❖ De seguida com um urso de cartolina, explicar como fazer as partes do corpo usando língua gestual; ❖ Preparar o material de escultura; ❖ Pedir a um grupo crianças que se sentem na mesa, para iniciarem a escultura; ❖ Divisão da massa realizando a contagem das partes e a sua divisão; ❖ Explicação das etapas com gestos, pedindo que reproduzam; ❖ Após a secagem da massa, pintura da escultura com a boca. ❖ Depois de cada escultura já estar concluída, seguimos com um jogo de elaboração de uma história sobre o urso e o abraço. ❖ Encher balões com imagens complementares de uma 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a língua gestual; ❖ Desenvolver o sentido estético e crítico; ❖ Desenvolver a motricidade; ❖ Conhecer Romero Britto; ❖ Fazer esculturas; ❖ Pintar com tinta.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

	<p>história. (Motivos de início, meio e fim)</p> <ul style="list-style-type: none">❖ Cada criança terá que rebentar um balão e dizer o que a imagem representa e assim formular uma frase sobre a história.❖ Elaboração da ilustração das páginas da história.❖ No final o grupo irá dramatizar a história através de sombras chinesas.	
--	---	--

Escultura língua gestual: Estratégias e Aprendizagens a promover

No dia 25 de novembro, a atividade realizada pela investigadora foi dedicada à Língua Gestual Portuguesa. Explicou o motivo pelo qual tinha disposto as cadeiras daquele modo e que nesse dia não iria falar muito.

Perguntou, em primeiro lugar o que era a língua gestual:

M: “São gestos com as mãos.”

F: As pessoas surdas não ouvem e não falam!

Nota de campo de 25 de novembro de 2019

A investigadora esclareceu, então, que a língua gestual se dá através das mãos e dos gestos. Acrescentou ainda que nesse dia iriam ser surdos.

Perante esta observação, de modo a explicar que as pessoas surdas comunicam através de uma língua diferente da nossa (língua gestual), a investigadora começou por dizer que existem diferentes tipos de línguas, consoante o país onde vivemos, dando o exemplo das aulas de inglês, na qual eles falam língua inglesa e durante o dia falam língua portuguesa, pois estão em Portugal.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Por conseguinte, o surdo também tem que comunicar e, por isso, era importante haver forma de o fazer e derivado a esse fator foi criado um tipo de língua, a língua gestual, a qual se iria explicar e demonstrar algumas palavras que fazem parte do nosso dia a dia.

Surgiram, então, algumas dúvidas:

M: “Oh Isabel, mas se os surdos não ouvem, como é que falam?”

FA: “Se nos falarmos para eles, eles não ouvem ...”

Nota de campo de 25 de novembro de 2019

Deste modo, a investigadora iniciou, com a primeira palavra: Bom dia (fazendo o gesto correspondente); de seguida pediu que todos repetissem o mesmo. Foi bastante surpreendente ver a facilidade com que eles reproduziram o gesto.

Após o primeiro gesto, pediu que falassem acerca dos objetos que se encontravam no chão (o cubo, e duas obras de Romero Britto, pintadas por eles no dia anterior).

Rapidamente a A, disse que o cubo tinha as obras do pintor (Figura 47), e no chão estavam as duas que tinham sido pintadas por eles. Começámos a explorar o cubo.



Figura 47-Apresentação dos materiais

Pedi-se aleatoriamente às crianças que viessem ao centro e jogassem o dado. De seguida, consoante a face do cubo que ficasse virada para cima (Figura 48), teriam que reproduzir a imagem através da língua gestual.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 48-Cubo da língua gestual

A criança que tinha vindo ao centro, reproduzia primeiro e exemplificava para o grupo com o auxílio da investigadora, como mostra a figura 49.

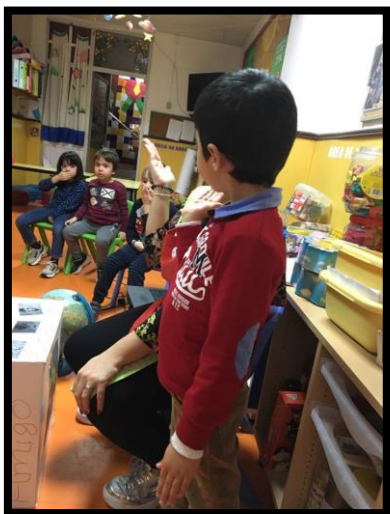


Figura 49-Apresentação da Língua Gestual

Repetiram todos os gestos, como evidência a figura 50, até todos os elementos do grupo conseguirem reproduzir.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 50-Treino da língua gestual

Repetiram este processo em todas as imagens, sendo que quando apareceu a imagem do pintor, a investigadora pegou no globo e apresentou o seu país de origem, o Brasil. Durante esse momento, chegou um menino à sala e como não acompanhou o processo, pediu-se aos meninos que explicassem e demonstrassem o que tínhamos feito ao longo da manhã.

Foi notória a prontidão do grupo, ao demonstrar o que tinham aprendido, e mostraram ao F onde é o Brasil, através do globo. Conseguiram fazer todos os gestos, o que foi bastante gratificante.

Por fim, fez-se uma breve conclusão ao tema, apresentando uma música, que lhes é familiar, mas esta era apresentada através de língua gestual.

Pediu-se que tentassem reproduzir os gestos ao mesmo tempo que iam visualizando, para espanto da investigadora todos eles tentaram fazer, sendo que houve uma menina, que conseguiu fazer do início ao fim da música. Foi de facto espetacular constatar que a aprendizagem não tem limites e que se acreditarmos que as crianças são capazes e demonstrarmos confiança nelas, elas conseguem superar as nossas expectativas.

No dia 29 de novembro, tal como prometido, a investigadora levou um livro intitulado “O som das cores” (Figura 51).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 51-Livro Inclusivo “O Som das Cores”

Referiu que na intervenção anterior tinham sido surdos e questionou-os sobre o que era ser surdo:

M.F disse - “Não ter voz, mas fala-se através dos gestos.”

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

Fez então, uma breve síntese das diferenças que não diferem das nossas. Mostrou, de seguida, o livro e informou que iria contar a história como usualmente, mas, também como se fossem surdos.

Fez alusão a Kandinsky, que pintava os sons, e também aos sentidos. A personagem da história, Tomás era uma criança cega.

- “Qual é o sentido?” -perguntou a estagiária.

L- “Visão!”

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

Seguiram-se os outros sentidos. Como apresenta a figura 52, aquando da leitura da história ia interagindo com o grupo sobre o que se ia passando, os sentidos descritos, as cores e a relação entre ambos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 52-Leitura da História

Sempre que era oportuno, fazia os gestos correspondentes ao relato, importantes para que sentissem como o Tomás foi ajudado pela sua colega Mariana. Finalizando a história, mostrou o Digital Video Disc (DVD),(Figura 53), para mostrar a mesma com linguagem gestual, como se fossem surdos.



Figura 53-Visionamento do vídeo da língua gestual

No final, fez uma breve síntese do que era abordado na história:

- “O Tomás sentiu as cores”, disse a Ad.
- O F.D disse “o menino é igual a nós, só que não vê e precisa da nossa ajuda não é Isabel?”

Nota de campo de 11 de novembro de 2019

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Explicou que a inclusão é, também, a interajuda entre todos, pois todos somos iguais, sendo que uns tem mais dificuldade em realizar certas coisas e precisam da nossa ajuda para tal.

No dia 2 de dezembro, a investigadora deu seguimento à atividade sobre Romero Brito. Como tal, neste dia perspetivou a elaboração de uma escultura.

Iniciou a sessão fazendo uma breve síntese da linguagem gestual e desafiando as crianças a agirem como se fossem surdas (figura 54). Como tal, o bom dia foi feito em língua gestual.



Figura 54-Diálogo acerca dos materiais

Começou por explicar que iriam fazer bolas com a massa de modo a realizar as partes do corpo do urso. À medida que se ia explicando, o grupo ia intervindo dizendo quantas bolas iriam precisar para o fazer, deste modo, deram início a escultura, como mostra a figura 55.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 55-Obra “O Urso Amigo “

Preparou a mesa de trabalho para que, quem vai trabalhar se possa sentar, colocando cadeiras à volta da mesa para que os restantes possam observar o que é feito. A escultura terá como material a massa DAS e será feito o urso como na obra de R.B afixada na parede.

Todas as indicações como o fazer a bola e o urso foram fornecidas pela investigadora utilizando a linguagem gestual (figura 56). Frequentemente as crianças repetiram os gestos e observou-se que os mesmos foram bem interiorizados. Existiu empenho e concentração.



Figura 56-Manuseamento da massa

Seguidamente pediu-se que cortassem a massa para fazer as partes do corpo, intervindo com um problema matemático:

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

A M.F cortou primeiramente uma parte da massa para fazer as orelhas, questionou como é que ela ia fazer duas orelhas com apenas aquele pedaço, ao que ela respondeu que como eram duas orelhas, tinha que cortar ao meio.

Depois seguiu-se a parte da cabeça, ao qual questionou se tinha que ser maior ou mais pequena que a parte das orelhas:

A A disse: “Temos que cortar um pedaço mais grande!”

Sobrava apenas dois pedaços, sendo que ainda faltava quatro partes, como e que podiam fazer:

A L disse: “Isabel podemos cortar ao meio, pois dois mais dois dá quatro, assim ficamos com quatros partes.”

Nota de campo de 2 de dezembro de 2019

A investigadora foi dando indicações para não se esquecerem do resto do corpo, fazendo ligação às partes que já tínhamos.



Figura 57-Divisão da massa

Após esta reflexão chegaram à conclusão que tinham dois braços e duas pernas e por isso tinham que fazer o mesmo processo, cortar os dois pedaços ao meio. Foi evidente a

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

atenção das crianças, pois esta tarefa sem atenção não era fácil executar, devido ao corte das partes constituintes do urso.

Contudo foi muito interessante a participação ativa e pertinente durante a mesma, todos quiseram intervir no corte e na explicação matemática, uns com mais facilidade que outros, sendo que os que tinham mais dificuldade foram ajudados pelos outros, demonstrando ser um grupo muito amigo e coeso.

Seguiu-se então a realização das bolas, como mostra a figura 58, com mais facilidade todos conseguiram realizar esta ação, contudo a união das peças já foi um processo mais complexo, pois tinham que utilizar a água nas pontas das peças e calçar de forma a colar, procedimento esse realizado com auxílio do adulto, sendo que depois de já terem apanhado o jeito já não precisavam do apoio.



Figura 58-Modelagem da massa

Deste modo, na semana seguinte realizaram a pintura da escultura de acordo com a obra do pintor Romero Britto, como evidenciam as figuras 59. Foi disposto na mesa, diversas cores e pincéis, para que pudessem pintar de forma livre.

Segundo Gonçalves (1991), através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações, como se mostra na Figura 59.



Figura 59-Pintura da Obra

Análise

Esta atividade tornou-se de gestão um pouco complexa, pois era necessário realizá-la com grupos pequenos para dar auxílio a cada um de forma mais individualizada, de forma a que todos pudessem ter a mesma oportunidade.

Por conseguinte, este fator tornou a atividade mais demorada e também o facto da massa precisar de secar também complicou o processo, tendo que passar a conclusão da mesma para as semanas seguintes.

Um dos objetivos principais com este tipo de atividades é a liberdade de expressão de diversas formas e, assim sendo, nas artes visuais é primordial que a criança se exprima de forma livre, de modo a exteriorizar as suas emoções, as suas ideias.

Para Read, citado por Reis, (2003), “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição” (p. 116).

Na semana seguinte deu-se a conclusão da atividade, na qual foi possível aferir que o facto de terem sido apresentadas opções fez com que os grupos realizassem a escultura de forma agradável.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Assim foi possível constatar que grupo do coração, não teve dificuldades aparentes enquanto que o grupo do arco íris, já sentiu algumas dificuldades, primeiramente devido ao facto de ser o grupo com crianças mais novas e porque tinham que contar as cores do arco íris e fazer as partes do mesmo. Assim sendo, a investigadora sentou-se na mesa com eles e começou por apresentar o livro onde estava o desenho do mesmo e realizar a contagem com o grupo.

Posteriormente decidiram em conjunto que era mais fácil se fizessem lagartixas como fazem com a plasticina e depois juntar, o que tornou mais fácil a realização da escultura, como consta na figura 60.



Figura 60-Elaboração do arco-íris

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 61-Pintura da obra “O coração”

Sentiu-se o grupo mais à vontade e com mais atenção, no momento em que o apoio foi dado de forma individualizada, o que demonstrou que este grupo mais novo não estava familiarizado com este tipo de atividade, contudo gostam muito de explorar e realizar estas propostas.

Pretendia-se realizar esta atividade na sua íntegra em língua gestual, mas ao longo da mesma apenas foi possível na realização das partes do urso e mesmo assim teve que explicar, pois, devido à sua complexidade este meu objetivo foi complicado de atingir na sua totalidade.

Apesar deste obstáculo e percebendo que era mesmo muito complicado de realizar esta atividade de forma mais inclusiva, tenho consciência que a ideia principal que as pessoas surdas também são capazes de realizar esta atividade, ou seja esculpir utilizando a língua gestual para explicar os procedimentos foi captada.

Avaliação

A figura 62 , apresenta cinco momentos de observação referentes ao nível de envolvimento de cada participante do estudo, pois devido à sua complexidade e extensão, foi necessário verificar em cada etapa o nível de envolvimento. O primeiro momento destinou-se à realização de um diálogo acerca da língua gestual portuguesa. O segundo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

momento destinou-se à exploração da língua gestual, o terceiro momento à realização da escultura, o quarto à pintura da mesma e o quinto à reflexão da atividade e consolidação de conceitos.

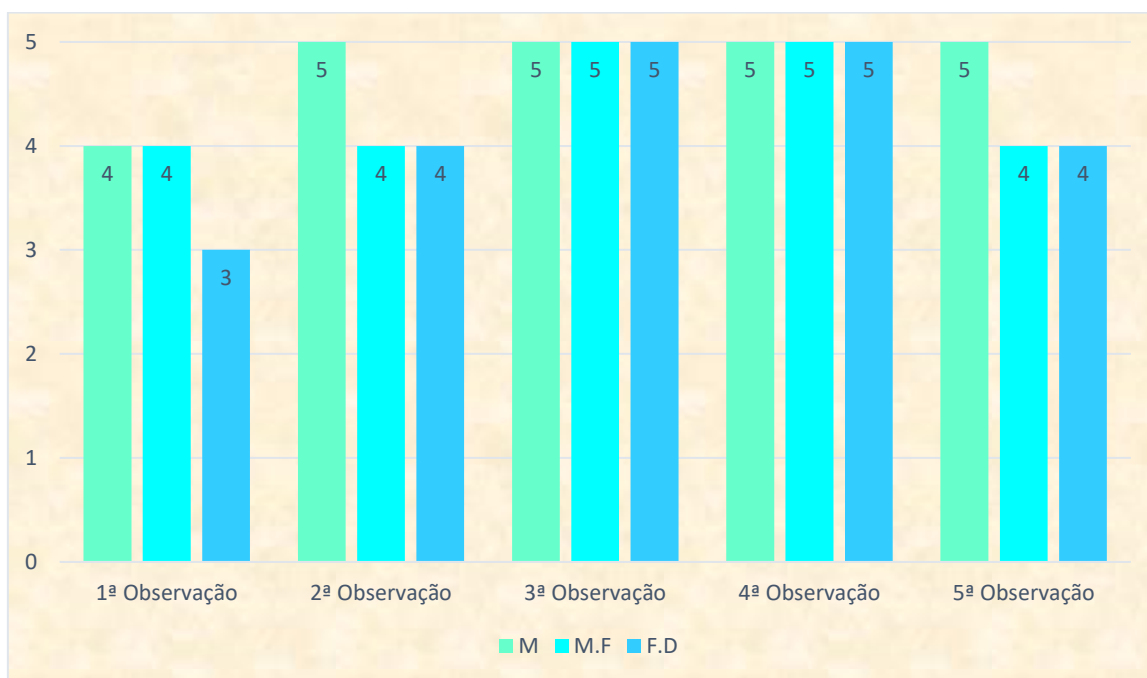


Figura 62-Nível de Envolvimento

Como é possível observar, o nível de envolvimento é muito positivo, o grupo aceitou muito bem o desafio proposto da língua gestual.

Segundo Laevers (1994) envolvimento é:

Uma atividade da qualidade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência e é caracterizada pela motivação, fascínio e implicação; abertura à estimulação e intensidade da experiência, quer ao nível sensorial quer ao nível cognitivo; grande satisfação e grande fluxo de energia ao nível físico e espiritual. É determinada pelo impulso exploratório e padrão individual das necessidades desenvolvimentais, esquemas fundamentais que refletem o atual nível desenvolvimental(p.5).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

O primeiro momento de observação, o do diálogo acerca da língua gestual, foi introduzido de forma dinâmica. Procedeu-se com os materiais apelativos, o que suscitou muita curiosidade, permitindo assim um nível de envolvimento de nível 4 na M e na M.F, que se mostraram muito empenhadas e recetivas e o F.D, apresentou um nível 3 devido a ter apresentado momentos de distração por parte dos participantes elevado. Contudo e por ser um tema complexo e demorado, fez com que por vezes se distraíssem, mas voltavam de seguida com atenção e concentração à atividade.



Figura 63-Língua Gestual

O F.D, apresentando um nível de envolvimento de 4, prontificou-se a realizar todos os gestos, demonstrando muito interesse e cuidado, na realização dos mesmos, contudo por vez distraia-se e brincava com o colega do lado, voltando de imediato à atividade.

No segundo momento de observação, o da exploração da língua gestual, foi possível observar a M, num nível 5 de envolvimento, realizando cada gesto de forma muito precisa, concentrada e tendo em conta todos os pormenores, questionando quando não conseguia fazer algum gesto.



Figura 64-Língua Gestual

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



A M.F, apesar de ser mais nova e ter alguma dificuldade na coordenação motora, também apresentou um nível de envolvimento bastante satisfatório, nível 4, mantendo um olhar fixo para a estagiária enquanto a mesma faz os gesto de modo a que consiga replicá-los. Quando não conseguia, após várias tentativas a estagiária acabava por dar apoio individualizado.

Figura 65-Lingua Gestual

No terceiro momento de observação, a realização da escultura, em geral todos se situaram no mesmo patamar de envolvimento, nível 5. No início houve alguma dificuldade que se prendeu com o manuseamento da massa Das. O que deixou de ser um obstáculo, quando foi explicado que se colocassem um pouco de água na massa, ela ficava mais mole e fácil de manusear.

A partir desta explicação foi possível verificar nível crescente de envolvimento nas crianças:



A M, demonstrou bastante destreza no manuseamento da massa, conseguindo executar a obra “O Coração” de R.B, muito bem, primeiramente utilizando a faca para recortar o excesso e apos o recorte, realizou com muita concentração e precisão a obra, demonstrando força manipulativa e precisão da coordenação olho-mão.

Figura 66-Manuseamento da massa

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

O F.D, executou esta tarefa, com muito empenho, mantendo uma postura muito atenta e correta ao longo da mesma. Apresenta momentos de muita satisfação, observáveis através da expressão facial, sorri e faz até caretas de felicidade.



Figura 67-Manuseamento da massa



A M.F, apresentou uma postura muito atenta, no decorrer da explicação, aquando da elaboração da escultura. Inicialmente mostrou alguma insegurança, devido ao facto de nunca ter tido contato com a massa. Após ter comparado a massa à plasticina, a M iniciou a construção muito mais segura, apresentando uma grande evolução na coordenação olho-mão.

Figura 68-Manuseamento da massa

No quarto momento, o da pintura, foi possível verificar o nível de envolvimento mais alto, o 5 em todos os intervenientes do estudo, apresentaram-se muito concentrados, olhando para todos os pormenores da pintura.


Por fim no quinto momento, a reflexão da atividade, já foi possível observar alguma dispersão no grupo, devido à sua complexidade, sendo possível observar no quadro que a M, se manteve no mesmo nível de envolvimento, mostrando sempre muito atenta e empenhada, enquanto que a M.F e o F.D, baixaram para o nível 4, pois se encontravam-se por vezes dispersos, ainda que por curtos momentos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Atividade7-Exposição “Salpicos e Rabiscos com Emoção”

O seguinte quadro, indica quais as estratégias planeadas e quais as aprendizagens que se esperam para a elaboração da exposição.

Quadro 7-Exposição

Obra / Autor	Estratégias	Aprendizagens a promover
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Organização dos materiais ❖ Preparação dos materiais e da sala ❖ Expor as obras nas paredes ❖ Apresentar a exposição à comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem; ❖ Cooperar com outros no processo de aprendizagem; ❖ Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros; ❖ Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.

Exposição: Estratégias e Aprendizagens a promover

A elaboração da exposição dos trabalhos realizados pelas crianças, teve como objetivo dar a conhecer tanto o trabalho realizado pela investigadora, bem como todas as obras de arte realizadas pelo grupo de crianças. Esta exposição teve lugar num centro de exposições, inicialmente apenas por um dia. No decorrer do mesmo, fui informada do alargamento deste prazo para mais uma semana, devido à qualidade da mesma.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Esta intervenção iniciou-se com a pintura dos convites com aguarela para a exposição, esta foi realizada na semana anterior, pertencendo a etapa da preparação da exposição.



Figura 69-Elaboração do convite

A pintura foi realizada em grande grupo, dispondo as crianças pelas mesas de trabalhos, distribuindo pinceis e aguarelas para a elaboração da tarefa.

Realizaram esta tarefa, muito empenhados e satisfeitos, pois queriam muito que o dia chegasse e que pudessem apresentar todos os trabalhos aos pais. Estes foram um fator surpresa até ao dia, os pais apenas tiveram conhecimento de algumas coisas, pois as crianças devido ao nível de envolvimento partilhavam em casa as atividades feitas.



Figura 70-Convite para a exposição

Deste modo na semana seguinte, a educadora cooperante em conjunto com a investigadora desenharam e coseram uma saia, para as crianças pintarem. Esta pintura realizou-se a pares, foram dispostas tintas, explicando de seguida a técnica a utilizar.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Como era tinta de tecido aguada, tinham que sacudir os pinceis na direção da saia sem a tocar, de modo a que esta ficasse apenas com gotas de tinta, como apresenta a figura 71. Foi de facto uma atividade muito dinâmica e que originou algumas gargalhadas por parte das crianças, devido ao modo como estas estavam a realizar a tarefa (Figura 72), uns mais cuidadosos que outros permitindo assim obter um resultado final bastante criativo.



Figura 71-Pintura da saia

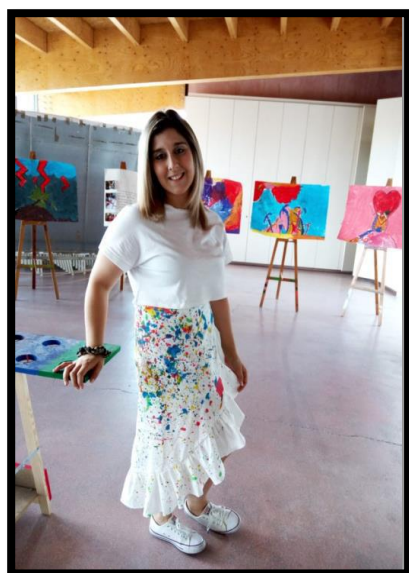


Figura 72-Resultado Final da saia

Por fim chegou o tão esperado dia, tanto pelas crianças como pela investigadora, pois finalmente iriam expor os seus trabalhos, que devo dizer que superaram as expectativas de todos.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 73-Montagem da exposição

A exposição foi elaborada também pelas crianças, pois como foi um projeto tão envolvente ao longo destes meses, não fazia sentido que os principais intervenientes não fizessem parte desta elaboração, assim sendo fez-se grupos de modo a que todos tivessem oportunidade de colaborar.

Cada grupo tinha uma tarefa, dois grupos colocaram a fita cola nos trabalhos, um grupo ia cortando a fita cola, outro ia colocando as telas grandes em cavaletes, e por fim depois da exposição montada, foi feita uma sessão de fotos das crianças com os seus trabalhos.

Para esta intervenção teve-se em consideração os pintores que fizeram parte do projeto, que puderam colaborar com a exposição dos seus trabalhos e com a sua ajuda na decoração da sala de exposições, como mostra a figura 73.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.



Figura 74-Exposição

Ao longo das paredes da sala, estavam expostos os trabalhos por ordem de realização, respetivamente identificados com o nome do autor, uma breve descrição das etapas da atividade, as aprendizagens promovidas e fotografias da atividade.

Foi realizada uma visita guiada a cada encarregado de educação, de modo a pôr a par acerca de cada atividade. Esta explicação foi, inicialmente, dada pela investigadora e posteriormente pelas crianças. Foi notável, o entusiasmo e o envolvimento de cada criança, todos souberam identificar o seu trabalho, bem como explicar o que tinham feito e aprendido.

No centro da sala de exposições, estava a paleta de cores de Reggio Emilia, construída em madeira pela investigadora e pintada pelas crianças, este material foi utilizado em todas as atividades em que foram utilizadas tintas.

Foi um material bastante importante neste processo, pois estimulou a criatividade e o interesse pelas artes visuais e pela pintura em si, devido ao facto de ser muito dinâmico.

Esta exposição esteve aberta à comunidade educativa, bem como a qualquer pessoa que quisesse ir visitar, como forma de avaliação da exposição e trabalho realizado pela aluna estagiária com o grupo, foi disponibilizado um caderno, onde todos os visitantes podiam tecer um comentário acerca da mesma. Após a leitura de alguns comentários, apenas se pode constatar que este projeto se reflete apenas numa frase: Segundo Leonardo da Vinci “A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.”

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

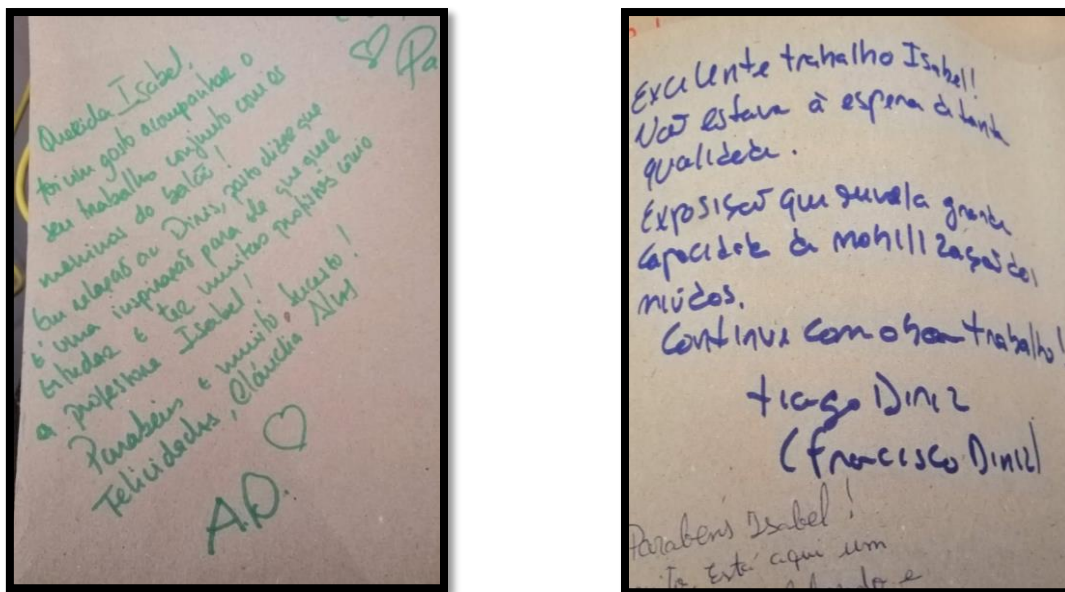


Figura 75-Apreciações Escritas

1.2.Triangulação de Dados: Aprendizagens Significativas

Segundo Denzin e Lincoln (2006):

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas (p. 20).

Como refere a afirmação, a triangulação de dados é a ligação dos dados obtidos ao longo do estudo. Assim sendo iniciou-se com a análise das notas de campo referentes à arte. Como afirmam Lyra et al (2009): “a técnica utilizada para coleta e tratamento dos dados tem como objetivo principal o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, proporcionando conclusões mais convincentes e acuradas sobre um mesmo fenómeno.” (p.45).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

O que é a arte?

Quadro 8-Avaliação Pré e Pós Plano de Intervenção

Antes da intervenção	Após a intervenção
M “são pintores. “	“é pintar como Miró, com muitas cores, também podemos pintar com as mãos e os pés.“
M.F “É os desenhos que fazemos.”	“É uma coisa bonita e nós sentimo-nos bem.”
G “Não sei.“	“É uma coisa bonita e nós sentimo-nos bem em pintar. “
F.D “Eu gosto de pintar.“	“É fazermos pinturas como Miró”
L “Eu tenho quadros na parede do quadro. “	“É pintar com “kandiky”, desenhar como a Isabel faz para os nossos trabalhos, fazer música.”
T “eu nunca ouvi falar.”	“É pintar como fizemos contigo.”
F “Sabes Isabel a minha mãe diz que sou um artista engraçado quando canto e desenho, isso é arte, não é? “	“São as pinturas com a boca, como o Miró e como os quadros que a minha mãe pinta.”

Avaliação: Significado de arte

Após a observação do quadro 8 pode-se constatar que houve de facto uma evolução nas respostas relativamente à ideia de “arte”. Como evidencia o L “Eu tenho quadros na parede do quarto “ antes da intervenção e “É pintar com “kandiky”, desenhar como a Isabel faz para os nossos trabalhos, fazer música”. Antes da Intervenção o T referia “ eu nunca ouvi falar”, e no final refere “É pintar como fizemos contigo”.

Aprimoraram os conhecimentos, com os nomes dos pintores que foram abordados ao longo do estudo e com as técnicas utilizadas no mesmo. Isto mostra que houve enriquecimento do vocabulário devido ao nível de envolvimento apurado.

Ao fazer a análise dos dados referentes à avaliação do estudo, pôde-se fazer um balanço positivo. Ao analisar a entrevista feita inicialmente aos intervenientes do estudo, conclui-se que as crianças tinham um conhecimento muito reduzido acerca do que é a arte e com a implementação deste projeto adquiriram não só conhecimento acerca de alguns

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

artistas abordados, bem como referiram diferentes tipos de arte, e até exemplos dos tipos de arte abordados.

A arte é de extrema importância, quando se fala de educação, pois como refere Stern (s.d.) :

A arte, (...), é a segunda linguagem que, sendo a linguagem do inconsciente, vem completar a da razão. Nasce com ela a expressão total (...). Esta segunda linguagem é um meio de libertação que permite à criança escrever o jornal íntimo do seu psiquismo (p. 60).

Aquando da identificação da problemática, o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas num grupo de crianças de educação pré-escolar, a investigadora desenvolveu atividades, como forma de responder as questões colocadas no decorrer da investigação. Atividades essas que permitiram analisar o nível de envolvimento das crianças perante as propostas colocadas.

Esta análise foi realizada em dois momentos da investigação com intervenientes diferentes, o primeiro momento em PES II, foram selecionadas três crianças, a M, o L e T.F, o segundo momento em PES III, foram selecionadas a M, e como as outras duas crianças foram para o ensino publico, houve a necessidade de selecionar mais duas crianças a M.F e o F.D.

Como é possível evidenciar no gráfico relativo ao primeiro momento de PES II:

Este apresenta a média dos valores obtidos da escala de envolvimento, registos esses que estão nos apêndices D(...)U, referentes aos momentos de observação do nível de envolvimento de cada participante do estudo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

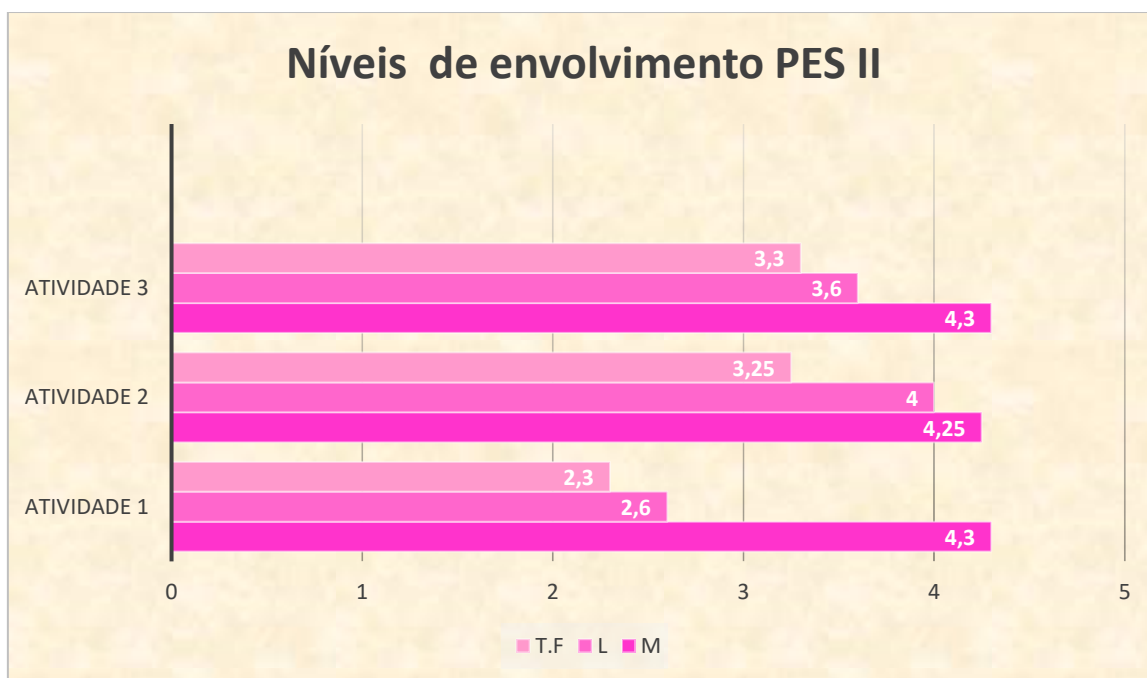


Figura 76-Média dos níveis de envolvimento

A figura 76 apresenta os níveis de envolvimento dos participantes do estudo o T.F, L e M, na atividade 1, Arte Rupestre, na atividade 2, Sonhar como Miró e na atividade 3, O Pop Art.

Relativamente à criança M, na primeira atividade teve uma média de envolvimento de 4,3, que significa que esteve bastante concentrada e atenta ao que foi apresentado pela investigadora. Isto aconteceu porque no segundo momento o envolvimento foi de nível 5, apresentando-se muito empenhada, realizando com muita precisão a pintura.

Na segunda atividade continuou com uma média acima de 4, (4,25 – figura 76), uma vez que manteve o mesmo nível de envolvimento principalmente no quarto momento. O momento da pintura em caixa de luz, onde demonstrou muito empenho, observando cada pormenor da obra que estava a representar, assim sendo apresentou o nível mais alto de envolvimento, o nível 5.

E por último, na atividade 3 teve um media de 4.3, que significa que manteve o mesmo nível de envolvimento da primeira atividade, devido à sua concentração e precisão na mesma.

A M foi consistente no seu envolvimento, podendo assim concluir que existiram sinais de atividade intensa e deliberada pelo menos em metade da observação. Apenas a

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

complexidade e o esforço mental parecem ser os fatores que ainda não estão inteiramente presentes, por vezes distrai-se e necessita de estimulação por parte do educador.

Com base nos resultados expressos na figura 76a criança L:

Na primeira atividade teve uma média de envolvimento de 2,6, o que significa que esteve pouco concentrado, apresentando muito momentos de distração, nomeadamente no primeiro e no terceiro momento, ou seja nos diálogos em grande grupo, onde o nível de envolvimento registado é de 2. Contudo no que refere às atividade de pintura, evidencia um nível 4 de envolvimento, mostrando calma e concentração.

Na segunda atividade teve uma média de 4, uma vez que manteve o mesmo nível de envolvimento principalmente no segundo e terceiro momentos de observação evoluído para o nível quatro. No quarto momento, o momento da pintura em caixa de luz, demonstrou muita precisão e atenção.

E por último, na atividade 3 teve um média de 3.6, o que significa que manteve o mesmo nível de envolvimento da segunda atividade, contudo, no momento de diálogo manteve o nível 3.

O L, teve uma evolução na seu envolvimento, mantendo sinais de pouca intensidade nos momentos de diálogo em grande grupo e nas pinturas um nível de intensidade maior, apresentando-se nesses momentos uma criança calma e atenta devido ao estímulo apresentado nessas atividades.

Com base nos resultados apresentados na figura 76 o T.F:

Na primeira atividade teve uma média de envolvimento de 2,3, o que significa que esteve pouco concentrado, apresentando momentos de ausência de atividade em que durante a mesma não esteve concentrado, olhando para o ar. Na terceira observação apresenta um nível de envolvimento mais elevado, nível 3, que coincide com a realização da pintura.

Na segunda atividade teve uma média de 3,25, uma vez que demonstrou o nível 3 de envolvimento nas primeiras três observações. Já no quarto momento, o momento da pintura em caixa de luz, demonstrou uma evolução tanto no nível de envolvimento com o nível 4, como na motricidade fina, conseguindo manipular o pincel, fazendo uma realização da obra com muito cuidado, observando com atenção os pormenores da mesma.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

E por último, na atividade 3 teve um média de 3.3. Contata-se um aumento no nível de envolvimento, contudo, no que concerne ao momento de diálogo manteve o nível 3. O T.F, teve uma evolução no seu nível de envolvimento, mantendo sinais de pouca concentração nos momentos de diálogo, contudo no momento das pinturas apresenta um nível mais elevado de envolvimento, o nível 4.

O segundo momento em PES III, foram selecionadas a M, e como as outras duas crianças foram para o ensino público, houve a necessidade de selecionar mais duas crianças a M.F e o F.D.

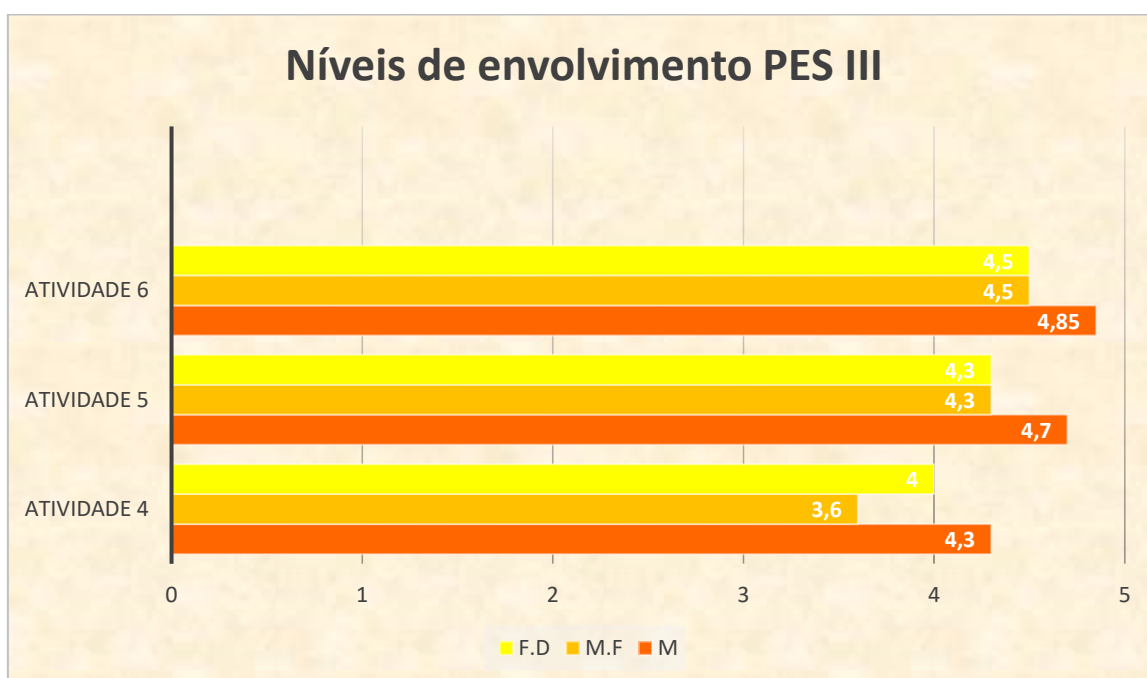


Figura 77- Média dos níveis de envolvimento

A figura 77 mostra os níveis de envolvimento das crinaças nas atividades 4, 5 e 6.

Relativamente à criança M na quarta atividade teve uma média de envolvimento de 4,3, o que significa que esteve bastante concentrada, apresentando momentos muito curtos de distração, apenas ao longo do diálogo e da visualização do vídeo, registando um nível 4 de envolvimento. No terceiro momento o envolvimento foi de nível 5, designadamente na pintura com a boca, em que se apresentou muito empenhada, investindo muito esforço na atividade, persistindo na mesma, demonstrando muito interesse e prazer na sua realização.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Na quinta atividade continuou com uma média acima de 4 (4.7) uma vez que manteve o mesmo nível de envolvimento, nível 5. No segundo e terceiro momentos, da pintura com a boca e do diálogo reflexivo, demonstrou muita precisão e cuidado mantendo os olhos fixos no que executava.

E por último, na sexta atividade teve um nível de envolvimento bastante positivo de 4.8, o que significa que manteve o mesmo nível de envolvimento durante a atividade. Apenas, no momento de observação apresentou o nível 4, seguidamente registou o nível 5 nos outros quatro momentos, demonstrando muita concentração e precisão na mesma.

A M foi muito consistente no seu envolvimento, podendo assim concluir que manteve uma atividade intensa em todas as atividades, conseguindo apresentar uma evolução no esforço mental e na complexidade, mostrando-se mais atenta nos momentos de diálogo.

Relativamente à criança M.F, na quarta atividade teve um nível de 3.6 de envolvimento, o que significa que esteve pouco concentrado, apresentando alguns momentos de distração, nomeadamente no diálogo de iniciação ao tema. Contudo houve um aumento no nível de envolvimento no segundo e terceiro momentos, registando o nível 4, evidenciando muita concentração e calma na realização da pintura com a boca.

Na quinta atividade teve uma média de 4, (4. 3- figura 77) uma vez que manteve o mesmo nível de envolvimento principalmente no primeiro e terceiro momentos, registando o nível quatro. Contudo no momento da pintura com os pés, apresentou muita precisão e atenção, manifestando-se através da sua expressão facial e da sua postura corporal.

E por último, na sexta atividade teve uma média de 4.5, o que significa que houve um aumento gradual no nível de envolvimento ao longo das atividades, ocorrendo momentos de maior concentração e atenção. Apesar da complexidade desta atividade, a M.F mostrou-se muito constante no nível de envolvimento, registando um nível de envolvimento entre o 4 e 5.

O F.D na quarta atividade teve uma média de envolvimento de 4, o que significa que ao longo dos momentos de observação teve uma evolução, registando no primeiro momento um nível 3, no segundo o 4 e no terceiro o 5, revelando concentração e empenho ao longo da pintura.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Na quinta atividade continuou com uma média acima de 4, (4,3 – figura 77), uma vez que manteve o mesmo nível de envolvimento principalmente no primeiro e no terceiro momentos de diálogo da atividade. No segundo momento, a pintura, demonstrou muita concentração, com os olhos fixos na folha e no pincel, muito focado no que fazia, não se distraíndo com nada, assim sendo apresentou o nível mais alto de envolvimento, o nível 5.

E por último, na sexta atividade teve um média de 4.5, o que significa que aumentou o nível de envolvimento relativamente à quarta e quinta atividade, devendo-se ao facto da sua concentração e predisposição para a elaboração da pintura ter aumentado.

Relativamente às atividades realizadas, é possível verificar que a atividade com maior nível de envolvimento por parte de todos os participantes do estudo, foi a escultura de Romero Britto, através da língua gestual, porventura devido ao facto da mesma ter apresentado materiais diversos, que estimularam a atenção, a criatividade e a exploração da língua gestual.

Esta última etapa, a língua gestual, foi o momento em que o grupo atingiu um nível de envolvimento mais elevado, demonstrando um nível de entusiasmo, prazer, satisfação e interesse bastante positivo.

Além da observação dos sujeitos selecionados para a pesquisa, a investigadora esclarece que fez três entrevistas às crianças, a fim de apreender a visão de cada um desses participantes do estudo sobre o contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Relativamente às questões:

- Poderá a diferença potenciar as artes visuais?

Foi possível evidenciar, em todas as atividades realizadas com práticas inclusivas, que o facto de haver pessoas com limitações (motoras, visuais entre outras...), não é barreira para executar atividades de artes visuais, pelo contrário.

As atividades de artes visuais, podem ser entendidas como forma de expressão, comunicação, atribuindo-se através dela, o sentido a sensações, sentimentos e pensamentos, pois como refere Júnior (1994), a arte permite dar forma aos sentimentos, pensamentos e

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

emoções, dispendo-os num texto visual e constituindo-se assim, como uma oportunidade de expressão.

Segundo Mantoan (2006), aprender é uma ação humana criativa, individual heterogénea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada.

São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores – essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele.

Assim foram desenvolvidas atividades que valorizaram a experiência em arte e na diferença, de modo a que as crianças, se tornem mais abertas a ler o mundo e mais criativos na utilização dos seus conhecimentos. Houve uma grande envolvência nas atividades inclusivas, pois nenhuma criança do grupo se negou a realizar as mesmas, queriam experienciar e explorar estas práticas inclusivas.

Como é possível verificar nas entrevistas (Apêndices A, B e C), quando os participantes são questionados sobre a possibilidade de todos fazermos arte, eles respondem:

M disse: Todos somos capazes de fazer arte, como o menino de cadeira de rodas do vídeo. M.F disse: Sim conseguem, com ajuda, como as pessoas que não tem mãos, pintam com a boca.

F.D disse: Sim, alguns tem que ter ajuda e outros não. Fazem com o pé e a boca e as pessoas cegas com bolas de cola a volta para sentirem.

Entrevista de 3 de janeiro de 2020

Através destas respostas é possível aferir que a diferença potencia sem dúvida as artes visuais, pois a arte promove o conhecimento de forma visual e criativa, respeitando assim as diferenças de cada um, tanto a nível cultural, como social, despertando assim o desenvolvimento da pessoa e pode-se constatar que é um meio benéfico para a inclusão, uma

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

vez que para além do conhecimento das diversidades, também promove o respeito acerca das limitações das crianças e salienta as capacidades de cada criança.

Segundo Mantoan et al (2006):

Aprender é uma ação humana criativa, individual heterogénea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores- essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele(p. 13).

- Qual o papel das artes visuais no desenvolvimento da motricidade fina?

Segundo Gallahue e Ozmun (2005):

No período pré-escolar as crianças apresentam um conjunto de condições psicofisiológicas benéficas à aprendizagem das habilidades motoras básicas. É por volta dos três até aos seis anos de idade que o cérebro humano atinge quase na sua totalidade o peso adulto. Neste período há uma maior disposição física e cognitiva para assimilar a influência externa, facilitando assim a aquisição das habilidades motoras(p.5).

Foi possível constatar que ao longo das atividades realizadas as crianças desenvolveram a sua motricidade fina, nomeadamente a M e o F.D, apesar de apresentar uma coordenação motora bem desenvolvida, tinham dificuldade no recorte, pois não conseguia manter uma postura correta aquando da sua realização, contudo na atividade de recorte e colagem essa limitação foi ultrapassada no fim da investigação.

A M.F, o T.F e o L, apresentavam dificuldade na pega do pincel e do lápis, agarravam o lápis com a mão por inteiro, contudo, após a intervenção já conseguiam realizar a pega com o polegar e o dedo indicador descansando o dedo médio.

Esta competência só foi possível ser atingida, porque foram realizadas atividades de artes visuais que proporcionaram às crianças em idade pré-escolar atividades motoras de forma persistente e com intencionalidade educativa.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Le Boulch (1984) faz referência a estas experiências manuais que são importantes para estimular a criatividade da criança e desenvolver “(...) a habilidade manual, a coordenação e a precisão de gestos finos” (p. 67).

- Será possível relacionar a motricidade fina com práticas inclusivas?

As atividades relacionadas com práticas inclusivas, promoveram o desenvolvimento de competências da habilidade da motricidade fina, pois realizaram-se atividades de enfiamentos para pessoas cegas, com serapilheira com relevo em cada buraco, no qual as crianças tinham que enfiar a corda em cada bocado estando de olhos vendados, realizou-se a pintura com os pés, no qual tinham que colocar o pincel entre os dedos de forma a pintarem na argola de madeira, a realização da escultura através da língua gestual, no qual tinham que realizar uma obra de RB, apenas com os gestos (língua gestual) que a investigadora tinha ensinado anteriormente.

Assim sendo em todas estas práticas inclusivas, tivemos em consideração esta relação entre a motricidade fina e as práticas inclusivas, competência essa que é imprescindível, aquando de atividades de artes visuais.

Para além do referido em cima, foi crucial que todas estas atividades fossem planeadas de forma criteriosa, com estratégias pedagógicas e com materiais diversos, que permitiu o desenvolvimento gradual das crianças ao longo destas atividades.

Segundo Dias (2012):

O cuidado com que o educador/professor aborda uma temática, a forma como ele apresenta a atividade e os materiais implícitos, o modo como clarifica o que se pretende da atividade e, acima de tudo, a maneira como ele “olha” todo o processo de construção da atividade e o resultado final, condicionará, de facto, o desempenho da criança(p.17).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

CAPÍTULO V

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1. Conclusões

1.1 Conclusões da Dimensão Investigativa

O conteúdo deste estudo, teve origem numa observação participante, no qual se considerou pertinente a promoção de atividades estimulantes e criativas, de modo a que os participantes desenvolvessem o espírito crítico e a criatividade. Assim sendo, houve a necessidade de explorar as Artes Visuais, de forma diferente, com técnicas diversas, utilizando a inclusão e as práticas inclusivas para esse efeito.

As conclusões deste estudo, foram patenteadas conforme os resultados obtidos, seguindo uma análise e interpretação, tendo por base as questões de investigação formuladas anteriormente: “Poderá a diferença potenciar as artes visuais?”; “Qual o papel das artes visuais no desenvolvimento da motricidade fina?” e “Será possível relacionar a motricidade fina com práticas inclusivas?”.

A promoção deste tipo de atividades, apelativas e cativantes proporcionou ao grupo de crianças, expressarem os seus sentimentos, demonstrando-se mais motivados e interessados ao longo da execução das mesmas. Quando estas atividades são executadas de forma ponderada e tendo em atenção as necessidades das crianças, promovem também novas perspetivas, como a exploração de diferentes técnicas, que desenvolvem o sentido de criatividade e por conseguinte, as crianças começam a demonstrar muito interesse e a cooperar com os desafios a que são expostas.

Como foi evidente, o grupo teve oportunidade de experienciar situações de diálogo, sobre obras de arte, a inclusão e experiências artísticas, onde foi notório o interesse manifestado por eles, aumentando assim o nível de interesse e de envolvimento, estando mais predispostas a realizar as atividades artísticas.

Esta afirmação, assenta-se na observação que a investigadora fez relativamente às expressões faciais, bem como à postura corporal das crianças, sendo notório o interesse, a satisfação, o prazer, a concentração, a atenção e a motivação, a partir dos quais foi possível observar o envolvimento das mesmas aquando da produção das obras de arte.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

De um modo geral, é possível constatar que este projeto se revelou tanto para o grupo como para a investigadora, um desafio, com um impacto final muito positivo, referente ao desenvolvimento das crianças, bem como às suas produções finais.

O facto de a investigadora ter apresentado diversas formas e técnicas de arte, permitiu às crianças desenvolver a sensibilidade estética, estimulando o processo criativo.

Como Pillotto e Mognol (2007) afirmam:

A arte possibilita às crianças “um mundo de símbolos, que é significado e re-significado em cada ação. Nesse sentido, as instituições de educação infantil podem contribuir efetivamente, construindo atitudes em que o desenvolvimento cognitivo e sensível da criança seja preservado” (p. 226).

Contudo o tempo dedicado ao diálogo, permitiu a partilha de conceitos e ideias por parte de diferentes níveis de desenvolvimento existentes no grupo, proporcionando assim as diversas capacidades tais como, a apreciação estética, pois esta foi estimulada através das observações das obras de arte e da valorização das suas opiniões e leituras relativamente a cada obra e pintor.

No decorrer das produções das obras de arte, foram observados comportamentos de grande envolvimento, pois puderam expressar-se livremente, adquirindo assim autoconfiança, tornando-se mais responsáveis e cooperantes nas interações com os seus pares.

O envolvimento do grupo, relativamente às práticas inclusivas, foi sem dúvida bastante positivo, aceitaram o desafio de todas as semanas a investigadora apresentar diferentes pessoas com alguma incapacidade (cegueira, surdez, motora), e de eles terem que realizar uma obra de arte como se tivessem essa limitação.

Não só aceitaram o desafio como o superaram de forma tão leve e natural, que a diferença, deixou de existir passando a haver a igualdade entre todos, a visão que eles adquiriram dessas pessoas, foi que elas até podem ser limitadas em alguma parte do corpo, contudo conseguem sempre realizar tudo o que lhes é proposto, com ou sem ajuda de outra pessoa. Esta visão só foi possível porque experienciaram técnicas artísticas com práticas inclusivas.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Como refere Guijarro (2005), “A educação inclusiva promove o desenvolvimento de valores de justiça, solidariedade e igualdade e faz o possível o ‘aprender a viver juntos’ e o ‘aprender a ser’” (p. 11).

Na semana em que foram cegos, desenharam a carvão ao som de música com ritmo rápido e lento e fizeram enfiamentos em serapilheira, com os olhos vendados, na semana da incapacidade motora, pintaram uma obra de Kandinsky, manuseando o pincel com os dedos dos pés e pintaram com a boca, e na semana da surdez, realizaram uma escultura de Romero Britto, através de língua gestual.

Para que possam existir estas experiências,

“ o educador deve, assim, respeitar a diferença, pois cabe à educação pré-escolar promover uma educação para todos (escola inclusiva), adotando a “prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais” (Ministério da Educação, 1997, p.19).

Como para a investigadora, esta definição de inclusão estava clara, foi fácil transpô-la para as crianças, e devido a leveza com que a mesma a transmitiu para grupo, foi notório que para eles não existe diferenças, tanto as crianças como os adultos são todos iguais, sendo cegos, surdos, ou não tendo nenhuma incapacidade, para o grupo ficou claro que a diferença tem que ser respeitada.

Assim sendo, o papel do educador é criar interações positivas entre alunos com e sem necessidades educativas especiais e proporcionar momentos facilitadores e estimulantes da criatividade, pois só desta forma pode promover um ambiente educativo positivo.

Tal como afirma Robinson (2010), todos nascemos com grandes capacidades de imaginação, inteligência, intuição e sensibilidade, mas, na verdade, não fazemos ideia de como as havemos de utilizar, deste modo é crucial que o educador assuma esse papel.

Em modo de conclusão, acredito que esta investigação, possibilitou uma maior preparação para a inclusão de práticas educativas inclusivas nas crianças, inseridos na escola

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

regular, fornecendo assim maior motivação para ajudar a encarar diversos desafios que possam surgir no futuro, pois estas vivências são marcos importantes, experiências positivas que permitem às crianças ao longo da sua vida poder tirar ensinamentos e aplicar em determinados momentos.

1.2 Implicações da Investigação para a Prática Profissional Futura

O caminho percorrido ao longo deste mestrado deu-me a possibilidade de refletir acerca de vários aspetos inerentes à profissão de educadora de infância.

Assim sendo ao longo do estudo, foi desenvolvido um projeto sobre arte e inclusão com um grupo heterogéneo de pré-escolar, que esteve aberto a novas ideias, atividades e sempre muito motivado e com vontade de aprender sempre mais, o que permitiu que o projeto fluísse de forma dinâmica.

Um dos pontos fortes foi envolver as crianças na escolha do tema, garantindo os seus interesses ao longo do projeto e vontade em participar.

Bruner (data)considera que as crianças possuem quatro características congénitas, por ele chamadas de predisposições que configuram o gosto de aprender. São elas: a curiosidade, a procura de competência, a reciprocidade e a narrativa. A curiosidade é uma característica facilmente observável em todas as crianças.

Por ser tão comum, Bruner considera que a curiosidade é uma característica que define a espécie humana (Vasconcelos, 2012, p.8).

Para mim, um dos fatores de grande importância e ao mesmo tempo de dificuldade foi o facto da interligação entre as diferentes áreas de conteúdo, pois ao início não estava a conseguir perceber como o poderia fazer, mas depois consegui interligá-las dando outra ênfase às atividades desenvolvidas, promovendo a aprendizagem holística.

Relativamente ao impacto do estágio no grupo, considero que foi positivo pois as vozes da comunidade educativa assim o revelam e consegui observar em cada atividade o entusiasmo e a motivação nas crianças.

De todas as atividades realizadas, as que tiveram maior impacto no grupo foi a pintura da banda desenhada e a da escultura através da língua gestual, pois nestas atividades as crianças puderam explorar diversos materiais, de forma autónoma. Um dos pontos mais importantes da atividade da banda desenhada foi o facto de terem pintado no chão o que

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

permitiu uma maior liberdade na realização da tarefa. Na atividade da língua gestual foi a exploração da língua e o contacto com a massa Das.

Foi de facto evidente a entrega e dedicação que o grupo apresentou ao longo de todo o projeto, o que me permitiu vivenciar esta experiência de forma muito positiva. Em relação a minha prestação ao longo do mesmo posso considerar que foi bastante satisfatória.

Sinto-me realizada pelo facto de ter trabalhado um tema que me diz muito, que faz referência a uma parte do meu ser a arte e a diferença, isto só foi possível porque tive comigo um grupo excepcional, que agarrou este projeto com tudo e uma equipa educativa fantástica que me acompanhou em todos os desafios e acima de tudo tentei sempre que possível corresponder às necessidades das crianças.

Esta experiência foi sem dúvida muito gratificante enquanto futura educadora e pessoa, pois quando se trabalha um tema com o qual nos identificamos, a partilha com as crianças é realizada de uma forma mais dinâmica e emotiva.

Para Matias & Vasconcelos(2010):

Se cada estagiário tiver oportunidades apropriadas no local de estágio para efetivamente desenvolver o conhecimento e a prática sobre a planificação, avaliação e reflexão crítica, para desenvolver as disposições necessárias ao estabelecimento de relações profissionais eficazes, para praticar competências de comunicação, incluindo a negociação e a resolução de conflitos e ainda desenvolver uma filosofia profissional na relação com a prática pedagógica com crianças e adultos, consegue adquirir uma consistente ação profissional(p.23).

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Referências Bibliograficas

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

1. Referências Bibliográficas

A

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.

Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Alexandre, A. (2014). *A inclusão como processo de integração socioeducativo, relatório final, apresentado à escola superior de educação e comunicação*. Tese de Mestrado, Universidade do Algarve, Algarve.

Ambrósio, T. (2001). *Educação e Desenvolvimento; Contributo para uma mudança reflexiva da Educação*. Lisboa: UIED.

Arnheim, R. (1969). *Visual thinking*. Local; University of Califórnia Press.

B

Bautista, R. (1997). Educação especial e reforma educativa. Uma escola para todos: A integração escolar. In R. Bautista (Coord.), *Necessidades educativas especiais* (pp. 9- 35). Lisboa: Dinalivro.

Beato, A. (2013). *Educação inclusiva: Estudo de caso sobre as perceções dos docentes e encarregados de educação*. Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, 64, ano VII, 40-43.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

C

Caetano, M. J. D., Silveira, C. R. A. & Gobbi, L. T. B. (2005). Desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses. *Revista Brasileira de Cine antropometria & Desempenho Humano*, 7 (2), 05-13.

Carneiro, R. (1997). Sobre a integração de alunos portadores de deficiência no ensino regular. *Revista Integração. Secretaria de Educação Especial do MEC*.

Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*. Vol. 13 N.º 2

Costa, A. (2013). *O desenvolvimento da motricidade fina: Um estudo de intervenção com crianças em idade pré-escolar*. Tese de mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Conceição, R. (2015). *A arte na educação infantil. A importância para o desenvolvimento infantil*. Tese de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.

D

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). Introduction. The discipline and practice of qualitative research. In *Handbook of qualitative research*. London, Sage Publications, p. 1-29.

Dias, C. M. (2012). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada, pp.1-21.

E

Esteves, M. (2009). Construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. *Sísifo. Revista de ciências da educação*, (8), pp. 37-48.

F

Félix, M (2018). *Pequenos artistas: A arte como o meio para o empenhamento e construção humana*. Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Santarém, Santarém.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Ferraz, M. (coord.) (2011). *Educação Expressiva. Um novo Paradigma Educativo. Vol. II.* Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.

Ferreira, C (2018). *Artes visuais na educação Pré-Escolar.* Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação e Comunicação, Algarve.

Ferreira, C (2014). *Arte Moderna e Contemporânea.* Lisboa: A Bela e o Monstro, Edições Lda.

Flinchum, B. M. (1986). *Desenvolvimento motor da criança.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A.

I

Forneiro, M. L. I. (2008). Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en Educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. *Revista Ibero-Americana de Educación, 47.*

K

Kandinsky, N. (2003). *Wassily Kandinsky, Do espiritual na arte.* Lisboa: Dom Quixote.

L

Laws, G. & Kelly, E. (2005). The Attitudes and Friendship Intentions of Children in United Kingdom Mainstream Schools towards Peers with Physical or Intellectual Disabilities. *International Journal of Disability, Development and Education, 52(2), 79-99.*

Le Boulch, J. (1984). *Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar.* Paris: Les Éditions ESF.

Le Boulch, J. (2001). *O desenvolvimento psicomotor. Do nascimento até aos 6 anos. A psicocinética na idade pré-escolar (5ª ed.)* Porto Alegre: Artmed.

Lopes, L., Lopes, V., Santos, R. & Pereira, B. (2011). Associações entre atividade física, habilidades e coordenação motora em crianças portuguesas. *Revista Brasileira Cine antropometria & Desempenho Humano, 13 (1), 15-21.*

Loureiro, F. (2018). *O papel do Educador de Infância nas Artes Visuais.* Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Lowenfeld, V. & Brittain, W. L. (1970). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou.

M

Malavasi, L., & Zoccatelli, B. (2013). *Documentar os projetos nos serviços educativos*. Lisboa: APEI - Associação de Profissionais de educação de Infância.

Mantoan, M. T. E., Prieto, R. G., & Arantes, V. A. (2006). Entre pontos e contrapontos. In *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.

Máximo- Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.

Mazzota, M.J.S. (1982). *Fundamentos da Educação Especial*. São Paulo: Editora Livraria Pioneira.

McGraw-Hill.Pedroso, J. (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manuel de Apoio à Prática*. Ministério da educação / Direção-Geral da Educação (DGE). Lisboa.

Montez, R. (2012). *Vamos. Pegar o Mundo com as Nossas Mãos*. Lisboa: Editora

Moraes, M. C. (2007). *Mediação pedagógica, inserção escolar de alunos com deficiência mental e arte: Um olhar sobre o projeto espaço criativo*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.

O

Oliveira-Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em Participação*. Porto: Porto Editora.

Oliveira, M. (2013). *A Arte contemporânea em contexto Educativo*. In Ângela Saldanha (Ed.), *Atas do Encontro Nacional da APECV*, pp.17-21. Porto.

Oliveira, M. (2014). *As atividades no pré-escolar e o envolvimento da criança*. Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação de Santa Maria, Porto.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

P

Papalia, D. E.; Olds S. W.; & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. (8ª ed.). Lisboa: Editora McGraw Hill

Piaget, J. (2000). *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio.

Picasso, P. (1997). *The Yearls, 1892-1906*. National Gallery of Art: Washington.

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Uma Estratégia de Formação e de Construção do Conhecimento Profissional. In *GTI(org.), refletir e investigar sobre a prática profissional*, (pp. 153-180). Lisboa: APM.

Q

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

R

Reily, L.H. (2001). *Armazém de imagens: Ensaio sobre a produção artística da pessoa com deficiência*. Campinas: Papirus.

Rocha, M. (2001). *Educação em Arte: conceções e práticas. Um estudo sobre o ato educativo de professores do 2º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Rodão, F. (1988). *Como desenvolver a psicomotricidade na criança*. Porto: Porto Editora.

Rodrigues, D. (2000). O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. *Inclusão*, 1, 7-13.

Rodrigues, D., et al, (2007). *Percursos de educação inclusiva em Portugal: dez estudos de caso*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

S

Salend, S. J. (1998). *Effective mainstreaming - Creative inclusion classrooms*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Salvador, A (1988). *Conhecer a criança através do desenho*. Porto: Porto Editora.

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Santos, B. R. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão. Quando todos Ensinam e Aprendem com Todos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Silva, J (2017). *Comparação, Perceções e Práticas Educativas*, Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação da Paula Frassinetti, Porto.

Sousa. A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação. 3º Volume, Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Sprintahll, N., & Sprintahll, R (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.

T

Teixeira, K. F. (2006). A arte e a inclusão escolar do aluno com síndrome de down. *Revista de iniciação científica*, 4, 1.

V

Vasconcelos, R. (2017). *Artistas de Palma e Meio: Artes Plásticas no Jardim de Infância*. Tese de Mestrado Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Vygotsky, L. S. (1999). *Psicologia da arte*. (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins fontes.

Convenções e Declarações:

UNESCO (1994), Declaração de Salamanca. Lisboa: Edição do I.I.E

Legislação Consultada:

Decreto-Lei nº 5/97, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Diário da República, I Série- A de 10 de fevereiro, nº 34 - Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

APÊNDICES

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice A-Entrevista à participante do estudo (M)

Bloco	Objetivos	Assunto a abordar
A Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Transmitir ao entrevistado a pertinência da entrevista e do seu contributo, explicando brevemente o estudo que se está a desenvolver na área da expressão e comunicação, mais propriamente no subdomínio das artes visuais, nomeadamente no desenvolvimento da motricidade fina, e no conhecimento de práticas inclusivas . Solicitar permissão para realizar algumas questões.
B Caracterização das crianças	Recolher dados pessoais sobre a crianças	Qual o seu género? Feminino M Quantos anos tens? 6 anos
C Caracterização dos conceitos de Arte e Inclusão	Explorar o potencial das Artes Visuais na educação pré-escolar	Sabes o que é a arte? É pintar, música A arte é importante? É bom, porque gosto de pintar e sinto-me feliz Como se faz arte? Com pinceis, tintas, pintura com as mãos, com a boca e com os pés.
	Compreender a relação da arte com a motricidade fina	O que gostaste mais de fazer? porquê? Foi pintar com os pés, porque sim. O que foi mais difícil de fazer? porquê? Foi a pintura com a boca, porque o pincel estava sempre a cair

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<p>Qual foi a parte do teu corpo com a qual gostas mais de te expressar? Porquê?</p> <p>Foi com os pés, porque foi engraçado e tinha cocegas.</p>
	<p>A Inclusão e motricidade fina</p>	<p>Como podemos comunicar ao outro a arte?</p> <p>A arte é feita com a boca, com os desenhos que eu faço</p> <p>Achas que todas as crianças conseguem fazer arte? Como?</p> <p>Todos somos capazes de fazer arte, como o menino de cadeira de rodas do vídeo</p> <p>Achas que as crianças diferentes podem fazer arte? Sim</p> <p>A arte pode ajudar a fazer novos amigos?</p> <p>Sim, porque quando pinto gosto dos amigos ao pé de mim e de mostrar aos amigos.</p>

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice B-Entrevista à participante do estudo (M.F)

Bloco	Objetivos	Assunto a abordar
A Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Transmitir ao entrevistado a pertinência da entrevista e do seu contributo, explicando brevemente o estudo que se está a desenvolver na área da expressão e comunicação, mais propriamente no subdomínio das artes visuais, nomeadamente no desenvolvimento da motricidade fina, e no conhecimento de práticas inclusivas . Solicitar permissão para realizar algumas questões.
B Caracterização das crianças	Recolher dados pessoais sobre a crianças	Qual o seu género? Feminino M.F Quantos anos tens? 4 anos
C Caracterização dos conceitos de Arte e Inclusão	Explorar o potencial das Artes Visuais na educação pré-escolar Compreender a relação da arte com a motricidade fina	Sabes o que é a arte? É pintar com as mãos, e fazer obras como os pintores A arte é importante? É bom, porque temos que pintar e eu gosto muito Como se faz arte? Com pinceis, tintas, pintura com as mãos, com folhas, paus como na arte rupestre O que gostaste mais de fazer? porquê? Foi Miró, quando estávamos deitados no chão a sonhar como ele, vimos as obras no teto e depois pintamos na caixa de luz O que foi mais difícil de fazer? porquê? Foi a pintura com os pés, porque tenho muitas cocegas. Sabes até consigo pegar os ténis com os pés! Qual foi a parte do teu corpo com a qual gostas mais de te expressar? Porquê?

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		Foi a pintura com a boca, tinha cocegas e não conseguia agarrar muito bem o pincel
	A Inclusão e motricidade fina	<p>Como podemos comunicar ao outro a arte? Dizendo que a arte é pintar com tintas e é muito giro. Eu sinto-me feliz quando pinto Achas que todas as crianças conseguem fazer arte? Como? Sim conseguem, com ajuda, como as pessoas que não têm mãos, pintam com a boca Achas que as crianças diferentes podem fazer arte? Sim podem todos podemos fazer teatro, pintar, música... A arte pode ajudar a fazer novos amigos? Sim, ajuda muito, eu mostro aos amigos e digo o que fiz, as vezes desenho a F porque é minha amiga.</p>

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice C- Entrevista ao participante do estudo (F.D)

Bloco	Objetivos	Assunto a abordar
A Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Transmitir ao entrevistado a pertinência da entrevista e do seu contributo, explicando brevemente o estudo que se está a desenvolver na área da expressão e comunicação, mais propriamente no subdomínio das artes visuais, nomeadamente no desenvolvimento da motricidade fina, e no conhecimento de práticas inclusivas . Solicitar permissão para realizar algumas questões.
B Caracterização das crianças	Recolher dados pessoais sobre a crianças	Qual o seu género? Masculino F.D Quantos anos tens? 5 anos
C Caracterização dos conceitos de Arte e Inclusão	Explorar o potencial das Artes Visuais na educação pré-escolar	Sabes o que é a arte? A arte é gira, porque se faz pinturas e fizemos o projeto de Miró, e também a que fizemos com o pano e as cordas A arte é importante? Porque eu gosto de pintar, porque quando pinto em quadros sinto-me feliz Como se faz arte? Com os olhos vendados nas folhas, com pincéis e tintas e com a coluna da música da isabel

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

	<p>Compreender a relação da arte com a motricidade fina</p>	<p>O que gostaste mais de fazer? porquê? Gostei mais de fazer a atividade com o pano, porque tive que sentir os buracos, porque não via, e da língua gestual O que foi mais difícil de fazer? porquê? O teatro, estar a frente do pano Qual foi a parte do teu corpo com a qual gostas mais de te expressar? Porquê? Gostei mais de pintar com pé, porque tinha de por o pincel no meio dos dedos e da boca porque se fez pinturas estranhas no escuro</p>
	<p>A Inclusão e motricidade fina</p>	<p>Como podemos comunicar ao outro a arte? Quando fazemos pinturas e falamos delas aos amigos. Achas que todas as crianças conseguem fazer arte? Como? Sim, alguns tem que ter ajuda e outros não. Fazem com o pé e a boca e as pessoas cegas com bolas de cola a volta para sentirem Achas que as crianças diferentes podem fazer arte? Sim, como o menino cego o tomas, da história qua contaste isabel A arte pode ajudar a fazer novos amigos? Sim, porque quando conhecemos alguém, fazemos desenhos uns aos outros E aprendi que temos que ajudar todos e não podemos rir de ninguém, porque somos todos iguais.</p>

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice D-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade)

Data: 5 de abril de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Visualização do vídeo sobre a arte rupestre seguidamente realização um diálogo				x	
Hora					
10h20 Pintura da gruta					x
Hora					
10h40 Diálogo de consolidação de conceitos relativos à arte rupestre				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice E-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade)

Data: 5 de abril de 2019

Nome da Criança (Iniciais): L Sexo: M Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
10h Visualização do vídeo sobre a arte rupestre seguidamente realização um diálogo		x			
Hora					
10h20 Pintura da gruta				x	
Hora					
10h40 Diálogo de consolidação de conceitos relativos à arte rupestre		x			

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice F-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (1ª Atividade)

Data: 5 de abril de 2019

Nome da Criança (Iniciais): T.F Sexo: M Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Visualização do vídeo sobre a arte rupestre seguidamente realização um diálogo		x			
Hora					
10h20 Pintura da gruta			X		
Hora					
10h40 Diálogo de consolidação de conceitos relativos à arte rupestre		x			

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice G-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade)

Data: 29 de abril de 2019 Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25 N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Elaboração do fantoche Miró.				x	
Hora					
10h20 Sonho de Miró, em que as crianças se deitam no chão para visualizarem animações referentes as obras projetadas no teto.				x	
Hora					
10h40 Interpretação das obras				x	
Hora					
11h Realização da pintura em caixa de luz.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice H-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade)

Data: 29 de abril de 2019 Nome da Criança (Iniciais): L Sexo: M Idade: 5

N.º de crianças presentes: 25 N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Elaboração do fantoche Miró.			X		
Hora					
10h20 Sonho de Miró, em que as crianças se deitam no chão para visualizarem animações referentes as obras projetadas no teto.				x	
Hora					
10h40 Interpretação das obras				x	
Hora					
11h Realização da pintura em caixa de luz.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice I-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (2ª Atividade)

Data: 29 de abril de 2019

Nome da Criança (Iniciais): T.F Sexo: M Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Elaboração do fantoche Miró.			x		
Hora					
10h20 Sonho de Miró, em que as crianças se deitam no chão para visualizarem animações referentes as obras projetadas no teto.			3		
Hora					
10h40 Interpretação das obras			x		
Hora					
11h Realização da pintura em caixa de luz.				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice J-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3^a Atividade)

Data: 17 de maio de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Apresentação do power point				x	
Hora					
10h20 Diálogo sobre as características da Pop Art				x	
Hora					
10h40 Pintura das telas da banda desenhada.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice K-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3^a Atividade)

Data: 17 de maio de 2019

Nome da Criança (Iniciais): L Sexo: M Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Apresentação do power point			x		
Hora					
10h20 Diálogo sobre as características da Pop Art			x		
Hora					
10h40 Pintura das telas da banda desenhada.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice L-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (3^a Atividade)

Data: 17 de maio de 2019

Nome da Criança (Iniciais): T.F Sexo: M Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
10h Apresentação do power point			x		
Hora					
10h20 Diálogo sobre as características da Pop Art				x	
Hora					
10h40 Pintura das telas da banda desenhada.				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice M-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4^a Atividade)

Data: 21 de outubro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Diálogo referente às características da inclusão e introdução dos conceitos acerca da atividade.				x	
Hora					
10h20 Visualização de um vídeo sobre pessoas com incapacidade motora, que utilizaram a arte como instrumento de inclusão				x	
Hora					
10h40 Pintura com a o pincel na boca, na luz negra com tinta invisível.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice N-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4^a Atividade)

Data: 21 de outubro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M.F Sexo: F Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
10h Diálogo referente às características da inclusão e introdução dos conceitos acerca da atividade.			X		
10h20 Visualização de um vídeo sobre pessoas com incapacidade motora, que utilizaram a arte como instrumento de inclusão				x	
10h40 Pintura com a o pincel na boca, na luz negra com tinta invisível.				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice O-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (4^a Atividade)

Data: 21 de outubro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): F.D Sexo: M Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
10h Diálogo referente às características da inclusão e introdução dos conceitos acerca da atividade.			x		
10h20 Visualização de um vídeo sobre pessoas com incapacidade motora, que utilizaram a arte como instrumento de inclusão				x	
10h40 Pintura com a o pincel na boca, na luz negra com tinta invisível.					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice P-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (5^a Atividade)

Data: 11 de novembro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 6 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Realização de um diálogo referente às características da inclusão e à técnica utilizada.				x	
Hora					
10h20 Pintura com os pés					x
Hora					
10h40 Diálogo reflexivo acerca das aprendizagens adquiridas					x

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice Q-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (5^a Atividade)

Data: 11 de novembro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M.F Sexo: F Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Realização de um diálogo referente às características da inclusão e à técnica utilizada.				x	
Hora					
10h20 Pintura com os pés					x
Hora					
10h40 Diálogo reflexivo acerca das aprendizagens adquiridas				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice R-Ficha de observação do envolvimento da criança (5ª atividade)

Data: 11 de novembro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): F.D Sexo: M Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Realização de um diálogo referente às características da inclusão e à técnica utilizada.				x	
Hora					
10h20 Pintura com os pés					x
Hora					
10h40 Diálogo reflexivo acerca das aprendizagens adquiridas				x	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice S-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6^a Atividade)

Data: 25 de novembro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): M Sexo: F Idade: 6 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
	1	2	3	4	5
Hora					
10h Diálogo acerca da língua gestual				X	
Hora					
10h15 Exploração da língua gestual					X
Hora					
10h30 Realização da escultura					X
Hora					
10h45 Pintura da escultura					X
Hora					
11h Reflexão da atividade					X

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice T-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6^a Atividade)

Data: 25 de novembro de 2019 Nome da Criança (Iniciais): M.F Sexo: F
 Idade: 4 N.º de crianças presentes: 25 N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Diálogo acerca da língua gestual				X	
Hora					
10h15 Exploração da língua gestual					X
Hora					
10h30 Realização da escultura					X
Hora					
10h45 Pintura da escultura					X
Hora					
11h Reflexão da atividade					X

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Apêndice U-Ficha de Observação do Envolvimento da Criança (6^a Atividade)

Data: 25 de novembro de 2019

Nome da Criança (Iniciais): F.D Sexo: M Idade: 5 N.º de crianças presentes: 25

N.º de Adultos presentes: 3 Período de Tempo: 1h

(M) MANHÃ/ (T) TARDE	Nível de Envolvimento				
Hora	1	2	3	4	5
10h Diálogo acerca da língua gestual			X		
Hora					
10h15 Exploração da língua gestual				X	
Hora					
10h30 Realização da escultura					X
Hora					
10h45 Pintura da escultura					X
Hora					
11h Reflexão da atividade				X	

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexos

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo A-Planificação 1º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: Arte Rupestre						
Semana: 5 de Abril						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Critérios de Avaliação:
Conhecimento do Mundo Expressão e Comunicação	Domínio: Linguagem Oral e Abordagem á escrita	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer relações entre o presente e o passado da comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e praticas culturais Usar a linguagem oral em contexto, 	<p>Etapa 1- Apresentação da história da arte rupestre através de vídeos.</p> <p>Etapa 2- Diálogo em grande grupo com apoio de imagens sobre o que é</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Educadora cooperante Estagiária cooperante Estagiária Auxiliar Crianças <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Computador Colunas 	2 dias	Dialoga sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos (museus, galerias, outras instituições culturais,

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p>	<p>conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado á situação.</p> <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<p>a arte rupestre, as diferenças com a arte atual e os materiais utilizados naquela época.</p> <p>Etapa 3- Construção de uma gruta, e de um cenário do tempo da arte rupestre.</p> <p>Etapa 4- Elaboração das tintas com material</p>	<ul style="list-style-type: none"> Imagens relacionada s com a arte rupestre Cartão Papel de cenário Cola quente Canas Cartolinas Tesouras Papel de alumínio 4 taças Especiarias Paus de árvore Água Álcool 	<p>natureza, livros online etc.).</p> <p>Emite opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação.</p> <p>Representa e recria</p>
--	---	---	--	--	---

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			<p>comestível, de seguida inicia-se a pintura da gruta com o auxílio de paus e das próprias mãos.</p>			<p>plasticamente vivencias individuais, temas. histórias, pessoas, animais, utilizando diferentes materiais. Compreende e aceita a diversidade de hábitos, vestuário, alimentação. Religiões, característicos de diferentes</p>
--	--	--	---	--	--	---

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

						realidades culturais
--	--	--	--	--	--	-------------------------

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo B-Planificação 2º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: vamos conhecer Miró						
Semana: 29 de abril a 3 de maio						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Critérios de Avaliação:
Expressão e Comunicação	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Jogo dramático/teatro</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar espetáculos teatrais e outras praticas performativas de diferentes estilos e caraterísticas, verbalizando a sua opinião e leitura critica 	<p>Etapa1- Reunir o grupo em roda e pedir que tirem de dentro da caixa as obras de Miró.</p> <p>Etapa 2- Vestir o fantoche com os materiais da caixa,</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora cooperante • Estagiária cooperante • Estagiária • Auxiliar • Crianças <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caixa transparent e 	2 dias	Dialoga sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos (museus, galerias, outras instituições culturais,

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa 	<p>dando vida ao mesmo, inicia-se e leitura dramatizada da adaptação da história “o quadro mais bonito do mundo”</p> <p>Etapa 3- Apresentação das obras e sua interpretação.</p> <p>Etapa 4- Representação das obras de miro numa caixa de luz,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fantoche de corpo • Boina de pintor • Paleta • Pinceis • 3 obras do pintor • Luzes de natal • Tintas • Coluna • Avental • Batas • História “O quadro mais bonito do mundo” 	<p>natureza, livros online etc.).</p> <p>Emite opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação.</p> <p>Representa e recria</p>
--	--	---	---	--	---

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			ao som de música calma.	<ul style="list-style-type: none"> Folhas brancas 		<p>plasticamente vivencias individuais, temas. histórias, pessoas, animais, utilizando diferentes materiais. Compreende e aceita a diversidade de hábitos, vestuário, alimentação. Religiões, característicos de diferentes</p>
--	--	--	-------------------------	--	--	---

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

						realidades culturais
--	--	--	--	--	--	-------------------------

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo C-Planificação 3º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: Visita da Inês (Pintora).						
Semana: 17 de Maio						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Critérios de Avaliação:
Expressão e Comunicação	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação 	<p>Etapa 1- Reunir o grupo em roda e apresentar a Inês.</p> <p>Etapa 2- De seguida irá ser apresentado um poder point com desenhos da mesma.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Educadora cooperativa Estagiária cooperativa Estagiária Auxiliar Crianças 	2 dias	Dialoga sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos (museus, galerias, outras instituições culturais,

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<p>visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciar diferentes manifestações de arte visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura), expressando a sua opinião e leitura crítica. 	<p>Contar sobre a história de alguns</p> <p>Etapa 3- apresentar as características principais do pop art:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cores vivas - Expressividade de - Contorno - Linguagem de banda desenhada - Cores polidas - Arte comercial 	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paleta • Pinceis • Tintas • Avental • Batas • Folhas brancas 	<p>natureza, livros online etc.).</p> <p>Emite opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação.</p>
--	--	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			<p>Arte dos supermercados</p> <p>Etapa 4-</p> <p>Dividir grupos</p> <ul style="list-style-type: none"> - 7 grupos, 4 com 4 e dois com 5 - Distribuir seis folhas já desenhadas (com paisagem) - Fazer exercício de correspondência (entre paisagem e emoção) - Distribuir tintas e pinceis. 			<p>Representa e recria plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, utilizando diferentes materiais.</p> <p>Compreende e aceita a diversidade de hábitos, vestuário, alimentação.</p> <p>Religiões, característicos</p>
--	--	--	--	--	--	---

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			Por fim pintar em grupo.			de diferentes realidades culturais
--	--	--	--------------------------	--	--	------------------------------------

O contributo da envolvimento das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo D-Planificação 4º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: Pintura do desenho livre com a boca						
Semana: 21 outubro						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Avaliação:
Formação pessoal e social		<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às dos outros. • Cooperar com os outros no 	<p>Etapa1-</p> <p>Diálogo com o grupo acerca de pessoas com deficiência motora (imagens relacionadas)</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora cooperante • Estagiária cooperante • Estagiária • Auxiliar • Crianças <p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pincéis • Luz negra 	1 dia	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos escritos • Diálogo em grande grupo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

<p>Expressão e Comunicação</p>	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p>	<p>processo de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respeitar a diversidade e socializar-se com os outros <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<p>Etapa 2- De seguida apresentar um vídeo relacionado com a pintura com a boca e com os pés.</p> <p>Etapa 3- Preparar o material na mesa.</p> <p>Etapa 4- Pedir a 3 crianças que se sentem na mesa, para</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos da atividade anterior • Aguarelas • Tinta invisível • Imagens de pessoas incapacitadas • Computador(vídeo) 	
--------------------------------	---	--	--	---	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa. • Apreciar diferentes manifestações de arte visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura), expressando a 	<p>iniciarem a pintura.</p> <p>Etapa 5- Explicação do método de pintura pela estagiária.</p> <p>Etapa 6- Reflexão acerca das diferenças e da inclusão, e apresentação dos desenhos ao grupo.</p>		
--	--	---	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		sua opinião e leitura crítica.				
--	--	-----------------------------------	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo E-Planificação 5º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: Kandinsky						
Semana: 11 de novembro						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Avaliação:
Formação pessoal e social		<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às dos outros. • Cooperar com os outros no processo de aprendizagem 	<p>Etapa 1- Diálogo com o grupo acerca das etapas da atividade</p> <p>Etapa 2- De seguida apresentar umas imagens com uns instrumentos e identificar os mesmos</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora cooperante • Estagiária cooperante • Estagiária • Auxiliar • Crianças <p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pincéis • Argolas de madeira 	2 dias	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos escritos • Diálogo em grande grupo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

<p>Expressão e Comunicação</p>	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p> <p>Música</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar a diversidade e socializar-se com os outros • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Reconhecer e mobilizar elementos da 	<p>relacionando as cores correspondentes</p> <p>Etapa 3- Colocar o som dos instrumentos.</p> <p>Etapa 4- Apresentar os puzzles, e modo como serão executados (pés), de seguida espalhar o</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tinta caseira: - Farinha - Sal - Água - Tintas • Micro-ondas • Imagens de instrumentos • Puzzle: - Imagens A3 do pintor e da obra - Tesoura - Molde - Papel autocolante 		
--------------------------------	---	---	---	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<p>comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciar diferentes manifestações de arte visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura), expressando a sua opinião e leitura crítica. 	<p>mesmo no chão.</p> <p>Etapa 4- Pedir a 3 crianças que se descalcem, e que iniciem o jogo</p> <p>Etapa 5- Diálogo acerca do pintor e da obra</p> <p>Etapa 6- De seguida pedir a uma criança de cada vez que sente na cadeira e que ao som do</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta • Telemóvel • Coluna • Spray brilhante 		
--	--	--	---	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e descrever os sons que ouve quanto às suas características rítmicas, melódicas, dinâmicas, tímbricas e formais • Interpretar com intencionalidade expressiva-musical: cantos rítmicos, jogos prosódicos e canções. 	<p>instrumento, terá que escolher a cor e pintar na argola</p> <p>Etapa 6- Cozer a tinta no micro-ondas</p> <p>Etapa 7- Reflexão acerca do pintor e da obra e apresentação da argola depois de cozida.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

--	--	--	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Anexo F-Planificação 6º Atividade

Valência: Grupo de pré-escolar dos 3 aos 6 anos						
Finalidade: Escultura Romero Britto						
Semana: 25 novembro						
Área Disciplinar:	Domínios/subdomínios	Objetivos:	Atividades e Estratégias:	Recursos:	Duração:	Avaliação:
Formação pessoal e social		<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às dos outros. • Cooperar com os outros no processo de aprendizagem 	<p>Etapa 1- Abordagem do tema surdez e de Romero Britto, através de um jogo, com um dado, com imagens relacionadas com as mesmas.</p> <p>Etapa 2-</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora cooperativa • Estagiária cooperativa • Estagiária • Auxiliar • Crianças 	3 dias	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos escritos • Diálogo em grande grupo

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

Expressão e Comunicação	<p>Domínio: Educação artística</p> <p>Subdomínio: Artes visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar a diversidade e socializar-se com os outros • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Reconhecer e mobilizar elementos da 	<p>De seguida através de um curso de esferovite, explicar como fazer as partes do corpo através de língua gestual</p> <p>Etapa 3- Preparar o material de escultura.</p> <p>Etapa 4- Pedir a 2 crianças que se sentem na mesa, para iniciarem a escultura.</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pincéis • Massa Das • Cubo de cartolina • Imagens de Romero Britto • Tintas • Cola • Tesoura • Balões • Lençol • Mesas 		
-------------------------	---	---	---	---	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

		<p>comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciar diferentes manifestações de arte visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura), expressando a sua opinião e leitura crítica. 	<p>Etapa 5- Explicação das etapas com gestos, pedindo que reproduzam.</p> <p>Etapa 6- Apos a secagem da massa, pintura da escultura com a boca.</p> <p>Etapa 7- Depois de cada escultura já estar concluída, seguimos com um jogo de elaboração de</p>		
--	--	--	---	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			<p>uma história sobre o urso e o abraço.</p> <p>Etapa 8- Encher balões com imagens complementares de uma história. (Motivos de início, meio e fim)</p> <p>Etapa 9- Cada criança terá que rebentar um balão e dizer o</p>			
--	--	--	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.

			<p>que a imagem representa e assim formular uma frase sobre a história.</p> <p>Etapa 10- No final cada escultura dramatizara uma parte da história através de sombras chinesas.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

O contributo da envolvência das artes visuais com práticas inclusivas, no desenvolvimento da motricidade fina num grupo de crianças de educação pré-escolar.